

 HARLEQUIN

Sabrina[®]

ESQUECIMENTO DIFÍCIL

MAISEY YATES



Sabrina®

Maisey Yates
Esquecimento difícil



Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2016 Maisey Yates
© 2018 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Esquecimento difícil, n.º 1768 - novembro 2018
Título original: Carides's Forgotten Wife
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial. Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, carateres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited. Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-87-1307-127-5

Conversão ebook: MT Cor & Desenho, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Prólogo

«Outra festa aborrecida no meio de uma longa sucessão de festas aborrecidas», pensava Leon, enquanto se afastava no seu carro do hotel ostentoso de onde acabara de sair e se juntava ao trânsito das estreitas ruas italianas.

O clímax da tarde fora também o momento decepcionante, quando fora rejeitado pela namorada de Rocco Amari, uma mulher linda, exótica, morena e com um cabelo preto, comprido e ondulado. Teria sido uma companhia magnífica na sua cama naquela noite. Infelizmente, parecia totalmente entregue a Rocco, como ele, a ela.

«Cada um com o sua», pensou, com ironia. Ele não via nenhuma qualidade na monogamia.

A vida era um bufete glorioso de libertinagem. Porque haveria de impor limites?

Embora se tivesse ido embora com as mãos a abanar, gostara de irritar o seu rival nos negócios. Não podia negá-lo. E não compreendia a veia possessiva de Rocco, embora também fosse verdade que nunca experimentara sentimentos especialmente intensos por uma mulher e talvez fosse por isso que não conseguia entendê-lo.

Depois de virar numa rotunda, seguiu a estrada que levava para fora da cidade para se dirigir para a *villa* que ocupava enquanto estava em Itália. Era um lugar muito agradável, rústico e bem situado. Preferia lugares como aquele a umas águas-furtadas de luxo no centro do distrito financeiro da cidade, algo que, provavelmente, entrava em contradição com outros aspetos da sua personalidade. Mas também nunca se preocupara com ser um homem contraditório.

Possuía várias propriedades por todo o mundo, embora nenhuma fosse tão importante como a do Connecticut.

Recordar aquela casa, aquele lugar, fê-lo pensar na esposa.

Mas preferia não pensar em Rose naquele momento.

Por algum motivo que não compreendia, pensar nela logo depois de tentar levar outra mulher para a cama fazia-o sentir-se culpado.

Contudo, aquilo também não tinha lógica. Era verdade que eram casados, mas apenas no papel. Permitia que Rose fizesse o que quisesse com a sua vida e ela permitia que fizesse exatamente o mesmo.

Apesar de tudo, era fácil distrair-se, recordando os seus olhos grandes e luminosos azuis, e sentir...

Quando voltou a concentrar a sua atenção na estrada, viu as luzes de outro carro de frente.

Não houve tempo para corrigir a trajetória. Não houve tempo para reagir. Apenas sentiu o choque forte.

E a imagem dos olhos azuis de Rose desapareceu da sua mente.

Capítulo 1

– Por enquanto, está estável – informou o doutor Castellano.

Rose olhou para o marido, deitado na cama do hospital, com o peito e um braço ligados, os lábios inchados, um feio corte no meio e uma maçã do rosto totalmente arroxeadas.

Parecia... Não se parecia nada com Leon Carides. Leon Carides era um homem intenso, cheio de vida, poderoso, de um carisma inegável, um homem que despertava respeito com cada um dos seus movimentos, com cada fôlego, e que deixava as mulheres boquiabertas, exigindo toda a atenção e admiração com a sua mera presença.

E também era o homem de quem estava prestes a divorciar-se. Porém, não podia entregar os papéis de divórcio a um homem que estava inconsciente e gravemente ferido na cama de um hospital.

– É um milagre que tenha sobrevivido – acrescentou o médico.

– Sim – confirmou Rose, sentindo-se totalmente vazia. – Um milagre.

Uma parte dela, a que reprimiu imediatamente, pensou que teria sido muito melhor se tivesse morrido no acidente. Assim, não teria tido de enfrentar nada daquilo, a situação em que se encontrava a sua união. Ou melhor, a sua falta de união.

No entanto, embora não conseguisse suportar a ideia de continuar casada com ele, também não desejava que estivesse morto.

Engoliu em seco com esforço e assentiu lentamente.

– Graças a Deus pelos milagres. Grandes e pequenos.

– Sim.

– Acordou em algum momento?

– Não. Já chegou inconsciente. O choque foi muito forte e tem a cabeça seriamente magoada. Mostra atividade cerebral, de maneira que ainda há alguma esperança, mas quanto mais tempo continuar inconsciente, menos possibilidades terá de recuperar.

– Compreendo.

Rose demorara vinte e quatro horas a chegar de Connecticut a Itália e Leon estivera inconsciente durante todo aquele tempo. Mas havia todo o tipo de histórias sobre pessoas que tinham acordado milagrosamente depois de terem passado anos inconscientes. Sem dúvida, ainda havia esperança para Leon.

– Se tiver alguma pergunta, não hesite em entrar em contacto comigo. Não demorará a vir uma enfermeira, mas, se precisar de alguma coisa, este é o meu número – disse o médico, entregando-lhe um cartão.

Rose pensou que as coisas eram assim quando se recebia tratamento especial num hospital e, claro, Leon ia receber um tratamento especial. Era multimilionário e um dos homens de negócios com mais sucesso do mundo. Aquele tipo de coisas era sempre mais fácil para os ricos e poderosos.

– Obrigada – agradeceu, enquanto guardava o cartão na mala.

O médico saiu e fechou a porta atrás dela. Rose ficou de pé no meio do quarto, rodeada pelo som ténue das máquinas que vigiavam o estado de Leon. Começou a sentir um pânico crescente enquanto observava a figura inerte de Leon na cama. Supostamente, um homem como ele não podia ter aquele aspeto. Supostamente, não possuía a fragilidade do resto dos seres humanos.

Leon Carides sempre fora mais um deus do que um homem para ela. O tipo de homem com que fantasiara na sua juventude. Era dez anos mais velho do que ela e fora o protegido mais apreciado e em quem o pai mais confiara desde que ela tinha oito anos. Mal conseguia recordar um período da sua vida de que Leon não tivesse feito parte.

Desenvolto. Com um sorriso fácil. Sempre amável. Soubera vê-la realmente. E fizera-a sentir que importava.

Tudo aquilo mudara quando se tinham casado, claro.

Porém, não ia pensar no seu casamento naquele momento.

Não queria pensar em nada. Queria fechar os olhos e voltar para o jardim de rosas que havia na propriedade da sua família. Queria sentir-se rodeada pela fragrância delicada da brisa de verão, sentir-se rodeada por ela como se fosse um abraço amistoso que a protegia de tudo aquilo. No hospital, era tudo demasiado severo, demasiado branco, demasiado assético para ser um sonho.

Era muito real, um assalto aos seus sentidos.

Questionou-se se teria havido mais alguém com Leon no carro quando sofrera o acidente. Se fora assim, ninguém o mencionara. Também se interrogou se teria bebido. Também não tinham dito nada sobre isso.

Aquela era outra das vantagens de ser rico. As pessoas tentavam protegê-lo

com a intenção de beneficiar posteriormente.

Ao ouvir que Leon gemia, desviou rapidamente o olhar para a cama. Estava a mexer a mão, a puxar os diversos cabos e tubos a que estava ligado.

– Tem cuidado – avisou Rose, com suavidade. – Estás ligado a imensos... aparelhos.

Não sabia se conseguia ouvi-la e se compreendia o que dizia. Leon voltou a mexer-se e deixou escapar um gemido.

– Dói-te alguma coisa? – perguntou Rose.

– Sou pura dor – respondeu ele, num tom rouco e torturado.

Rose experimentou tal alívio ao ouvi-lo que se sentiu ligeiramente enjoada. Até àquele momento não se apercebera de como se sentia afetada e assustada.

De como se preocupava com Leon.

Aquele sentimento era totalmente contraditório com o breve instante em que desejara que tudo tivesse acabado.

Ou talvez não. Talvez ambos os sentimentos estivessem mais intimamente ligados do que podia parecer.

Porque enquanto Leon continuasse ali, ela continuaria sempre a sentir demasiado. E, se se tivesse ido embora, pelo menos, a sua perda não teria sido algo escolhido por ela.

– Provavelmente, precisas de mais analgésicos.

– Então, arranja-os – replicou Leon, com dureza.

Aparentemente, já estava a dar ordens, algo muito próprio do seu caráter. Leon nunca se sentia perdido, sabia sempre o que fazer. Até quando o pai de Rose morrera e ela se sentira perdida num poço de dor, ele dera um passo em frente e tomara conta de tudo.

Não a consolara como um marido devia ter consolado a mulher. Nunca fora um verdadeiro marido para ela, pelo menos, no verdadeiro sentido da palavra. Mas certificara-se de que tomavam conta dela. Certificara-se de que o enterro e todos os aspetos legais do testamento eram executados perfeitamente.

E aquele fora o motivo por que, apesar de tudo, Rose achara correto continuar casada com ele durante aqueles dois últimos anos. E também fora o motivo por que, mesmo que significasse perder tudo, decidira que tinha de o deixar a todo o custo.

Mas deixá-lo naquelas circunstâncias não lhe parecia correto. Leon não fora um verdadeiro marido para ela, mas também não a abandonara quando precisara dele. Ela não podia fazer menos.

– Vou chamar uma enfermeira – disse, enquanto pegava no telemóvel para

enviar uma mensagem de texto breve.

«Acordou.»

O mero facto de poder escrever aquelas palavras causou-lhe um alívio intenso que não quis parar para examinar.

Leon abriu os olhos e começou a olhar ao seu redor.

– Não és uma enfermeira?

– Não – respondeu Rose, perturbada. – Sou a Rose.

– A Rose?

– Sim. – A confusão de Rose deu lugar a uma sensação de alarme. – Vim para Itália assim que soube do teu acidente.

– Estamos em Itália? – perguntou Leon, claramente confuso.

– Sim. Onde achavas que estava?

Leon franziu a sobancelha.

– Não sei.

– Tinhas vindo a Itália para tratar de uns negócios. – E, provavelmente, para desfrutar de outros prazeres, pensou Rose, embora não tencionasse dizer-lhe. – Tinhas acabado de sair de uma festa e chocaste de frente com outro carro que passou para a tua faixa. Entre outras coisas, batestes com a cabeça com força.

– É por isso que me sinto assim – concluiu Leon, num tom rouco. – Como se o carro tivesse chocado diretamente contra a minha cabeça.

– Sempre gostaste de conduzir demasiado depressa, portanto, isso não me surpreende.

Leon franziu o sobrolho.

– Conhecemo-nos?

Rose não escondeu a sua perplexidade ao ouvir aquilo.

– Claro que nos conhecemos. Sou a tua esposa.

«Sou a tua esposa.»

Aquelas palavras ecoaram na mente de Leon sem que conseguisse encontrar-lhes sentido. Não conseguia recordar... Nada. Nem o seu nome. Nem quem era. Nem o quê. Não conseguia recordar nada.

– És a minha esposa – repetiu, com a esperança de que lhe esclarecesse mente. Mas não houve mudanças.

– Sim – confirmou Rose. – Casámo-nos há dois anos.

– Casámo-nos? – Leon tentou evocar alguma imagem do casamento. Sabia o que era um casamento, mas não sabia como se chamava. Porém, não conseguia

imaginar aquela mulher vestida de noiva. O seu cabelo, de um loiro que alguns teriam chamado de esvaído, pendia, murcho, em torno dos seus ombros. A sua figura era bela e os seus olhos eram demasiado azuis e demasiado largos para o seu rosto.

«Olhos azuis.»

A lembrança atingiu a mente de Leon. Os seus olhos. Estivera a pensar naqueles olhos mesmo antes... Mas era tudo o que conseguia recordar.

– Sim. És a minha esposa – confirmou, mais para experimentar as palavras. Sabia que eram verdadeiras, embora não conseguisse recordá-lo.

– Ainda bem. Estava a começar a assustar-me – murmurou Rose, num tom trémulo.

– Estou aqui devastado e só agora é que comesas a assustar-te?

– Não, mas o facto de não pareceres recordar foi uma dose extra de medo.

– És a minha esposa – repetiu Leon. – E eu sou...

Um silêncio intenso apropriou-se do quarto por uns instantes.

– Não te lembras de mim – concluiu Rose, emocionada. – Não te lembras de mim e não sabes quem és.

Leon fechou os olhos e experimentou uma pontada de intensa dor na parte traseira das pernas.

– Devo recordar. A alternativa seria uma loucura. – Voltou a olhar para Rose. – Lembro-me dos teus olhos.

Alguma coisa mudou na expressão de Rose. Suavizou-se. Entreabriu os seus lábios pálidos e as suas faces recuperaram a cor. Naquele momento, quase parecia bonita. Leon pensou que a primeira impressão que tivera dela não fora justa. Afinal de contas, ele jazia na cama de um hospital e ela devia ter sentido um choque terrível ao descobrir que ele sofrera um acidente grave.

Dissera que acabara de viajar para Itália, mas não sabia de onde. Mas viajara para o ver, para estar ao seu lado. Não era de estranhar que estivesse pálida e cansada.

– Lembras-te dos meus olhos? – repetiu Rose.

– É a única coisa. Faz sentido, não te parece? – inquiriu Leon, porque ela era a sua esposa. Mas porque não conseguia recordar a sua esposa?

– Será melhor mandar chamar o médico.

– Estou bem.

– Não te lembras de nada. Como podes estar bem?

– Não vou morrer.

– Há dez minutos, o médico estava a dizer-me que existia a possibilidade de

não voltares a acordar, portanto, desculpa-me se me sinto um pouco cautelosa.

– Estou acordado. Posso presumir que as lembranças voltarão.

Rose assentiu lentamente.

– Sim. Suponho que sim.

Alguém bateu à porta com força e pontuou o silêncio que se seguiu às suas palavras.

Rose saiu do quarto para falar com o médico, sentindo que a cabeça dava voltas.

Leon não se lembrava de nada. «Nada.»

O doutor Castellano observou-a com uma expressão séria.

– Como está o seu marido, senhora Carides?

– Tanner – corrigiu Rose, mais por costume do que por outra coisa. – Não troquei o meu apelido pelo do meu marido quando me casei.

O médico assentiu.

– Conte-me o que se passou, por favor.

– O Leon não se lembra de nada – informou-o Rose, trémula por causa do choque. – Não se lembra de mim, não sabe quem é...

– Não se lembra nada?

– Nada. Não sabia o que dizer, o que fazer...

– Tem de lhe dizer quem é, claro, mas teremos de consultar um psicólogo especializado nestes casos. Não costumo lidar com casos de amnésia com frequência.

– Amnésia? – repetiu Rose, aterrorizada.

– É lógico que esteja muito assustada e preocupada, mas deve tentar ser otimista. O seu marido está estável e acordou. O mais provável é que não demore a recuperar a memória.

– Tem alguma prova estatística para apoiar isso?

– Como já lhe disse, não lido com casos de amnésia com frequência, mas é bastante habitual que quem sofre uma lesão grave na cabeça perca parte das suas lembranças. Não é habitual que percam a memória por completo, mas é possível.

– E essas pessoas que perdem parcialmente a memória, costumam recuperá-la?

– Às vezes, não – respondeu o médico.

– Nesse caso, talvez o Leon nunca volte a recordar. – Rose sentiu que a sua vida e o seu futuro lhe escapavam de entre as mãos enquanto murmurava aquelas

palavras. – Nada.

O doutor Castellano respirou fundo.

– Eu tentaria concentrar-me na possibilidade de recuperar as suas lembranças, não no contrário. Vamos mantê-lo controlado aqui enquanto for possível, mas suponho que recuperará muito melhor em casa, sob a supervisão dos seus médicos.

Rose assentiu. Aquilo era algo que Leon e ela tinham em comum. O trabalho do marido obrigava-o a estar fora com frequência, algo que era bom para os seus nervos, mas ambos adoravam a Casa Tanner, em Connecticut. Para ela, era o tesouro mais importante que restara da sua família, a mansão antiga e quase palaciana, com as suas grandes extensões de relva e o jardim de rosas que a mãe plantara em honra da sua única filha. Aquele era o seu refúgio.

E sempre tivera a sensação de que também era assim para Leon.

Embora cada um ocupasse uma ala diferente da mansão. Pelo menos, Leon nunca levava mulheres para lá. Permitira que a mantivesse e transformara-a numa espécie de santuário para ambos.

Também fora uma condição do seu casamento. O pai praticamente forçara aquela união quando a sua doença se agravara e tanto a sua empresa como aquela casa tinham sido o eixo central do acordo. Se Leon se divorciasse dela antes de passarem cinco anos, perderia a empresa e a casa. Se ela se divorciasse dele antes de passarem cinco anos, perderia a casa e tudo o resto, à exceção dos seus pertences pessoais.

O que significaria perder o seu refúgio. E o trabalho que fizera a arquivar a história da família Tanner, que remontava até à época do Mayflower.

E seria como perder tudo.

Contudo, estivera disposta a fazê-lo, pois já não podia continuar à espera que Leon decidisse se queria ser o seu marido em toda a extensão da palavra.

Mas, naquele momento, estavam ali.

– Sim – confirmou, com toda a firmeza que pôde. – O Leon querera mudar-se para Connecticut assim que for possível.

– Poderá fazê-lo assim que for seguro transferi-lo. Suponho que os médicos privados se encarreguem das necessidades dele lá.

Rose pensou nos médicos e enfermeiras que tinham tomado conta do seu pai durante a doença.

– Tenho muito bons contactos em Connecticut. – Rose voltou a olhar para o quarto e pestanejou, angustiada. – Voltaremos assim que for possível.

Mas voltar para Connecticut com Leon não era precisamente pedir o divórcio.

Não era dar o passo necessário para se tornar independente. Não significava livrar-se finalmente do homem que a obcecara durante quase toda a sua vida.

Mas Leon precisava dela naquele momento.

Como costumava acontecer com frequência, na sua mente, apareceu a imagem dela própria há vários anos, sentada no jardim de rosas do jardim familiar. Usava um vestido insosso, quase ridículo, e estava a chorar. O seu par para o baile de fim de ano deixara-a plantada. Muito provavelmente, o seu convite fora apenas uma brincadeira perversa.

De repente, levantara o olhar e vira Leon à frente dela. Vestia um fato elegante, provavelmente, porque planeava sair naquela noite depois de se encontrar com o pai dela. Rose engolira em seco enquanto observava o seu rosto atraente, envergonhada com o facto de estar a vê-la num dos momentos mais baixos da sua vida.

– O que se passa, *agape*? – perguntara ele.

– Nada. Só que... Os meus planos para a festa de fim de ano não correram como esperava.

Leon inclinara-se para lhe dar a mão e fazer com que se levantasse. Até então, nunca lhe tocara e a sensação causada pelo contacto da mão quente fora realmente chocante.

– Se alguém te magoou, diz-me como se chama. Vou certificar-me de fica irreconhecível quando acabar com ele.

Rose abanara firmemente a cabeça.

– Não. Não preciso que o meu pai e tu me defendam. Acho que isso seria pior.

– Tens a certeza?

O coração de Rose acelerara tanto que mal conseguira ouvi-lo.

– Sim.

– Nesse caso, e já que não me permites dar uma sova a quem te magoou, talvez estejas disposta a deixar-me dançar contigo.

Rose fora incapaz de fazer outra coisa senão assentir. Leon abraçara-a e começara a dançar com um passo fácil ao som de uma música imaginária. Rose nunca tivera jeito para dançar, mas ele não parecera importar-se. E, nos braços de Leon, não se sentia trôpega. Nos seus braços, sentia-se como se pudesse voar.

– Não és tu, Rose.

– A que te referes? – perguntara ela, num tom emocionado.

– É esta idade. Para alguns, não é fácil superá-la. Mas as pessoas como tu, sensíveis, delicadas, a quem custa adaptar-se às exigências da vida no secundário, acabam sempre por se destacar mais adiante. Chegarás muito mais

longe do que a maioria dos teus colegas que, aparentemente, triunfam agora. Isto é apenas temporário. Passarás o resto da tua vida a viver com mais esplendor e força do que eles poderiam imaginar para si próprios.

Aquelas palavras significaram muito para Rose e sempre as mantivera muito perto do seu coração. Agarrara-se a elas no dia em que se tinham casado, enquanto avançava para ele pelo corredor da igreja, pensando que talvez se tivesse refiro àquilo. Que aquela era a porta que se abria para a vida que Leon lhe prometera há dois anos.

Contudo, o seu casamento não se parecera com nada disso. Em vez de florescer, passara aqueles dois anos a sentir-se como se lhe tivessem cortado as asas. Custava-lhe muito conciliar o homem que Leon fora com o homem com quem se casara. Mesmo assim, aquela lembrança ainda era tão intensa e tão bonita que, apesar de tudo o que acontecera, não podia negar que Leon merecia a sua ajuda naquele momento.

Quando estivesse melhor, quando recuperasse a saúde, daria os passos necessários para seguir em frente com a sua vida. Sem ele.

– Diga-me apenas o que tenho de fazer para poder levá-lo o quanto antes.

Capítulo 2

Leon ainda não conseguia recordar o seu nome quando o tiraram do hospital numa cadeira de rodas para o pôr numa espécie de ambulância. Sabia qual era o seu nome, mas sabia porque lho tinham dito, não porque o recordara. Algo muito diferente.

Mas o que sabia com certeza era que tudo aquilo afetava intensamente o seu orgulho. Não gostava de precisar da ajuda dos outros. Não gostava de estar em desvantagem. E, porém, ali estava, à mercê dos outros e com o orgulho devastado. Era estranho não ter lembranças e, mesmo assim, ser tão consciente daqueles sentimentos.

O trajeto até ao aeroporto foi comprido e doloroso. Sabia que era sortudo por ter apenas duas costelas partidas por causa do acidente, para além de numerosas contusões, mas ainda estava demasiado dorido para andar. Esforçou-se para as memorizar todas para, pelo menos, saber alguma coisa sobre si próprio, o que era bastante deprimente.

Segundo o médico, no que dizia respeito à recuperação da sua memória, só deviam dar-lhe certas informações básicas sobre si próprio. Era importante que o resto das lembranças fosse regressando por si só.

E também odiava aquela situação. Era dependente dos outros no aspeto físico e também no terreno do conhecimento de si próprio. Todos os que o rodeavam sabiam mais sobre ele do que ele próprio. Sem dúvida, a sua mulher sabia muito mais sobre ele do que qualquer outra pessoa.

Virou o rosto para olhar para o seu perfil, para a sua expressão estoica enquanto observava a paisagem pela janela.

– Conheço-te muito bem – disse, com a esperança de que o facto de o dizer o tornasse verdade.

Devia conhecê-la. Devia saber o aspeto que tinha por baixo daquela roupa. Tocara nela. Beijara-a. Devia tê-lo feito muitas vezes, porque eram jovens e estavam apaixonados...

– Não tenho assim tanta certeza disso – respondeu Rose.

– E porquê?

Rose pestanejou, perturbada.

– Claro que sim.

Leon compreendeu imediatamente que estava a corrigir-se, que sentia que acabara de cometer um erro.

– Agora não estás a ser sincera comigo.

– Só estou a esforçar-me para seguir as instruções do médico. Não tenho a certeza do que posso ou não dizer-te. Não quero semear lembranças que não estão presentes.

– Por enquanto, quase não há nada. A minha mente é uma página em branco. Suponho que pudesses aproveitar-te disso e transformar-me na tua vítima.

As faces de Rose tingiram-se de cor. Leon supôs que era por causa do aborrecimento.

– Não tenciono fazer nada disso – defendeu-se e desviou o olhar para continuar a olhar pela janela.

– Isso é o que dizes, mas a verdade é que estou à tua mercê.

– Claro e sou tão aterradora...

– Podias ser. Pelo menos pelo que sei, tudo isto poderia ser uma mera artimanha. Afinal de contas, pareço ser um homem muito rico.

– E como sabes isso?

– Estive num quarto privado e luxuoso no hospital e fui atendido maravilhosamente por imensos médicos e enfermeiras.

– Talvez tenha sido assim porque és um caso especial.

– Oh, tenho a certeza disso. Há algumas coisas que sei por intuição, mas, outras, sei porque mas disseste, como o meu nome. Porém, sei que sou um caso especial.

– Espantoso – troçou Rose, num tom irónico. – Aparentemente, nada consegue superar o teu ego, Leon. Inclino-me perante tal proeza.

– Então, para além de ser especial, sou um egoísta exímio, não é? Deve ser maravilhoso viver comigo.

Rose pestanejou lentamente.

– Costumas viajar com frequência enquanto eu fico em Connecticut. Suponho que vivamos bem desse modo.

Leon levantou um ombro.

– Não vejo nada de estranho nisso. Duvido que haja muitas pessoas aptas para a coabitação.

– Essa é outra das coisas de que tens a certeza?

– Sim – replicou Leon, com firmeza. Sabia que aquilo era verdade. Sentia-o. – Suponho que tudo o que aconteceu tenha sido muito difícil para ti. – Não gostava de a ver tão pálida, tão tensa e aflita, algo que, tendo em conta que não recordava como costumava ser, era bastante estranho.

– Nenhuma mulher gosta de descobrir que é possível que o marido nunca recupere a memória.

– Suponho que não. E suponho que nenhuma pessoa goste de descobrir que é possível que nunca recupere a memória.

Rose inspirou fundo e expirou o ar devagar.

– Lamento. Isto não tem nada a ver com o facto de a situação estar a ser difícil para mim. Foste tu que foste ferido.

– Isso não é verdade. Mas claro que importa que isto esteja a ser difícil para ti. Afinal de contas, somos unha e carne, não é, *agape*? – Leon inclinou-se ligeiramente para ela com a esperança de sentir algum estímulo mental graças ao seu cheiro, ligeiramente floral. Mas não foi assim. Pelo menos, não recordou nada. Mas, afinal de contas, era um homem e sentiu outro tipo de estímulo. Embora Rose não fosse precisamente bonita num sentido tradicional, era tentadora, apetecível. – E, se somos tão próximos, o que me afeta também te afeta a ti.

Rose voltou a corar.

– Suponho que seja verdade.

Ficaram em silêncio durante o resto do trajeto para o aeroporto. Quando entraram no avião privado que os aguardava, Leon olhou com curiosidade em redor do interior opulento.

– Isto é meu?

Rose assentiu.

– Pelo menos, é o que espero. Não gostaria de me ter enganado no avião – acrescentou, com um sorriso.

– Nesse caso, de certeza que aparecemos nas primeiras páginas dos jornais.

– Algo que não queremos que aconteça – disse Rose, com firmeza.

– Porquê? Gostaria de beber um uísque.

– Nem pensar! – Rose franziu o sobrolho. – Não podes misturar o álcool com a quantidade de analgésicos que tens no corpo. E, voltando ao assunto da imprensa, não nos interessa que se saiba que tens problemas com a tua memória. Liguei para alguns jornais para lhes dizer que vais precisar de tempo para recuperar do acidente, mas que não demorarás a voltar a desempenhar as tuas

atividades normais.

– Muito eficiente da tua parte. Trabalhas na minha empresa?

– Não, mas passei muitos anos a ajudar o meu pai a geri-la, sobretudo, depois da morte da minha mãe, portanto, estou muito familiarizada com ela.

– Tomo conta do mesmo tipo de negócios do que o teu pai?

A expressão de Rose tornou-se repentinamente cautelosa.

– Creio que não devíamos estar a falar disto. De facto, sei que não devíamos estar a fazê-lo. O médico foi muito claro.

– Que amável da tua parte manter-me desinformado.

– É para o teu bem.

– Tratas-me como se fosse uma criança, não como um adulto.

– É provável que, agora, saibas menos do que uma criança, Leon.

– Sei muitas coisas! – protestou ele. – Não preciso de tanta proteção.

– Mas não estás em condições de trabalhar, o que significa que não deves preocupar-se com os detalhes do teu negócio.

– Como disse antes, estou à tua mercê. – Leon sentia que a cabeça martelava e teria podido matar por um uísque. Não tinha a certeza, mas pensava que não costumava passar tanto tempo sem beber.

– Não tenciono permitir que me enganes a estas alturas, Leon – declarou Rose, com firmeza. – Já nos conhecemos demasiado bem para isso. Agora, devias dormir. Quando acordares, estaremos em Connecticut e é possível que, nessa altura, se esclareçam muitas coisas na tua mente.

Quando o carro parou à frente da Casa Tanner, Leon esperava... alguma coisa. Uma sensação de familiaridade, de regresso ao lar. Rose dissera que aquela casa era muito importante para ele. De facto, comportara-se como se o seu regresso àquele lugar pudesse ser a chave da sua recuperação. Contudo, enquanto avançava para a mansão, quase palaciana, não se produziu nenhuma mudança, nenhum milagre.

Era uma edificação majestosa, de tijolo vermelho com algumas zonas cobertas por uma hera delicada. Havia apenas outra edificação próxima que, noutros tempos, devia ter sido o alojamento dos empregados. Longas extensões de um verde vibrante rodeavam ambos os edifícios e, onde finalizavam, erguia-se um bosque sombrio e denso que fazia com que aquele lugar parecesse pertencer a outra época, a um espaço totalmente alheio ao mundo.

Era uma casa linda. Mas Leon não encontrou nela a magia que esperava.

– Não te lembras dela, pois não? – perguntou Rose, num tom apagado.

– Não – respondeu Leon, enquanto continuava a olhar atentamente para as paredes e as janelas da casa, com a esperança cada vez mais remota de recuperar alguma lembrança.

– Há muitos anos que conheces esta casa. Desde que começaste a trabalhar para o meu pai quando te transformaste no seu protegido.

– Foi assim que nos conhecemos?

Rose assentiu e Leon percebeu uma certa rigidez na sua atitude, uma certa reticência.

– Costumavas reunir-te com ele no escritório, portanto, não saberia dizer-te do que falavam. Eu nunca estava presente, algo lógico, dado que era apenas uma criança.

Leon questionou-se quantos anos teria, se seria muito mais jovem do que ele. Parecia jovem, mas também não tinha referências, pois desconhecia a sua própria idade.

– Quantos anos tens? – perguntou.

– Não acho que isso tenha importância. Além disso, não é muito cortês perguntar a idade a uma rapariga. Ou também esqueceste isso?

– Não. Suponho que essa regra tenha sido inculcada de muito jovem, mas acho que, neste caso, tem importância. Se eu vinha para esta casa para trabalhar com o teu pai quando eras uma criança, deve haver uma diferença considerável de idade entre nós.

– Algo assim – concedeu Rose, num tom distante. – Mas deixemos o assunto. O que achas de entrarmos e de te mostrar o teu quarto?

Leon não estranhou as palavras de Rose até começarem a avançar pelo grande vestíbulo da entrada, rodeado de mármore suficiente, quadros e pequenas esculturas para fazer ciúmes a qualquer colecionador de arte.

– O «meu» quarto? – repetiu.

– Sim.

– Não partilhamos o quarto?

Rose pigarreou com delicadeza.

– Não seria nada prático para o teu processo de recuperação – redarguiu, evitando claramente o assunto, algo que Leon reparara que fazia com frequência.

– Não entendo, Rose. Esclarece-me a situação, por favor. Dói-me a cabeça e não estou de muito bom humor.

Rose deixou escapar um suspiro ligeiramente exasperado.

– Esta é uma casa muito tradicional e está cheia de quartos, algo típico da

época em que foi construída. Suponho que podia dizer-se que a nossa forma de viver nela pertence a essa mesma época. Ambos gostamos de ter o nosso próprio espaço.

– Estás a dizer que vivemos como uma espécie de família aristocrática e totalmente fora de moda?

– Sim. Como já te expliquei, passas muito tempo fora por causa do teu trabalho, o que significa que eu passo muito tempo aqui sozinha. Devido a isso, decidi ter os meus próprios aposentos e tu achaste bem.

Leon sentiu que havia alguma coisa que não encaixava naquela resposta. Havia alguma coisa que não estava bem. O que era estranho, pois sabia o tipo de homem que era. Mas se o homem que possuía todas as suas lembranças, todas as suas experiências passadas, considerara aquele acordo adequado, quem era ele para discutir as decisões daquela versão superior de si próprio?

Apesar de tudo, queria fazê-lo. Porque a esposa fora imediatamente ter com ele quando sofrera o acidente. Porque os seus olhos azuis eram a única lembrança que tinha.

– Achas que consegues subir as escadas? – Rose virou-se para olhar para ele com um ar preocupado.

– Não tenho nenhuma perna partida.

– Mas tens as costelas partidas.

– Só duas.

Rose assentiu.

– Diz-me se te cansares demasiado – pediu, enquanto começava a subir a escada ampla e circular que levava ao segundo andar.

Observando a tapete vermelha grossa que cobria os degraus, o corrimão elegante de carvalho, a história e a tradição que emanava de cada poro das paredes que circundavam o vestíbulo, Leon teve a estranha sensação de não pertencer realmente àquele lugar.

Olhou para Rose, para a sua mão delicada a deslizar pelo corrimão, para o seu pescoço comprido e elegante e para o seu nariz, ligeiramente levantado. Não era especialmente agraciada, mas o seu porte era verdadeiramente aristocrático. Tudo nela era refinado. Leon tinha a sensação de que a sua pele devia ser suave como a seda, perfeita, demasiado exclusiva para qualquer mortal poder acariciar.

Mas, de algum modo, tinha-a. De algum modo, tinha aquela casa.

Contudo, não conseguia sentir que aquilo era real. Tudo parecia existir no seu próprio plano, como se se tratasse de um sonho que tivera há muito tempo.

Um sonho que não conseguia recordar.

Uma pontada aguda e dolorosa nas costas ascendeu velozmente pelo seu pescoço até à sua cabeça e deixou-o repentinamente imobilizado. Rose virou-se imediatamente, como se tivesse percebido que lhe acontecia alguma coisa.

– Sentes-te bem?

– Sim – murmurou Leon.

– Não tens aspeto de estar bem.

– A dor é algo muito tenaz. – Leon ficou quieto no degrau, esperando que a pontada remettesse. – Gosta de se fazer notar.

– Nunca sofri um acidente grave, portanto, desconheço a sensação.

– Não sei se sofri algum acidente grave antes. Não me lembro. Portanto, é como se fosse a primeira vez.

Aquilo fez Leon questionar-se que outras coisas poderiam voltar a sentir como se fosse a primeira vez e, a julgar pelo rubor repentino do rosto da esposa, ela devia estar a interrogar-se o mesmo.

Mas, dado o estado das suas costelas, estava claro que aquilo não ia acontecer em breve.

Era estranha a ideia de ir para a cama com alguém que não conhecia, embora conhecesse. Mas talvez as coisas fossem diferentes naquele momento. Talvez não pudesse ser o amante que Rose merecia... Ou o que desejava.

– Consegues continuar a subir ou preferes que arranje um quarto no andar de baixo? – perguntou Rose.

– Estou bem – respondeu Leon, que agradeceu aquela interrupção dos seus pensamentos.

Uma vez no topo das escadas, seguiu Rose por um corredor comprido que levava ao seu quarto. Embora a palavra «quarto» fosse demasiado humilde e direta para definir o que era um conjunto de quartos.

Incluía um escritório amplo e luminoso, uma casa de banho enorme, uma sala de estar e o quarto em que se encontrava a cama, também era enorme.

– Tu tens algo parecido com isto? – perguntou, com curiosidade.

Rose assentiu.

– Sim.

– Pelos vistos, somos um verdadeiro casal da aristocracia. – Aquilo não fazia sentido para Leon. Havia alguma coisa que não encaixava, que não estava bem. Sentia-se... cativado por Rose. Sentia-se muito atraído por ela. Como era possível que tivesse aceitado que não partilhassem o quarto?

Rose inclinou a cabeça.

– É estranho ir descobrindo as coisas que sabes ou não.

– Claro... – Leon suspirou. – Mas preferia esquecer o meu conhecimento superficial das coisas do mundo e recuperar o que sei sobre mim próprio.

Rose assentiu.

– Compreendo. Agora, vou deixar-te para que possas descansar.

Leon estava muito cansado, algo que era um pouco absurdo, pois passara o voo a dormir. Sentia que aquilo não era habitual nele. Sentir-se tão cansado. Estar tão sóbrio.

– Provavelmente, é o melhor – murmurou.

– Vou confirmar a consulta com o médico que vai seguir-te. E também com a enfermeira.

– Não sou inválido.

– Sofreste uma contusão grave na cabeça, Leon. E embora possamos estar razoavelmente certos de que não vais morrer esta noite, também é evidente que o teu estado não é precisamente normal.

Leon sabia que não podia discutir aquilo.

– Está bem – concedeu.

– Acordo-te quando estiver na hora de comer. – Depois de dizer aquilo, Rose virou-se e saiu rapidamente do quarto.

Leon apercebeu-se nesse instante de que nunca tivera intenção de tocar nele. Não houvera nenhum contacto físico entre eles, nenhuma carícia de consolo ou apoio. Nem sequer quando se fora embora Rose mostrara a intenção de se inclinar para ele para o beijar.

Contudo, provavelmente, teria de descobrir os mistérios da sua própria mente antes de tomar conta dos mistérios do seu casamento.

Capítulo 3

Rose sentia que estava prestes a perder a cabeça. Mas aquilo era algo que não devia acontecer, pois estava claro que Leon perdera a dele.

Repreendeu-se imediatamente por aquele pensamento. Leon não perdera a cabeça, mas a memória, pensou, enquanto andava de um lado para o outro no seu escritório.

Os dois dias anteriores tinham sido os mais difíceis da sua vida e isso não era dizer pouco. Suportara muito ao longo da sua existência. Desde a morte da mãe, quando ela ainda era uma criança, até à do pai quando acabara de fazer os vinte e um anos, sempre soubera que não encaixava entre os seus contemporâneos, porque era demasiado calada e tímida, demasiado comum para interessar a alguém. Porque preferia passar o tempo a farejar em bibliotecas poeirentas a divertir-se em festas loucas. Porque, quando ia às compras, ia a papelarias e livrarias em vez de ir às lojas de moda. Porque passara dois anos casada com um homem que não voltara a tocar nela depois do dia do seu casamento.

Sim. Podia afirmar-se que Rose Tanner não tivera uma vida fácil.

Apesar de tudo, ver um homem como Leon a passar por aquilo, vê-lo tão diminuído, tão reduzido, era terrível. Gostava de não se preocupar tanto. Mesmo quando estava zangada com ele, quando tentava convencer-se de que o odiava, não podia negar que era o homem mais vibrante, mais intenso e atraente que alguma vez conhecera.

Vê-lo ferido e inseguro, vê-lo como mais um mortal, era como perder a última rede de segurança que havia na sua vida. Já perdera os seus outros pilares. A mãe. O pai. E, naquele momento, também estava a perder Leon.

Não podia dizer-se que fora um grande apoio moral durante aqueles anos, certamente, mas, pelo menos, fora constante, previsível. Podia ter morrido sozinho há alguns dias e sabê-lo era devastador num sentido que nunca teria antecipado.

– Controla-te – murmurou, enquanto se esforçava para reprimir a histeria que

ameaçava apoderar-se dela.

Tinha de fazer alguma coisa, ocupar-se com alguma coisa. Sair para o jardim para podar. Continuar a catalogar a biblioteca vasta do pai. Em vez disso, ocupou uma poltrona à frente da lareira e deixou-se invadir pela tristeza.

Desejava tanto acabar com aquilo, deixar de continuar paralisada, à espera que o seu casamento se transformasse noutra coisa e que acontecesse algo melhor na sua vida...

Queria a Casa Tanner. Claro que a queria. E sabia que Leon também a queria. Mas, ultimamente, até se sentira disposta a ficar sem ambos, se fosse necessário.

Porém, sabia que não podia deixar Leon naquele momento. Precisava de o ver recuperado. Depois, com a consciência tranquila, poderia seguir em frente com a sua vida.

E se Leon nunca chegasse a recuperar a memória?

Por um breve instante, sentiu a tentação de lhe mentir, de lhe dizer que estavam loucamente apaixonados, que se casara com ela porque não era capaz de ter as mãos longe dela, não porque queria herdar o império económico do pai e a casa que tanto começara a amar.

Sim, por um instante, sentiu a tentação de o fazer. Não teria sido humana se não a tivesse sentido. Passara tantos anos a fantasiar sobre como teriam sido as coisas se Leon a desejasse, se, ao olhar para ela, visse uma verdadeira mulher...

Porém, não podia fazer uma coisa daquelas. Fazê-lo teria sido repugnante. E a última coisa que queria era que Leon fosse o seu prisioneiro. Algo que, dadas as circunstâncias, na verdade, já era.

«De facto, tu és a prisioneira dele», sussurrou-lhe a sua voz interior.

Não podia discutir aquilo. Aceitara casar-se com ele e, depois, fora abandonada para deambular como um fantasma pelas divisões da casa. Enquanto isso, Leon seguira em frente com a sua vida como se fosse um homem solteiro.

O mundo inteiro sabia que estavam casados. E também que Leon era um *playboy* incorrigível. E ninguém sabia que ela se vira presa por um acordo para continuar casada durante, pelo menos, cinco anos para que ele conseguisse ficar definitivamente com o negócio do pai e ela, com a casa.

Aquele fora o acordo pré-nupcial ditado pelo pai antes de morrer.

Mas não tencionava continuar à espera. Leon podia ficar com a empresa. E também com a casa. Ela só queria ser livre.

Chegara a um ponto em que sabia que só tinha duas opções: Ou sentar-se a falar com ele em alguma das raras ocasiões em que estava em casa para lhe dizer como desejava que desse uma nova oportunidade ao seu casamento, explicar-lhe

tudo o que sentia, ou pedir-lhe o divórcio.

E optara por pedir o divórcio. Porque não havia nenhuma possibilidade de a outra conversa acabar bem. Sabia que, se lhe abrisse o seu coração, se deixasse os seus verdadeiros sentimentos expostos, arriscaria tudo e seria rejeitada.

– Já está na hora de comer?

Rose virou-se rapidamente para a porta, para o som daquela voz rouca, e sentiu que o coração se evaporava, juntamente com as suas boas intenções. Leon usava apenas as calças pretas e largas do pijama. Tinha o peito nu e sabia que devia ter reparado nas suas ligaduras, nas suas nódoas negras, mas só conseguiu ver a sua musculatura. No seu peito, perfeitamente definido, nos seus músculos abdominais, que se marcavam com cada uma das suas respirações.

– Creio que sim – redarguiu, com falta de ar.

– Estou cheio de fome! – Leon cruzou os braços e apoiou-se contra a ombreira da porta. Segurava uma *t-shirt* cinzenta numa mão, mas não parecia tencionar vesti-la. – É a primeira vez que sinto fome desde o acidente. É bastante agradável. Suponho que ainda não me deixes beber nada, pois não?

– Não podes misturar o álcool com a medicação, Leon.

– Estou a começar a pensar que estaria disposto a sacrificar a medicação por uma bebida. – Franziu o sobrolho. – Costumo beber muito?

Já que mal passavam tempo juntos, Rose não estava muito familiarizada com os costumes de Leon, mas a verdade era que costumava ter quase sempre uma bebida na mão.

– Um pouco – concedeu, com cautela. – Mas porque perguntas?

– Desejo beber alguma coisa desde que recuperei a consciência. Não sei se se deve só aos nervos ou se tenho um certo grau de dependência do álcool.

– Sais com frequência – informou Rose. – E porque não vestes a *t-shirt*? – perguntou, parecendo um pouco mais desesperada do que quisera.

– Não consigo – respondeu Leon, encolhendo levemente os ombros.

– Como assim?

– Tentei vesti-la, mas doem-me demasiado as costelas. Podes ajudar-me, por favor? – pediu, ao mesmo tempo que estendia a *t-shirt* para Rose.

Rose sentiu o batimento firme e intenso do seu coração nos ouvidos.

– Eu... – Supostamente, era a sua esposa e aquele pedido era completamente lógico.

Pigarreou com suavidade e percorreu o espaço que os separava para pegar na *t-shirt*. O toque dos seus dedos nos de Leon quando pegou na *t-shirt* causou-lhe um arrepio quente.

– Quando dizes que saio muito, referes-te a ir a muitas festas?

Rose assentiu com a garganta repentinamente seca.

– Sim – respondeu, ao mesmo tempo que levantava a *t-shirt* e a punha em torno do pescoço para a pôr na direção adequada. – Inclina-te o máximo que conseguires, por favor.

Leon fez o que lhe dizia e ela introduziu a *t-shirt* pela sua cabeça.

– E tu? – perguntou.

Rose olhou para ele nos olhos. Estava tão perto... tanto que só teria tido de se pôr em bicos de pés para o beijar. Só o fizera uma vez antes. No dia do seu casamento, numa igreja cheia de gente.

O que aconteceria se voltasse a fazê-lo?

Pestanejou enquanto tentava sobrepor-se às sensações que experimentava.

– Levanta os braços o máximo que conseguires – murmurou.

Leon obedeceu e introduziu as mãos pelas mangas.

– Costumas sair comigo? – insistiu.

Rose não sabia como responder. Supostamente, não devia dar-lhe informação e Leon devia encontrá-la sozinho. Além disso, não queria dar-lha.

– Quase sempre prefiro ficar em casa – disse e, enquanto deslizava a *t-shirt* para baixo pelo seu peito, os seus dedos tocaram nos pelos escuros e nos músculos fortes do peito de Leon.

Imediatamente, afloraram à sua mente todo o tipo de coisas sobre as quais só se permitira fantasiar. E aquilo tinha de acontecer precisamente quando finalmente decidira que o seu casamento devia acabar.

Afastou-se de Leon e tentou voltar a respirar com normalidade.

Ele franziu o sobrolho enquanto acabava de esticar a *t-shirt*.

– Costumo sair contigo?

Estava tão sensual com a *t-shirt* como sem ela.

Rose pestanejou e desviou o olhar.

– Às vezes. – Levantou o olhar para o relógio e viu que eram quase seis, o que significava que a comida já estaria pronta. Experimentou um alívio intenso face àquela possibilidade de resgate. Quando a mesa se interpusesse entre eles, poderia voltar a respirar com normalidade. – Está na hora de irmos comer qualquer coisa. Anda, vou mostrar-te o caminho para a sala de jantar.

– Temos empregados? – perguntou Leon, enquanto avançavam pelo corredor.

– Sim. Mantive todos os empregados domésticos que o meu pai tinha. – Rose pigarreou ligeiramente. – Suponho que quis que tudo continuasse como então.

– Ambos amamos esta casa – concluiu Leon. – Isso é algo que partilhamos.

Pelo menos, disseste-me que eu a amava.

– É verdade. E eu também. Fui muito feliz nela enquanto crescia. É o único lugar onde conservo lembranças da minha mãe. Quando era pequena, costumava esconder-me no topo das escadas para observar as grandes festas que os meus pais costumavam organizar no verão. A minha mãe era sempre a mulher mais bonita de todas. Parecia muito feliz com o meu pai. Eu... sonhava crescer e ter uma vida parecida.

Ao pensar naquilo, Rose sentiu um nó na garganta e teve de pestanejar para afastar o brilho das lágrimas.

– E a tua vida não é assim? – perguntou Leon.

O tom da sua voz era quase esperançado, algo que foi muito estranho para Rose. Leon costumava usar um matiz bastante cínico para falar daquelas coisas. Considerava-se um realista, com os pés firmemente assentes na terra. Era por isso que ela entesourava com tanto esmero no coração os poucos momentos em que lhe mostrara a sua sensibilidade e a sua delicadeza com sinceridade.

Contudo, no que dizia respeito à fantasia e às ideias românticas sobre a vida, sabia que não havia nada a fazer com ele.

Teria gostado de lhe mentir, embora soubesse que não podia fazê-lo. Mas podia ser um pouco criativa em relação à verdade.

– Esta casa é nossa e podemos fazer o que quisermos com ela. Desde que o meu pai morreu, estiveste muito ocupado a gerir a empresa e a expandir a sua atividade pelo mundo. Ainda não tivemos tempo para organizar festas.

– Mas temos intenção de o fazer?

– Sim – respondeu Rose, mesmo sabendo que aquilo não era realmente verdade, pois nem sequer era capaz de imaginar o seu futuro naquela casa e muito menos um futuro partilhado com Leon.

Quando entraram na sala de jantar a mesa já estava posta. Rose avisara os empregados domésticos de que deviam manter a discrição.

– Prepararam o teu prato favorito – indicou, enquanto se sentavam à frente do bife com arroz que tinham feito para eles. Rose tinha um copo de vinho à frente do seu prato. Leon, um copo de água.

– Não te parece um pouco cruel? – perguntou ele, ao reparar no detalhe.

– Não tenho de beber o meu vinho, se te incomodar.

– Seria uma pena esbanjá-lo. – Leon abanou a cabeça. – Tu podes beber vinho e eu não. É só isso.

– É uma simpatia da tua parte.

– Sinto que sou generoso.

Rose não pôde evitar deixar escapar uma gargalhada.

– Ah, sim?

– Sim. Estás a contradizer-me?

Rose baixou o olhar para o seu prato.

– Claro que não. Colaboras com numerosas organizações de beneficência.

– Vês? – Leon pegou na faca e no garfo. – Isso prova que sou uma pessoa generosa.

– Talvez haja mais do que um tipo de generosidade.

– O que queres dizer?

Rose lamentou imediatamente ter feito aquele comentário.

– Desculpa. Supostamente, não devo incomodar-te com informação e muito menos com as minhas opiniões pessoais. As opiniões não são factos e tu precisas de factos.

– E pensas que não sou generoso?

Rose suspirou, frustrada consigo própria e com Leon. Com o mundo.

– Claro que és generoso.

– Só estás a dizer isso para me tranquilizar.

Rose não conseguiu conter um ar de exasperação.

– Estás a tentar começar uma discussão?

– Não sejas tola! Nunca discutimos – declarou Leon.

– E como podes saber isso? – perguntou Rose, com uma sensação estranha no estômago.

Leon não se enganava. Eles nunca tinham discutido. Tinham-se visto tão pouco durante os dois anos que tinham passado casados que mal tinham tido tempo para o fazer. Além disso, nunca houvera paixão suficiente entre eles para criar uma discussão.

– Simplesmente, sei.

– Continuas a ser muito arrogante.

– Tacanho e arrogante. Isso é o que pensas de mim. Como é possível que nunca tenhamos discutido?

– Talvez seja porque não estás cá com frequência. – Rose cravou o seu primeiro pedaço de carne com o garfo e começou a mastigá-lo com a esperança de que Leon esquecesse o assunto.

Leon olhou para a esposa sem saber como interpretar a conversa que tinham acabado de ter. Era evidente que estava irritada com ele. Questionou-se se aquilo

aconteceria com frequência ou se estaria simplesmente tensa devido à situação peculiar em que se encontravam.

Comentara várias vezes que ele estava fora com frequência. Dado que os pais de Rose tinham morrido e que não mencionara nenhum irmão, parecia que ele era toda a companhia que tinha. Também tinha a sensação de que Rose sentia que não fazia demasiado para a apoiar emocionalmente.

Aquilo era preocupante. O facto de ter ou não preocupado o homem que fora antes do acidente era irrelevante. Rose estava a tomar conta dele, estava a oferecer-lhe a sua ajuda incondicional e era evidente que não se sentia correspondida.

Tinha de remediar aquilo, pensou. Já que ia ter de passar várias semanas em casa a recuperar, tencionava concentrar-se totalmente em curar tanto o seu casamento como o seu corpo.

Mas o seu afã por o fazer era mais profundo, ia mais além. Não se tratava apenas de emendar um erro do passado.

Rose era a sua única referência. Era a única pessoa que o conhecia realmente. Era a sua âncora no meio de um mar tempestuoso e sabia que, sem ela, se veria irremissivelmente arrastado para o fundo.

Devia consolidar a ligação que havia entre eles.

Perdera-se. Não recordava quem era. E, segundo parecia, a sua relação matrimonial era muito mais frágil do que devia ter sido.

Rose era tudo o que tinha. Não podia perdê-la.

E só havia uma solução possível para emendar aquilo. Devia seduzir a esposa novamente.

Capítulo 4

Passara quase uma semana desde que Leon regressara à casa e ainda não recordava nada. Rose estava a lutar contra a inquietação e o desespero enquanto experimentava uma ternura crescente no seu coração cada vez que estava com ele.

Contudo, sabia que, na verdade, aquela ternura não era nova.

Sempre sentira alguma coisa por Leon. Mais do que devia. Porém, ele não sentia o mesmo por ela. Nunca o fizera. Contudo, ela não conseguia livrar-se da esperança, daquela necessidade.

Uma parte dela, provavelmente a mais infantil, acreditava irracional e tenazmente nos finais felizes e no facto de o bom comportamento receber sempre a sua recompensa.

Mas não podia voltar a esperar-se. Não devia fazê-lo. Quando Leon recuperasse a memória, tudo voltaria a ser como antes.

Deitou-se de costas no seu sofá favorito e observou o teto ornamentado da sala. Ao ouvir uns passos que se aproximavam, ergueu-se imediatamente, ao mesmo tempo que agarrava o livro que estivera a ler contra o seu peito.

– Rose? – Leon entrou na sala com um aspeto muito mais alerta e enérgico do que tivera há alguns dias. Estava a dormir muito e, aparentemente, o descanso começava a ter as suas compensações.

– Estava a ler.

– O que estás a ler?

– O último livro da Nora Roberts.

– Acho que nunca li livros dessa autora. Ou talvez tenha lido. Não sei.

Rose riu-se.

– Duvido.

– Não é o tipo de literatura que leio?

– Creio que só gostas de ler sobre assuntos relacionados com os negócios.

Leon assentiu lentamente, pensativo.

– Não consigo imaginar-me a frequentar a universidade. Mas suponho que, dada a minha posição, tenha feito algum curso.

– Não fizeste – respondeu Rose, no caso de ser correto dar aquela informação.

– Então, como...? Não me lembro de nada, mas sei que não é assim que as coisas costumam funcionar. – Leon esfregou o queixo com uma mão enquanto dizia aquilo. O som áspero que produziu ao fazê-lo foi estranhamente erótico para Rose.

Não tinha nenhuma experiência com os homens. Pelo menos, nenhuma experiência íntima. Para além do beijo casto do seu casamento e da experiência excitante de ajudar Leon a vestir a *t-shirt*, mal tivera contacto físico com um homem. E porque haveria de ter tido? Afinal de contas, sempre estivera à espera de Leon como uma parva.

Aquela falta de experiência devia ser o motivo por que aqueles detalhes a afetavam tanto.

Tentou ignorar o rubor que cobriu as suas faces.

– Tudo o que sei é que, quando eras adolescente, trabalhavas na empresa do meu pai num posto muito baixo. Começaste a trabalhar antes de acabares os teus estudos no liceu. Por algum motivo, chamaste a atenção do meu pai e, depois disso, tomou conta de ti. Ganhou um interesse muito pessoal em ensinar-te todas as facetas do negócio.

– A minha família não era rica – redarguiu Leon, num tom apagado. – Eu sei. Nasci na Grécia. Éramos muito pobres. Vim para aqui pelos meus próprios meios.

Rose compreendeu naquele momento que sabia muito pouco sobre ele. Sabia que era grego, certamente, mas quase não sabia nada do seu passado. Aparecera um dia na sua vida e, depois disso, idolatrara-o. Pelo menos, até ao momento em que compreendera que nunca chegaria a transformar-se na fantasia que ela elaborara na sua mente. Não se questionara porque se casara com ela. As vantagens daquela união para ele eram evidentes. O pai estava a morrer e queria ver a sua filha comprometida e protegida e ofereceu a empresa e a casa a Leon como incentivo, com umas condições suficientemente adequadas para o tentar.

Tudo aquilo fazia sentido, mas Rose compreendeu que era ela que não tinha sentido em tudo aquilo. O que esperara? O que imaginara que sairia de tudo aquilo? Quem pensara que era? Aquele era o problema. Surgira tudo da sua imaginação. Era tudo meramente imaginário.

Aquilo fê-la sentir-se muito pequena. Egoísta. Leon fora apenas um objeto da

sua fantasia que só encorajara e vivera para satisfazer os seus sonhos infantis.

– Sentes-te bem? – perguntou Leon.

Rose pestanejou.

– Sim... sim. Não tenho aspeto de me sentir bem?

– Pela tua expressão, parece que acabou de cair uma bigorna na tua cabeça.

Rose tentou rir-se.

– Lamento. É só que... Apercebi-me de que não sei tudo o que deveria saber sobre ti. Quando tive de enfrentar os vazios da tua memória, apercebi-me de tudo o que desconheço sobre ti.

Leon franziu a sobrancelha.

– Suponho que isso seja culpa minha em grande parte.

– Não me parece. Neste caso, acho que sou a única responsável.

Leon encolheu os ombros.

– Em qualquer caso, neste momento, não posso ajudar-te com esse assunto. Não tenho resposta para nenhuma dessas perguntas.

– Não espero que as tenhas – declarou Rose, sentindo-se especialmente fraca e pálida.

– Mas sei uma coisa – indicou Leon, repentinamente animado e com um brilho travesso no olhar. – Sei que, hoje, vamos jantar lá fora, no terraço. E também sei que fizeram lagosta à Maine. O teu prato favorito.

– E como soubeste isso? – perguntou Rose, surpreendida. – Há uns dias nem sequer sabias qual era o teu prato favorito.

– Apesar do meu estado, continuo a ser capaz de investigar. Felizmente. Toda a minha vida atual depende em grande parte das respostas que recebo e da qualidade das minhas perguntas. Esforcei-me para obter alguma informação dos empregados.

– Não precisavas de fazer isso. – Rose não pôde evitar uma sensação momentânea de medo.

– Eu sei. Mas és a minha esposa. E não só isso, como também tens tomado conta de mim por completo desde o acidente.

– Não só eu. Também há um médico e uma enfermeira preparados para nos ajudar quando for necessário. Eu só...

– O mero facto de saber que estás ao meu lado foi uma ajuda enorme para mim durante estes dias. – O sorriso sincero que Leon esboçou depois de dizer aquilo fez com que o coração de Rose acelerasse.

Leon estendeu uma mão para ela sem parar de a observar com os seus escuros olhos. Rose chegou-se instintivamente para trás e olhou para a sua mão como se

se tratasse de uma espécie de serpente venenosa.

– A minha intenção é levar-te a comer lagosta. Não para a tua perdição – brincou Leon.

Rose hesitou, sentindo-se como se não merecesse tocar nele, sentindo que aquele gesto estava destinado a outra mulher que não existia. A esposa devota que ela não era. A esposa devota que seria se Leon tivesse demonstrado algum interesse em ser um marido verdadeiro na vida real.

Mas estava a exceder-se. Apenas tentava ir almoçar.

Respirou fundo e rodeou os dedos de Leon com os seus. A espécie de descarga elétrica que percorreu imediatamente o seu corpo deixou-a com falta de ar e com os joelhos debilitados. Não tocara em Leon desde o casamento. Não tocara em nenhum homem depois disso.

O pai já não estava presente e, mesmo quando o tivera ao seu lado, quase nunca houvera demonstrações físicas de afeto entre eles. Todos os seus amigos, os seus colegas de universidade, se tinham mudado. Nenhum deles continuara em casa dos pais a partir dos vinte anos. Todos tinham ido para Manhattan, para Londres ou para outros lugares excitantes. Não viviam agarrados às suas lembranças, mas estavam a criar lembranças novas. E, até aquele momento, até a sua pele ter entrado em contacto com a de Leon, não se apercebera como se sentira incrivelmente sozinha.

E não tinha ninguém a quem culpar senão ela própria.

«E esse é o verdadeiro motivo por que queres ir-te embora», sussurrou-lhe a sua vozinha interior.

Respirou fundo e tentou esconder a sua reação o melhor que pôde. Contudo, então, cometeu o erro de levantar o olhar, e o que viu nos olhos de Leon deixou-a espantada.

O seu olhar não era indiferente nem cauteloso, mas parecia de lava líquida e o calor que emanava dele era um espelho do que ela sentia no seu interior.

– Vamos – replicou ele, num tom rouco.

Rose seguiu-o como um autómato. Uma vez no terraço, as sensações que estava a experimentar amontoaram-se no seu peito até ao ponto de mal conseguir respirar. Leon estava a tocar nela. E, à frente deles, havia uma mesa para dois, preparada com verdadeira delicadeza e esmero, com uma vela no meio.

Toda aquela situação parecia tirada de um conto de fadas, das suas fantasias infantis, da época em que ainda não sabia que, nas relações dos homens com as mulheres, havia muito mais para fazer do que dar a mão e sentar-se à luz de uma vela.

– Passa-se alguma coisa?

Rose obrigou-se a olhar novamente para Leon e percebeu uma intensidade no seu olhar que não soube como interpretar. A única coisa que sabia era que esperara durante quase toda a sua vida que olhasse para ela assim alguma vez.

– Nada – mentiu, enquanto dava a volta à mesa para ocupar a sua cadeira. Ao fazê-lo, percebeu que, à frente do prato de Leon, havia um copo de água. – Achava que já tinhas parado de tomar os analgésicos.

– E deixei. Mas como não estou completamente certo de qual é a minha relação com o álcool, decidi continuar abstinência. Já que esta semana passada não parece ter corrido mal, porquê começar agora?

Rose assentiu.

– Oh... Ainda bem. Nesse caso, também posso esquecer o vinho.

– Tu estás bem assim – declarou Leon. – Acho que já estivemos a falar bastante sobre mim durante estes últimos dias, mas, agora, quero saber mais coisas sobre ti, Rose. Não só me esqueci de mim próprio e das minhas coisas, como também não recordo nada sobre ti.

– Não acho que esse assunto de conversa seja muito interessante – redarguiu Rose, enquanto sentia os batimentos fortes do seu coração na garganta.

– Duvido que haja algo mais interessante para um marido do que falar da esposa.

– Nós não... Não temos esse tipo de relação.

– Porquê?

– Não acho que tenhas sido feito para o casamento.

Leon franziu o sobrolho.

– Fui desagradável contigo em algum sentido?

– Não – negou Rose, fazendo um esforço para afastar os seus medos. Não podia permitir que Leon começasse a ver-se como uma espécie de monstro, porque não era assim. – És uma pessoa muito independente. Não vivemos colados um ao outro. Não costumamos partilhar sobremesas longas no terraço. Não costumamos partilhar os nossos pensamentos íntimos.

– Porque te casaste comigo? – A expressão de Leon era de tal perplexidade, de tal incredulidade, que Rose se sentiu ainda mais perturbada.

– Podia dar-te uma série de razões por que uma mulher teria querido casar-se contigo. És muito bonito e atraente. Tens sucesso nos negócios... Quanto a mim, sou insignificante.

Leon franziu o sobrolho e estendeu uma mão para acariciar a comissura dos lábios de Rose com o polegar. Ela ficou totalmente paralisada quando o deslizou

com delicadeza pelo seu lábio superior e, depois, pelo inferior.

– Confesso que, no primeiro momento em que te vi, não me pareceste especialmente atraente. Mas, à medida que os dias foram passando, essa impressão desapareceu por completo. Tu és a minha única lembrança real. Os teus olhos são a minha verdade, Rose, e para mim, tanto os teus olhos como tu própria são incrivelmente belos.

Rose parara de respirar por completo. Tinha a sensação de que, a qualquer momento, podia desmaiar. O pesadelo que era a sua vida estava a transformar-se num sonho. E, perversamente, estava a desfrutar disso. Aquilo era tudo o que sempre quisera. Mas não assim.

– O... que disseste foi lindo.

– Sou miserável e arrogante, lembras-te? Não sou generoso nem especialmente amável. Estou a ser sincero. Há um limite do tipo de verdades que podem dizer-se no meu estado. Quase não sei nada. Mas o que te disse é verdade. – Leon segurou rosto de Rose pelo queixo. – És a minha esposa. Quero saber tudo sobre ti – acrescentou, antes de afastar a mão.

Rose pigarreou, nervosa, e entreteve-se a mexer os seus talheres.

– Andaste na universidade? – perguntou Leon.

– Sim. Estudei História. Como já deves ter adivinhado, gosto das coisas antigas. Quanto mais antigas e poeirentas, melhor.

– É um comentário sobre a minha idade?

Rose riu-se.

– Não, claro que não – replicou, sentindo-se mais relaxada. – Mas só estive na universidade durante dois anos. Não me licenciiei. Só acabei os dois primeiros anos.

– Porquê?

– Porque me casei contigo

– Quantos anos tens agora?

Rose brincou ainda mais nervosamente com os seus talheres.

– Vinte e três – respondeu.

– Então, quando nos casámos, tinhas vinte e um. – Leon ficou em silêncio por um instante. – Não eras demasiado jovem para te casar?

– O meu pai estava a morrer. Ambos nos sentíamos conscientes disso. Ele pensava que eu estaria a salvo contigo e a ideia de nos casarmos causava-lhe muita tranquilidade. Nenhum dos dois quis negar-lhe essa paz.

– E, depois da morte do teu pai, eu... andei de festa em festa. Deixei-te sozinha nesta casa sem teres acabado os teus estudos e sem...

– Ajudaste-me muito depois da morte do meu pai. Não me abandonaste diretamente para te divertires. Apoiaste-me. Trataste de muitos detalhes que, para mim, teriam sido muito dolorosos.

A expressão de alívio do rosto de Leon quando ouviu aquilo comoveu Rose de um modo inexplicável.

– Pelo menos, é qualquer coisa.

– E eu não fiquei em casa sem nada para fazer. Durante estes anos, investiguei e organizei os documentos da minha família, cujas origens remontam à época em que se fundou este país. É uma tarefa interessante e entretida e também complexa.

– Fantástico. Portanto, deixei que criasses raízes aqui, juntamente com o mobiliário e os livros. Que generoso da minha parte.

– Não – negou Rose, com firmeza, embora não fosse verdade. Depois da morte do seu pai, Leon retomara o tipo de vida que tivera antes de se casar. Nunca tocara nela, mas continuara a ir para a cama com outras mulheres. Ela sabia com certeza. Não estava cega. As revistas cor-de-rosa estavam cheias de mexericos a respeito disso. Mas não queria dizer-lhe. Não queria dizer aquilo àquele homem.

E era estranho que não quisesse defraudá-lo com a verdade sobre ele próprio.

– Não estás a ser sincera comigo.

– Não sei se a verdade vai beneficiar-te nesta situação.

Leon levantou-se, aproximou-se de Rose e pôs-se de cócoras à frente dela. Estava tão perto que Rose pôde cheirar o seu cheiro a sabonete e perceber o calor que emanava do seu corpo. Sentiu o desejo imediato de estender uma mão para ele para lhe tocar, mas não o fez.

Porém, ele levantou ambas as mãos para o seu rosto para o segurar e para o puxar para o seu.

– Nesse caso, teremos de criar uma nova verdade. Não vejo porque não podemos começar uma nova vida. Partilhaste os teus sonhos comigo e eu gosto de como soam.

– Agora, não estás a trabalhar, Leon. Estás praticamente fechado em casa, a recuperar. Eu sou a única diversão que tens.

O olhar escuro de Leon tornou-se tempestuoso.

– Fazes com que pareça uma criança.

Rose pensou que, em certos aspetos, era. Sempre fora. Estava sempre à procura do seu próximo brinquedo, o mais novo, o mais brilhante. Quando era criança, achara aquele traço fascinante. Os seus desportivos brilhantes, o seu

vestuário, até as belas mulheres com quem costumava ir às festas do pai. Até as garras afiadas dos ciúmes começarem a magoá-la. Até querer ocupar o lugar daquelas mulheres.

– Eu...

– Não sou uma criança – interrompeu Leon e o tom rouco e escuro da sua voz foi uma tentação de que Rose foi incapaz de se afastar.

Antes de conseguir falar ou protestar, Leon beijou-a como nunca a tinham beijado antes. Como nunca a beijara antes, pois fora o único homem que o fizera.

Os seus lábios eram firmes e exigentes enquanto os mexia sobre os dela e a sua língua era quente e aveludada quando lhe penetrou a boca para acariciar a dela. Rose sentiu imediatamente que os seus seios se tornavam mais pesados, que o centro da sua feminilidade palpitava, acalorado, e humedecia. Sentiu que se afundava naquelas sensações, nele, numa bruma de desejo intenso, que estava total e completamente à sua mercê.

Experimentou uma espécie de desejo enlouquecido de o devorar e de ser devorada. Rodeou-o com os braços pelo pescoço quando a fez levantar-se e pressionou os seios contra o peito dele com um suspiro instintivo de alívio. Queria fundir-se completamente com ele, perder-se para sempre naquela sensação.

Nada importava exceto aquilo, exceto o facto de, finalmente, depois de tanto tempo, Leon estar a beijá-la.

Quando Leon deslizou uma mão pelas suas costas para a pressionar contra ele, ela afastou as coxas e apoiou a púbis contra a prova evidente da sua ereção.

Leon resmungou roucamente e deslizou a mão até ao seu rabo pequeno e curvo, ao mesmo tempo que arqueava as ancas contra ela.

Naquele momento, Rose pensou que Leon não só passara bastante tempo sem beber álcool, como também passara o mesmo tempo sem ter aquele tipo de contacto sexual com uma mulher.

E foi aquele pensamento que a impulsionou a afastar-se dele e a sentar-se, passando uma mão trémula pelo cabelo.

– Lamento – murmurou.

Leon olhou para ela com o sobrolho franzido.

– Porque lamentas?

– Não te lembras de nada. Não te lembras de nós. A tua mente continua emocionada...

– Isto não tem nada a ver com a minha memória. Acho que isto é algo distinto,

algo totalmente sincero e natural.

Mas Rose sabia que não era. Porque eles nunca tinham feito coisas como aquela. Porque Leon nunca lhe tocara assim. Mas foi incapaz de o expressar e admitir. Não podia castigar daquele modo os escassos fragmentos de orgulho que ainda lhe restavam.

– Creio que é melhor não fazermos este tipo de coisas.

– Porquê? É porque estás zangada comigo por alguma coisa que aconteceu antes do meu acidente?

– É porque não me parece bem pedir-te para ires para a cama com uma desconhecida.

– Todos são desconhecidos para mim. Eu sou um desconhecido para mim próprio. E, porém, durmo no meu próprio corpo todas as noites.

– Isso é diferente e sabes.

– É?

– Creio que, simplesmente, és... és masculino e, portanto, és capaz de procurar qualquer desculpa para ter sexo.

Leon abanou lentamente a cabeça.

– És a minha esposa. Não és uma desconhecida para mim. E sinto que há alguma coisa partida entre nós. Sei com tanta certeza como sei algumas coisas sobre mim. E não preciso da memória para saber que quero emendar isso.

– Emendá-lo não depende exclusivamente de ti – murmurou Rose, que estava a experimentar uma pressão crescente no peito.

– Mas quero tentar.

– Será melhor esperarmos até te lembrares – respondeu Rose, apesar de não ter vontade de esperar, porque sabia que, se esperassem, Leon recordaria a sua indiferença e perderia o seu interesse por emendar as coisas.

– Tu não és o meu médico, *agape*.

– Não, não sou. Mas sou eu que...

– Não cometas o erro de acreditar que, porque não tenho lembranças, não entendo ou controlo os meus desejos. Um homem não precisa de lembranças para desejar uma mulher. Sente o desejo no seu corpo, no seu sangue, e o meu arde de desejo por ti.

Rose respirou fundo. Leon estava a falar e a prometer coisas que, até então, só tinham existido nas suas fantasias, de prazer, de um nível de satisfação que ela só conseguia imaginar. Mas aquelas promessas não eram para ela. Na verdade, não. E, portanto, tinha de resistir a todo o custo, por mais intensa que fosse a tentação.

– Não – disse, ao mesmo tempo que se levantava para se encaminhar para a casa com passo firme.

Continuou a avançar, quase a correr, até se encontrar no seu quarto.

E, então, desolada, não pôde evitar sentir que acabara de fugir da sua própria salvação.

Capítulo 5

Rose sentia que o coração vibrava no seu peito como um pássaro enjaulado.

Desejava Leon. E aquilo era um teste muito difícil para a sua vontade, para a sua capacidade de contenção, porque estavam a oferecer-lhe de bandeja o que desejava.

Mas sabia que, no fim, a satisfação daquele desejo acabaria por causar a sua perdição.

– Seria assim. Iria matar-me – murmurou, em voz alta, para tentar convencer-se.

Fechou os olhos com força, cerrou os punhos e esperou que o seu corpo parasse de tremer para se mexer. Quando recuperou o fôlego, abriu o fecho do vestido e deixou-o cair aos seus pés. Depois, entrou na casa de banho e abriu as torneiras para encher a banheira.

Tirou o sutiã e deixou-o cair ao chão. Depois, deslizou as cuecas para baixo pelas coxas e, depois de sair delas, também as deixou cair. Seguidamente, voltou para o quarto e tirou, de uma gaveta da cómoda, um fato de treino velho e largo e a muda de roupa interior mais recatada que encontrou, antes de regressar à casa de banho.

Não era suficientemente parva para achar que podia comportar-se de um modo totalmente racional depois de ter saboreado Leon. Muitas guerras tinham começado por causa do sexo, do desejo. Sabia que o sexo era muito poderoso e sabia que teria sido estúpido considerar-se imune àquela força poderosa da natureza.

Ao ver que a banheira já estava quase cheia, respirou fundo e fechou as torneiras. Depois, virou-se para o lavatório e começou a segurar o cabelo com uns ganchos, devagar, metodicamente, enquanto se esforçava para apagar da sua mente o que acabara de acontecer.

– Questiono-me... – Ao ouvir uma voz masculina e profunda atrás dela, Rose virou-se e viu Leon na soleira da porta da casa de banho. Dos seus olhos escuros,

parecia emanar fogo líquido. – Questiono-me quantas vezes terei estado aqui mesmo a ver como te preparas para tomar um banho. Não me lembro nada. Não sinto nenhum ardor no cérebro.

Uma mistura de fascínio, vergonha e calor fez com que Rose ficasse totalmente quieta. Leon nunca a vira nua. Nenhum homem o fizera. Mas ele não sabia e não podia saber a intrusão que aquilo significava para ela.

– Um ardor no cérebro? – repetiu, enquanto olhava desesperadamente ao seu redor em busca de uma toalha ou de qualquer coisa com que se cobrir.

– Isso é o que sinto às vezes, quando algo me é familiar, mas não consigo agarrá-lo. É como um ardor numa parte do corpo que não consigo alcançar. Mas, agora, não sinto algo parecido. Talvez seja porque ver-te assim faz com que seja especialmente difícil pensar.

Rose engoliu em seco. E esqueceu a toalha. Esqueceu a vergonha. Estava totalmente paralisada. Teria sido fácil cobrir-se um pouco com as mãos, mas sentia que se transformara numa espécie de estátua de sal como castigo por ter continuado a olhar para Leon.

«Não queres cobrir-te. Queres que continue a olhar para ti», sussurrou-lhe a sua vozinha interior.

E soube que aquilo era verdade.

Historicamente, as pessoas sempre tinham sido muito estúpidas no que dizia respeito ao sexo. E ela estava a demonstrar claramente porque a humanidade estava condenada a repetir a história.

– Dizes coisas muito bonitas – ouviu-se dizer, num tom leve e suave.

– Sempre o fiz?

Rose abanou a cabeça.

– Não dizes coisas desagradáveis, mas... – Emudeceu ao ver que Leon entrava na casa de banho.

– Mas não te faço os elogios que mereces. Tenho essa sensação. Penso que nunca apreciei como o teu corpo é delicioso – declarou, olhando para ela abertamente, sem nenhum recato.

– Lembras-te de como são as mulheres nuas? Talvez seja apenas isso, Leon. Talvez seja simplesmente uma novidade para ti. – Rose continuou sem se mexer. Sentia-se como um esquilo aterrorizado e sem possibilidades de escapar à frente de um predador terrível.

«Na verdade, não queres fugir. O que queres é oferecer-lhe o teu pescoço», sussurrou a vozinha.

– Claro que me lembro de como é uma mulher nua, embora não me lembre de

uma em concreto. – Leon deu outro passo para Rose. – Sei que pensas que devíamos esperar, mas quero que me ouças. Pressinto com bastante clareza que o que havia antes entre nós estava destruído. Já to disse antes e continuo a pensar o mesmo. Mas não me importo com o que aconteceu nem que a nossa relação estivesse deteriorada. Sinto que é bom que estejamos juntos, que é assim que devem ser as coisas. Tu és a mulher que desejo, a mulher com quem me casei. Se conseguires perdoar-me pelo que quer que seja que aconteceu no passado, quero seguir em frente como marido e mulher... Em todos os sentidos. – A sua voz tornou-se mais grave e rouca quando acrescentou: – E não quero esperar até as minhas costelas sararem por completo nem até recuperar a memória. A minha vida é um campo ermo, baldio. Não tenho nada. Apenas tenho esta ligação contigo, esta necessidade. Dá-me isso. Dá-me mais do que este vazio desolador.

Rose sabia que o que Leon estava a oferecer-lhe era um sonho tornado realidade. Aquilo fora o que esperara depois de se casar, depois daquela noite de núpcias que nunca chegara a cumprir-se.

Há dois anos que estava casada e ainda era virgem. Sempre desejara Leon, mas fora-lhe negado.

E, de repente, ali estava, a oferecer-lhe esperança, a oferecer-lhe tudo o que o seu coração sempre desejara.

E ela não era suficientemente forte para dizer «não». Já fora forte durante demasiado tempo, de demasiadas formas. Não podia continuar a sacrificar-se mais.

Leon queria esforçar-se para que o seu casamento funcionasse. Queria que ela fosse a sua esposa em todos os sentidos. Como podia negar-se? Como podia negá-lo a si própria?

Daquela vez, foi ela que deu um passo em frente, que avançou para ele, com o coração na garganta, fazendo-a sentir-se enjoada. Apesar de tudo, continuou a avançar.

Mas foi Leon que deu o último passo, que perdeu a paciência. Rodeou-a com os braços pela cintura nua e apertou-a contra o seu corpo com um gemido quase selvagem. Rose pôde senti-lo por completo, o seu calor, a sua dureza, a pressão do seu membro contra a anca...

Oh, como o desejava! Não havia palavras para expressar a intensidade do seu desejo, da sua necessidade, que praticamente a impedia de respirar ou de pensar.

– Tens medo de mim, Rose? – Leon fez aquela pergunta com suavidade, com ternura, e Rose sentiu que o seu coração se enchia.

– Claro que não.

– Olhas para mim como se fosse uma espécie de monstro.
– Não és tu, mas... o que há entre nós. Tudo isto. Tenho a sensação de que é uma espécie de monstro que poderia devorar-nos.

Leon riu-se roucamente.

– Sempre foi assim?

– Para mim, sim – respondeu Rose, num tom abafado.

– Creio que para mim também.

Rose riu-se.

– Não podes saber isso.

– Claro que posso. Tal como sei que sou generoso.

– Já te disse que temos opiniões diferentes.

– O que me leva a pensar que é possível que eu demonstre as coisas que sinto de forma diferente das outras pessoas – replicou Leon. – Mas isso não significa que não as sinta. Sei que isso faz parte de mim.

– Não costumas dizer coisas como essa – murmurou Rose, sentindo o impulso repentino e contraditório de se afastar. Aquilo era demasiado. Porque aquele não era Leon. Aquele não era o homem distante e impenetrável que sempre conhecera.

O Leon que conhecia não sentia aquilo por ela. Caso contrário, já lhe teria tocado daquele modo e não teria passado as suas noites na cama com outras mulheres.

Contudo, não podia dizer-lhe naquele momento. E também não conseguia afastar-se dele, porque o desejo de permanecer entre os seus braços era muito mais intenso.

– Não vamos falar – murmurou. – Beija-me, por favor.

Leon não hesitou. E, assim que tocou com os seus lábios nos de Rose, ela sentiu que se inflamava. A necessidade e o desejo que experimentara no terraço magnificaram-se ao sentir as mãos grandes de Leon na sua cintura nua, ao sentir os mamilos pressionados contra o tecido da camisa dele.

Já não queria lutar e, se aquilo era uma guerra, fora conquistada e derrotada.

Não se importava que aquilo estivesse mal. Passara muitos anos a tentar fazer o correto e, em troca, só recebera desilusões.

Nem sequer se sentia culpada. Sentia euforia, liberdade. Finalmente, estava entre os braços do homem que sempre desejara e não ia pensar em mais nada.

Mas as coisas eram muito diferentes de como sempre imaginara, porque Leon estava a assumir que ela o amava e também que ele lhe correspondia.

Aquilo fê-la sentir-se mais forte, menos vulnerável. Já não se sentia como a

virgem recém-casada que fora.

Apoiou a mão contra o peito de Leon e deleitou-se a sentir a dureza dos seus músculos, a prova da sua força. Antes de se aperceber do que fazia, estava a desabotoar-lhe os botões e a afastar-lhe a camisa para lhe tocar na pele.

Enquanto o acariciava, segurou-lhe a nuca com uma mão e aprofundou o seu beijo com a língua enquanto deslizava a outra até ao seu rabo. Era uma posição possessiva, a de um homem muito certo do que desejava.

E desejava-a. Não importava o que quisesse no passado. Aquele era o presente e estava a escolhê-la.

Rose não sabia o que estava a fazer. Não tinha nenhuma habilidade na arte da sedução. Só contava com a sua paixão, mas duvidava de que houvesse outra mulher viva que sentisse tanta paixão por Leon Carides como ela. As suas carências no terreno da experiência podiam ser compensadas com o seu desejo.

Retirou a camisa dos ombros de Leon para lhe acariciar lentamente a pele, maravilhada com o corpo dele.

Contudo, as coisas começaram a ir mais depressa do que antecipara. Quando Leon retirou a mão que apoiava no seu rabo para a introduzir entre as suas coxas e acariciar o centro da sua feminilidade, o prazer e a necessidade urgente de satisfação que experimentou fizeram com que mal conseguisse respirar. Sabia que só precisava de uma carícia um pouco mais íntima, um só beijo para perder o controlo.

Mas não se importava. Aquilo era o que queria. Algo selvagem, algo que chegasse mais além do desejo e da vergonha. Era como se o destino lhe tivesse dado a oportunidade de começar de novo. Aquela era a sua oportunidade de criar uma nova lembrança, tanto para si própria como para Leon. Mesmo que ele recuperasse a memória, também teria aquela lembrança gravada na sua mente. Finalmente, vê-la-ia como uma mulher, não como a pessoa insignificante e isolada entre livros que fora.

Se era aquilo o que se interpunha entre eles, se fora o respeito e afeto que Leon sentira pelo pai que o impedira de ir mais além com ela, já não era assim.

Naquele momento, só existiam eles e a paixão descontrolada.

Leon resmungou ao mesmo tempo que a segurava por ambas as coxas para que rodeasse as suas ancas. Conduziu-a até à cama, onde a deitou para a fazer sentir a firmeza da sua ereção contra o tecido das calças.

Rose mordeu o lábio inferior enquanto receava ser consumida pelos nervos.

– Já estás a olhar assim para mim outra vez – observou Leon, com delicadeza.
– Não tenhas medo de mim, *agape*. Só quero fazer com que te sintas bem. Quero

transformar isto numa lembrança mútua. Quero que te sintas muito perto de mim. Às vezes, interrogo-me se tu também perdeste a memória – acrescentou, enquanto desabotoava as calças e abria o fecho.

– Não perdi a memória. Mas tu... és diferente. Isto é diferente.

– Lamento. – Leon acabou de tirar as calças e a sua ereção ficou exposta ao olhar maravilhado de Rose. Era tão bonito, tão intensamente masculino... tão grande.

– Porque lamentas? – murmurou, num tom rouco.

– Lamento ter sido como era – disse Leon, ao mesmo tempo que se deitava por cima dela e começava a acariciar-lhe todo o corpo com uma mão. – Do que mais gostas?

– De ti – respondeu Rose, com toda a naturalidade.

– De certeza que há algo específico que gostas que te faça.

– Gosto de tudo o que quiseses fazer. Eu gosto de tudo em ti. Isso é o que quero. Isto foi o que sempre quis. – Aquelas palavras surgiram do mais profundo do ser de Rose, da sua alma, e não sentiu nenhuma vergonha por as ter pronunciado.

– És demasiado complacente comigo. Acho que devias fazer-me implorar um pouco, suplicar – murmurou Leon, antes de se inclinar para a beijar no pescoço.

– Eu é que estou prestes a suplicar – confessou Rose, com falta de ar.

– Não tens de suplicar. Estou à tua mercê. Sou o teu escravo com prazer. – Leon deixou um rasto de beijos desde o pescoço de Rose até à curva dos seus seios e lambeu-lhe um mamilo antes de o sugar com delicadeza. Ela arqueou-se na cama e agarrou-se aos lençóis com ambas as mãos ao mesmo tempo que deixava escapar um gemido delicioso.

– És muito sensível – murmurou Leon, antes de mudar a sua atenção para o outro seio.

Praticamente alienada por causa de uma mistura enlouquecedora de prazer e frustração, Rose afastou as pernas e esfregou-se contra a coxa de Leon em busca da libertação que o seu corpo desejava.

– E impaciente.

Leon foi deslizando pela barriga de Rose até parar entre as suas coxas e, depois de deixar escapar um gemido rouco, deslizou lentamente a língua entre o centro da sua feminilidade. As sensações intensas e deliciosas que percorreram o corpo de Rose em ondas firmes fizeram-na alcançar imediatamente a libertação desejada. Quando o seu orgasmo começou a remeter, estava a ofegar, trémula... E pronta para mais. Pronta para tudo.

– Leon – sussurrou, desesperada. – Preciso de ti.

– Queres ter-me dentro de ti? – Leon introduziu lentamente um dedo no sexo de Rose, ao mesmo tempo que continuava a acariciar o centro do seu desejo com a língua. A sensação da penetração era nova para ela e adorou. Adorou ter Leon dentro dela.

Ele não podia saber que precisava daquele preâmbulo, daquele momento de penetração prévia e, porém, parecia ter percebido.

– Sim, sim... – E gemeu, ofegante.

Então, Leon parou entre as suas coxas e, ao mesmo tempo que a beijava apaixonadamente, pôs o seu membro poderoso e palpitante perto do centro da feminilidade de Rose. Preparando-se instintivamente para o que ia acontecer, Rose ficou involuntariamente tensa quando Leon a penetrou. A dor rasgou o seu corpo, aguda e inesperadamente. Sabia que ia doer-lhe um pouco, mas foi mais do que um pouco.

Agarrou-se aos ombros de Leon e cravou-lhe as unhas na pele enquanto tentava recuperar o fôlego. Lançou-lhe um olhar inescrutável com os seus olhos escuros e afastou-se lentamente para voltar a penetrá-la, mais devagar.

E, num instante, como por arte de magia, ambos se viram perdidos na mesma necessidade, num mesmo desejo intenso e primário.

A dor ficou esquecida. Os nervos também. Tudo ficou no esquecimento, exceto o desejo desesperado de Rose de continuar unida a Leon e alcançar o topo do seu desejo. Deslizou as mãos pelas suas costas até aos seus glúteos firmes e, depois, voltou para cima, para o seu queixo forte. Inclinou a cabeça e beijou-o no pescoço. Com os seus dentes, raspou o tendão tenso que revelava o esforço desesperado que Leon estava a fazer para manter o controlo e não se deixar ir. Rose sentiu como todos os seus músculos começavam a tremer enquanto se mexia dentro dela, como se aproximava da libertação, e sentir aquilo fê-la perder por completo o seu próprio controlo. Gritou, arqueando-se contra ele, e experimentou um orgasmo muito mais intenso do que o anterior enquanto os músculos do seu sexo comprimiam com força o de Leon, que, depois de a penetrar profundamente mais duas vezes, deixou escapar um gemido rouco ao mesmo tempo que deitava a cabeça para trás e chegava ao orgasmo dentro dela.

Rose sentiu-se maravilhosamente atordoada, como se uma tempestade de sensações deliciosas e muito intensas acabasse de arrasar o seu corpo. Mal conseguia recordar o seu nome. Por um instante, pensou que era assim que Leon devia sentir-se também: Fresco, renovado, renascido.

– As tuas costelas... – Ao recordar que estava ferido, deslizou com delicadeza

uma mão pelas suas costas. Ele observou-a com uma expressão estranhamente intensa.

– Diz-me uma coisa, Rose – pediu, num tom rouco, enquanto se deitava junto dela. – Como é possível que continuasses a ser virgem depois de teres estado casada comigo durante dois anos?

Capítulo 6

Rose era linda e ele sentia-se incrivelmente atraído por ela. E não só isso, como também se casara com ela. Aquilo não fazia sentido.

Um sentimento de medo frio embargou-o.

– Não me desejavas? Acabei de... te forçar?

– Sabes que não. Disse-te que te desejava.

– Então... Porque não tínhamos consumado a nossa união antes?

Rose desviou o olhar. Gostaria de desaparecer, de ser engolida pela terra.

– Tu não me desejavas.

– Mas como é possível? – perguntou Leon, perplexo.

– Não sei, mas era assim. E, mesmo sabendo, disse que sim, apesar de não recordares que me desejavas muito pouco. – A voz de Rose transformou-se em apenas um sussurro quando acrescentou: – Na vida real, o Leon Carides não deseja a Rose Tanner. Tu não sabias, mas eu, sim. Lamento muito.

Leon mal se sentia capaz de pensar.

– Mas és a minha esposa.

– Não paras de dizer isso, mas garanto-te que isso não significou nada para ti desde que nos casámos.

– Mas quero que signifique alguma coisa. – Leon não sabia de onde procedia aquela certeza, mas sentia-a. Não tinha lembranças, mas sabia que possuía aquele sentimento.

– Talvez deixes de querer quando recordares.

– E porque é que estar casado contigo não significava nada para mim?

– Não sei – disse Rose, sem conseguir esconder a sua dor, a sua tristeza.

– Começa do princípio. Porque nos casámos?

– Por causa da casa e da empresa que geres agora. E por causa do meu pai. Estava a morrer e tu eras como um filho para ele. Amava-te e queria que tudo isto fosse para ti. E saber que também ias tomar conta de mim deu-lhe muita paz.

Leon sentiu um aperto no coração. O pai de Rose amara-o como um filho,

confiara totalmente nele... E o que fizera? Casara-se com ela como uma mera formalidade e, depois... Rose mencionara que gostara de sair sozinho. Pensar naquilo fê-lo sentir-se doente.

– Quando saio, o que costumo fazer?

Rose olhou para ele com uma expressão turbulenta, renitente a responder.

– Gostas de beber.

– E o que mais?

– Gostas... Gostas de mulheres.

Leon experimentou uma pontada de dor intensa no peito, no cérebro e nas costelas.

– Fui-te infiel – murmurou.

– O nosso casamento não é nada convencional. Como pudeste verificar, nunca tinhas tocado em mim. Beijaste-me no dia do nosso casamento e foi só isso. Disseste-me que nada tinha de mudar. Quase acho que esperavas que procurasse um amante. Mas és o meu marido e não conseguia fazê-lo.

Claro que não conseguia, pensou Leon. Rose era demasiado doce, demasiado jovem e inocente. Ele era mais velho, mais duro. Não sabia porque era assim, mas sentia-se enojado consigo próprio. A vida dera-lhe o presente daquela mulher maravilhosa, daquela esposa, e ele tratara-a como se fosse lixo.

– Quero fazer as coisas melhor.

– O quê?

– Quero portar-me melhor contigo. Connosco. Temos a oportunidade de mudar as coisas, de começar de novo. – Leon abanou a cabeça com uma expressão amarga. – Mas suponho que seja o único que a tem. Tu lembras-te de tudo, sabes exatamente o que te fiz. Seria fácil desculpar-me desconhecendo os meus pecados, mas não mereço o teu perdão.

– Devia ter falado contigo desde o começo do nosso casamento, Leon – disse Rose, prestes a chorar. – Mas acho que não quis fazê-lo com a esperança de que acabasse por acontecer isto. Na verdade, manipulei-te.

– Não estou zangado contigo por isso. Como podia estar? Casei-me contigo para conseguir esta casa, a empresa e para tranquilizar o teu pai, mas o que é que tu obtiveste?

Rose pigarreou.

– Se nos divorciássemos depois de cinco anos, ficava com a casa. Mas suponho que terias querido que continuássemos casados para poder conservá-la.

– Quantos anos tenho, Rose?

– Trinta e três.

– Sou dez anos mais velho do que tu. – Leon assentiu lentamente. – Quando te casaste comigo, o que esperavas que acontecesse?

Rose corou.

– Suponho que algo muito parecido com o que acabou de acontecer agora.

– De forma que não te avisei, antes de me casar contigo, de que tinha intenção de continuar a viver como se fosse solteiro.

– Não.

– Nesse caso, acho que só estiveste a tentar conseguir, com todo o direito, o que mereces e que te devo. E acho que temos de tentar resolver as coisas. Juntos.

– E o que se passará quando recordares, quando as coisas voltarem a ser como antes?

– Não vou perder estas novas lembranças só porque recupero as antigas. Não consigo imaginar algo que possa mudar o que há entre nós agora. – Leon estendeu uma mão para acariciar a pele delicada da face de Rose. – Como poderia continuar a viver contigo sem desejar acariciar-te? Como poderia voltar a ir para a cama com outras mulheres se desejo ter-te entre os meus braços?

Depois de dizer aquilo, Leon inclinou-se para beijar Rose nos lábios.

E não voltaram a falar durante o resto da noite.

Leon apreciava o facto de o médico ter ordenado que passasse algumas horas por dia sentado ao sol para não sofrer de alguma carência vitamínica, mas teria preferido estar em casa a estar no terraço.

Em casa, com Rose, nua entre os seus braços, enquanto lhe dava prazer.

Sentia-se insaciável pela sua esposa, pela mulher em que nunca tocara antes do acidente. A mulher que deixara virgem depois de dois anos de casamento.

Franziu o sobrolho. Não conseguia entender porque fizera uma coisa dessas. E isso preocupava-o. E muito, porque, naquele momento, não conseguia imaginar-se a manter Rose à distância. Queria senti-la nua contra a sua pele.

Mas houvera qualquer coisa. Algo suficientemente grave para o ter impulsionado a manter-se afastado dela, do seu corpo, para ter permitido que continuasse virgem.

Uma parte de si próprio queria saber o motivo. Contudo, havia outra que queria que as coisas continuassem como estavam naquele momento. Porque, agora, tinha Rose e sabia que nunca queria que se afastasse do seu lado.

Tudo decorreu perfeitamente ao longo das duas semanas seguintes. E embora Rose não pudesse evitar sentir uma inquietação constante e ameaçadora a rondar o seu peito, fazia o possível para a ignorar. Leon era o homem mais carinhoso e solícito que conhecera e o sexo com ele era muito melhor e muito mais satisfatório do que alguma vez teria imaginado. Era incrível. Ele era incrível. Havia tal paixão entre eles que era impossível imaginar que antes houvera tanta frieza.

Sentir-se como uma recém-casada depois de dois anos de casamento fazia-a sentir-se feliz, quase a flutuar... Embora acabasse sempre por aflorar a inquietação inevitável que, de repente, embargava o seu coração.

Afastou aquele pensamento da cabeça enquanto avançava pelo corredor à procura de Leon, que cada vez se sentia melhor e se mexia com mais desenvoltura. Ainda não recordara nada, mas empenhara-se em voltar a conhecer cada centímetro quadrado da casa e dos seus terrenos.

Supôs que estaria em algum lugar nos jardins.

«Isto não é real», sussurrou-lhe a sua vozinha interior. «Quando recordar, tudo voltará a ser como antes. Quando recordar, voltará a enfrascar-se no seu trabalho e voltará a ir para a cama com outras mulheres que sabem realmente como agradar a um homem, não com uma virgem triste que passou a vida isolada.»

Cerrou os dentes e tentou ignorar aquela voz, a origem da sua inquietação.

– Senhora Tanner. – Rose virou-se ao ouvir a voz da governanta. Parecia preocupada. – Veio alguém que quer ver o senhor Carides.

Rose abanou firmemente a cabeça.

– Mas o Leon não pode ver ninguém. Não queremos que saibam que tem problemas com a sua memória.

– É... é uma mulher.

Rose sentiu um aperto no coração.

– Ah, sim?

– Uma mulher acompanhada por um advogado e um bebé.

Rose nem sequer respondeu. Quase sem pensar no que estava a fazer, encaminhou-se rapidamente para a porta principal.

A mulher que viu ao abri-la era linda. Loira, alta e perfeitamente maquilhada. Vestia-se com uma simplicidade aparente que realçava o tom da sua pele, as suas formas e a sua beleza. O advogado que a acompanhava vestia um fato severo e a sua expressão era séria. E, à frente deles, havia um carrinho com a capota fechada, de maneira que não se via o bebé que havia lá dentro.

– Sou a esposa do Leon Carides – disse Rose, num tom trémulo. – O que se

passa?

– A minha cliente tem um assunto para tratar com o senhor Carides – informou o advogado, enquanto a mulher continuava ao seu lado, muito pálida e silenciosa.

– Não sei se sabem ou não, mas o meu marido sofreu recentemente um acidente grave de viação. Ainda está a recuperar.

– Apesar de tudo, acho que quererá saber o que vamos dizer-lhe.

– Podem falar comigo – replicou Rose.

– Se lhe der permissão para...

– Não. – A mulher interrompeu o advogado com firmeza, cruzando os braços.

– Quero ver o Leon. Quero entregar-lhe o seu bebé.

Rose não quis acreditar no que estava a ouvir, embora tivesse sabido desde o primeiro instante que era verdade.

– O quê?

– O bebé dele – repetiu a mulher. – Este bebé é dele e chegou o momento de assumir as suas responsabilidades.

Quando todos se sentaram no escritório de Leon, Rose sentia-se completamente atordoada. E Leon não parecia estar muito melhor. Apenas era capaz de olhar com uma expressão perplexa para a mulher que garantia ser a mãe do seu bebé, uma menina de quatro meses que dormia tranquilamente por baixo de uma manta cor-de-rosa. Tinha o cabelo escuro, pestanas compridas e era linda.

E era de Leon. De Leon e de April. Era assim que se chamava a mulher.

Rose sentiu náuseas enquanto o advogado mencionava o acordo a que Leon chegara com April. Leon continuou com uma expressão estoica, sem dizer nada. Ainda tentava esconder a sua amnésia, algo realmente complicado quando estava sentado junto de uma ex-amante que não recordava e com quem tivera uma filha que também não recordava.

Mas todos os papéis que o demonstravam estavam ali. O reconhecimento da sua paternidade, os testes de ADN, o acordo que concedia a April a custódia da menina e uma pensão.

– Sei qual foi o nosso acordo – começou a dizer April, falando devagar –, mas sinto-me incapaz de cuidar dela. E, sobretudo, não quero fazê-lo. Pensei que valeria a pena, especialmente, tendo em conta todo o dinheiro que estás a pagar-me, mas não sou capaz. Esperava experimentar alguma transformação, um

instinto maternal repentino que mudasse tudo, mas não foi assim – acrescentou, com tristeza. – Podia ter escolhido contratar amas com a pensão, mas quero algo melhor para ela. Vou dá-la para adoção, mas pensei que devia falar contigo primeiro. Estou disposta a renunciar aos meus direitos sobre ela.

– Embora continue a receber a sua pensão, claro – acrescentou o advogado.

– Claro... – murmurou Rose, num tom irritado.

– Sim. – O tom de Leon foi um pouco mais sincero. – Claro.

– Nesse caso, senhor Carides, a minha cliente deseja conceder-lhe a custódia da pequena Isabella se estiver disposto a aceitá-la.

Rose quase se levantou e gritou que não, que levassem a bebé para qualquer outro lugar. Não era justo. Leon e ela estavam a criar uma nova vida para eles, estavam a tentar fazer com que o seu casamento funcionasse. Era ela que devia ter os seus filhos, não outra. Aquele devia ser o seu bebé.

Contudo, ao olhar para a pequena a dormir, só foi capaz de sentir tristeza. Não era culpa de Isabella que a mãe não quisesse tomar conta dela. Não era culpa dela que o pai tivesse sido tão negligente. Todos os adultos que havia naquela divisão tinham tomado as suas próprias decisões, mas aquela bebé não.

– Claro que a aceito – disse Leon, num tom emocionado.

Não perguntou a opinião de Rose, mas ela compreendeu que não podia culpá-lo. O que podia fazer, senão aceitar a filha?

Não disse nada enquanto Leon e April assinavam todos os papéis, papéis que não a incluíam, porque, afinal de contas, qual era o papel dela em tudo aquilo?

– Obrigada – agradeceu April, finalmente, num tom apagado. – Não posso dizer que me sinto especialmente orgulhosa de ter feito isto.

Rose não se preocupava com o orgulho daquela mulher e não sentiu a mínima compaixão por ela.

Mas Leon não parecia sentir o mesmo.

– Estás a fazer o que consideras mais adequado para a menina e devias sentirtes orgulhosa disso – declarou.

April inclinou a cabeça enquanto o observava.

– Pareces diferente – murmurou. – Embora a verdade seja que também não nos conhecíamos muito bem.

– Parei de beber.

– Talvez seja isso.

Quando April se virou para Rose, ela desejou que a terra a engolisse. Adoraria odiá-la com toda a sua alma, mas, ao ver a sua expressão de tristeza, de cansaço, foi incapaz de o fazer.

– Lamento – desculpou-se a mulher.

– Não tens de lamentar – replicou Rose. – É o Leon que tem de responder pelos seus atos. Não foste tu que fizeste os votos dele quando nos casámos.

April assentiu lentamente e, depois, ela e o advogado saíram do escritório sem olhar para trás.

Rose sentia-se como se, entre ela e Leon, acabasse de detonar uma pequena bomba cor-de-rosa. Tudo o que acontecera durante aqueles últimos dias fora apenas uma ilusão. O facto de Leon não se lembrar do passado não fizera com que desaparecesse.

– Não temos nada do que um bebé precisa – comentou Leon, finalmente.

– É com isso que vais preocupar-te agora?

– O que queres que diga? Não me lembro de nada disto, embora os papéis provem que é tudo verdade.

– Renunciaste aos teus direitos sobre uma filha que tiveste com outra mulher durante o nosso casamento.

– Sim. Mas tu já sabias que ia para a cama com outras mulheres.

– Mas é surpreendente que tenhas tido uma filha com uma delas. – O tom de Rose revelou a histeria que começava a crescer no seu interior. – Esse é um grande segredo.

– Inquieta-me muito mais o facto de não ter querido saber nada da Isabella.

– Suponho que quisesses evitar esse panorama.

– Que tipo de homem é capaz de fazer uma coisa dessas? – perguntou Leon. – Que tipo de homem é capaz de pagar a uma mulher para manter o filho afastado da sua vida?

– Tu – concluiu Rose, com firmeza, sem se preocupar com a possível crueldade do seu tom. – Aparentemente, tu.

– Estou a começar a pensar que não sei nada sobre mim próprio – murmurou Leon, num tom sombrio.

Contudo, Rose não sentiu pena dele. Recusava-se a senti-la.

– Eu também não. – Depois de dizer isso, virou-se e saiu do escritório, consciente de que aquilo era o mais cruel que podia fazer naquele momento. Deixar Leon a sós com os seus pensamentos. Com a filha.

Leon olhou para a bebé enquanto experimentava uma tempestade de emoções no seu interior. Quem era? Que tipo de homem era capaz de manter a esposa virgem e escondida numa mansão enquanto ele continuava a viver a sua vida

como se ela não existisse?

E o que podia fazer quando descobria que era um monstro? Porque fora um monstro. Não havia outra explicação para tudo aquilo. Os homens a sério não abandonavam os filhos daquela forma, não pagavam para se livrar deles.

Nem sequer sabia se alguma vez pegara num bebé ao colo. Certamente, não pegara naquele.

De repente, deu por si de cócoras à frente do carrinho, com o coração a bater com tal força no peito que mal conseguia respirar. Olhou para a menina adormecida, tão pequena, tão perfeita, abandonada pela mãe e condenada a ficar com o homem que fora capaz de renunciar a ela para não ser incomodado.

– Lamento – murmurou, num tom emocionado. – Lamento ter sido o homem que era. Mas não tenciono abandonar-te. Tenciono resolver isto e ser o pai que mereces. Tenciono ser o homem que ambas merecem.

Não soube quanto tempo ficou ali, sentado no chão e a olhar para a filha. Mas, ao fim de um momento, a menina começou a mexer-se e deixou escapar um gemido agudo enquanto acordava. Abriu os seus olhinhos azuis e olhou para o pai com o sobrolho franzido, como se fosse o seu inimigo. Depois, ficou corada e começou a chorar.

Leon levantou-se e segurou o carrinho, sentindo verdadeiro pânico.

Precisava de encontrar alguém. Fosse quem fosse. Não queria pegar na bebé ao colo. Não sabia como fazê-lo. Receava magoá-la.

– Rose! – exclamou, enquanto saía e avançava pelo corredor. – Rose, preciso de ti.

Rose saiu da biblioteca, pálida e com os olhos avermelhados.

– O que se passa?

– O bebé está a chorar.

– É verdade – replicou Rose, ao mesmo tempo que cruzava os braços.

– Não sei o que fazer.

– E o que queres que faça?

– Ajuda-me – suplicou Leon.

Rose ficou quieta por um instante, impassível, mas a sua expressão acabou por se suavizar enquanto a bebé continuava a chorar.

– Não vou ajudar-te. Vou ajudá-la. Larga o carrinho.

Quando Leon obedeceu, Rose baixou-se, libertou a bebé do cinto que a segurava e pegou nela ao colo. Leon sentiu um aperto no coração ao ver aquela imagem. Havia algo familiar e, ao mesmo tempo, desconhecido em tudo aquilo, algo que o fez experimentar uma sensação de receio.

– Talvez tenha fome – murmurou Rose.

Ao ver uma lágrima a deslizar pela sua face, Leon sentiu um desprezo profundo por si próprio. Tinha à sua frente as duas mulheres mais importantes da sua vida a chorar e era incapaz de fazer alguma coisa por elas, de as consolar.

– Sentes-te bem? – perguntou, consciente de que não era a pergunta adequada.

Rose olhou para ele com frieza.

– Não sei como cuidar de um bebé. Não sei o que fazer. Não é isto que quero – admitiu, num tom emocionado.

– Primeiro, vou pedir a alguém para comprar comida e o resto do que for necessário. – Leon apercebeu-se de que começara aquela frase como se tivesse uma lista de ações para levar a cabo. Mas não era assim.

– Isso seria bom. – O tom de Rose era tenso, rígido. – Por favor... Pega na menina – acrescentou, oferecendo a bebé a Leon.

Leon pegou na menina ao colo e embalou-a contra o seu peito. Só foi capaz de olhar para ela e de sentir um medo intenso, como se segurasse num tigre devorador de homens e não numa bebé.

Quando levantou o olhar, Rose já se fora embora.

E ele estava a sós no meio do corredor com a filha.

Capítulo 7

Rose sentia-se como se fosse feita de dor. Passara o dia aninhada na cama, sentindo-se devastada. Presumia que Leon estava a tomar conta de Isabella e sentia-se culpada por não o verificar. Mas não o suficiente para se mexer da cama.

Não tinha nenhuma experiência com bebés e não podia oferecer-lhe ajuda. Algum dos empregados poderia dar-lhe uma ajuda.

Não sabia como enfrentar aquela situação. Não sabia como conseguiria perdoar uma coisa daquelas.

Ao ouvir que se abria a porta do seu quarto, ergueu-se na cama com a manta agarrada contra o peito.

– O que queres? – perguntou, com frieza, ao ver Leon na soleira.

– Vais continuar zangada comigo?

– Provavelmente.

– Não posso fazer nada em relação a isto, Rose. Não posso fazer com que o tempo volte atrás.

– E eu não posso fazer nada para evitar sentir-me devastada. Não entendo... Não entendo como pudeste fazer uma coisa destas.

Então, Leon rebentou. Toda a tensão que Rose imaginava que estivera a bulir no seu interior desde o acidente, desde que ficara sem lembranças, começou a emanar dele.

– Não sei como pude fazer uma coisa destas! – exclamou, desolado. – Não me lembro de nada! Não sei que tipo de raciocínios podem ter-me levado a agir deste modo! Porque não ia para a cama contigo? Porque virei as costas à minha filha? Não tenho nenhuma resposta. Tudo desapareceu. Compreendo que estas sejam as consequências dos meus atos e que o facto de não ter respostas não me torna inocente. Mas isso não faz com que a situação seja mais fácil.

Rose cerrou os dentes, esforçando-se para lutar contra a compaixão, contra qualquer possibilidade de se mostrar compreensiva. Agarrou-se à sua raiva como

a um salva-vidas e recusou-se a soltá-la.

– Também não faz com que as coisas sejam mais fáceis para mim. Nem sequer posso recriar-te pelos teus atos como gostaria. Não posso obter respostas, ainda que, provavelmente, não tencionasses dar-mas se conseguisses recordar. Era assim. Foste bom e amável comigo no passado e eu sempre me agarrei a essas lembranças como se tivessem alguma coisa a ver com o homem em que te transformaste.

– E como era esse homem?

– Um *playboy* aborrecido e cínico com um problema com a bebida. Um homem que tinha conseguido tudo e que não parecia sentir nada. – Rose respirou fundo antes de continuar. – És um homem de negócios brilhante, mas és um marido terrível. Só te amas a ti, Leon. E há muito tempo que as coisas são assim.

Leon parecia espantado, mas Rose pensou que o merecia. Até àquele momento, nunca se permitira expressar algo parecido com a dor profunda que estava a experimentar, algo parecido com a raiva que ardia no seu interior.

Porém, naquele momento, estava a permitir-se fazê-lo.

– Não tenho desculpas – declarou Leon. – Os motivos não são importantes. Portei-me de um modo horrível e lamento com todo o meu coração ter-te magoado. Lamento ter magoado a April e a Isabella. Lamento muito.

A sinceridade e a dor do seu tom eram evidentes, mas Rose não encontrou a mínima fresta para a compaixão no seu interior.

– Isso não muda nada. De que serve que «lamentos»? Podes devolver-me os dois últimos anos da minha vida? Podes devolver-me o meu coração? Estou tão cansada de teres o meu coração... Sou uma estúpida por te ter amado durante os passados quinze anos sem mereceres.

– Suponho que nunca tenha merecido que sentisses alguma coisa por mim.

– Claro que não! E também não merecias o carinho do meu pai. O mundo e a vida foram generosos e bons contigo. Suponho que a tua única verdadeira tragédia foi o acidente que sofreste em Itália.

Com grande rapidez, Leon percorreu o espaço que o separava da cama e segurou Rose pela cintura para a levantar.

– Mereço tudo isto – murmurou, enquanto a apertava contra o seu corpo. – Tudo isto e mais. Deixa sair a tua raiva, *agape*. Deixa-a sair toda.

– Odeio-te – sussurrou Rose. – Odeio-te tanto como pensei que te amava. Como te atreves a fazer-me isto? Passei a vida a tentar agradar aos outros. Fui a filha que o meu pai precisou. Tomei conta dele depois da morte da minha mãe. Nunca permiti que me visse a chorar, nunca lhe disse como sentia a falta de uma

mãe na minha vida, como me sentia sozinha. Não queria que se preocupasse e aceitei casar-me contigo para que ficasse tranquilo, embora soubesse que não me amavas – interrompeu-se por um instante, mas, apesar de estar a custar-lhe respirar, continuou a falar. – Nunca te mostrei o sofrimento que me causava que estivesses com outras mulheres. Simplesmente, aceitava o que tinhas para me oferecer, as migalhas que me atiravas ao chão, porque sou apenas uma criatura triste e patética. Mas já deixei de ser a tua criatura!

Leon segurou o rosto de Rose e olhou para ela nos olhos.

– Não podes odiar-me mais do que me odeio.

– Claro que posso! – exclamou ela. – Oxalá pudesses sentir isto! – acrescentou, ao mesmo tempo que apoiava uma mão contra o seu peito. – Oxalá pudesses sentir-te exatamente como eu me senti com o que me fizeste!

As lágrimas ardiam como brasas nos seus olhos e o seu coração parecia prestes a rebentar. Sentia-se desesperada. Desesperada por fazer Leon compreender a sua dor. Queria que a sentisse, que a compreendesse, porque ele sempre parecera conseguir o que queria da vida, até o seu desejo. Porque o desejava com verdadeiro desespero com cada poro do seu corpo, mesmo naquele momento, quando mais o odiava.

Rodeou-o com os braços pelo pescoço e inclinou a cabeça ao mesmo tempo que se punha em bicos de pés para o beijar. Beijou-o com toda a raiva acumulada no seu interior, com a esperança de que o seu ódio o destruísse tão lentamente como a destruía.

Gemeu, angustiada, enquanto entreabria os lábios para introduzir a língua na sua boca. Odiou-se quase tanto como a ele por o desejar, apesar de tudo, por precisar do seu consolo, apesar de ele ser o culpado de toda a sua dor.

Levantou as mãos entre os seus corpos e agarrou-o pela camisa enquanto continuava a beijá-lo. Leon recuou sem a soltar e, depois de alcançar a parede, virou-se rapidamente para que as costas de Rose ficassem apoiadas contra ela.

Rose sentiu os batimentos fortes do seu coração por baixo das palmas das mãos e a roupa que vestiam transformou-se numa barreira insuportável. Não conseguia suportá-la naquele momento, não conseguia suportar que houvesse mais segredos, mais mentiras, nem sequer as que estavam perdidas nas curvas escuras da mente de Leon.

Não podia apagar tudo aquilo, mas podia fazer alguma coisa em relação à roupa. Sem pensar duas vezes, com uma força que nem sequer sabia que possuía, arrancou-lhe a camisa do peito. Uns instantes depois, estavam ambos nus, pele contra pele, ofegantes, como se estivessem a tentar fundir-se num só corpo.

O desespero de Leon igualava o de Rose. E também a sua dor. Aquilo não o absolvía de nada, mas, pelo menos, satisfiz Rose, porque, na parte mais íntima e perversa do seu ser, queria que ele também sofresse.

Afastou os lábios da sua boca e inclinou a cabeça para lhe raspar o pescoço com os dentes. Leon deixou escapar um gemido rouco e segurou-a pelo queixo para a fazer erguer o rosto antes de se inclinar para lhe morder o lábio inferior.

Rose retribuiu o favor. Afundou os dentes na sua carne terna e, depois, aliviou-os, deslizando a língua por ela. Então, Leon deslizou as suas mãos para baixo para a segurar pelo rabo e levantou-a para a fazer sentir a sua ereção firme entre as pernas. Rose arqueou-se contra ele, procurando o esquecimento, procurando acalmar a sua ansiedade com uma explosão de prazer.

Leon segurou-lhe as coxas por cima das ancas e, depois de um instante, penetrou-a profundamente e num só movimento.

Não experimentaram um clímax delicado e gradual. Foi uma explosão quase feroz, intensa, raivosa de necessidade, carregada de uma espécie de desespero que os envolveu e ficou plasmado nas suas peles.

Quando tudo acabasse, teriam de enfrentar uma situação com que nenhum dos dois sabia como lidar. Quando o desejo se extinguisse, teriam de encontrar um modo de seguir em frente, juntos ou separados.

Contudo, naquele instante, tinham aquilo. Naquele instante, tinham-se um ao outro. E Rose agarrou-se com força aos ombros de Leon enquanto ele a levava ao topo do prazer. Finalmente, arqueou-se para trás com um grito rouco de libertação, ao mesmo tempo que Leon encontrava a dele, chegando ao orgasmo no seu interior.

E, quando tudo acabou, quando os batimentos enlouquecidos do coração de Rose amainaram, deixou-se cair ao chão enquanto a amargura e a tristeza, esquecidas durante uns instantes mágicos, se apropriavam novamente dela.

Leon ajoelhou-se junto de Rose e rodeou-a com um braço pelos ombros enquanto chorava, desconsolada. Chorava por sua causa, por causa da dor que lhe infligira. Reteve-a contra ele, apesar de não ter o direito, apesar de saber que estaria melhor com um desconhecido.

– Lamento – murmurou e as palavras foram frustrantemente vazias para os seus próprios ouvidos.

Para poder dar-lhes mais peso, teria gostado de saber com exatidão de que era culpado, ter consciência de cada um dos pecados que cometera.

Queria responder pelos seus pecados, mas nem sequer sabia quais eram.

– Lamento – repetiu, porque não tinha outra coisa para dizer.

– Não é o que queria – disse Rose, ao seu lado, entristecida e devastada. – Não sonhava criar o bebé que tinhas tido com outra mulher. Desejava ter um filho teu. Queria que me amasses.

– Rose...

– Pareço uma menina a fazer uma birra. – Com um suspiro trémulo, Rose levantou um braço para esfregar as lágrimas do rosto. – Mas tanto faz o que queria. O que importa é a realidade do que temos. E tu tens uma filha.

– E quero tomar conta dela – declarou Leon, apesar do medo e desassossego que sentia com o mero facto de pensar nisso.

Por algum motivo, pressentia que, mesmo que não tivesse perdido a memória, a ideia de ter de tomar conta de um bebé também o assustaria.

– Eu sei – disse Rose. – E não poderia pedir-te para não o fazeres. A Isabella é tua filha.

– Mas tu não queres.

– Não. Não é isso. Eu... Sempre soube que ias para a cama com outras mulheres, Leon. Aparecia na imprensa cor-de-rosa e na Internet. Todos sabiam que não eras fiel, que te casaste com uma mulher que não estava à altura das belezas com que costumavas sair. – Rose teve de pigarrear para poder continuar a falar. – Mas isto... Uma prova tão clara de que estiveste com outras mulheres, saber que alguma conseguiu o que eu desejava tão desesperadamente, é algo que não posso ignorar.

– Entendo.

– Mas não é culpa da Isabella. Ela não fez nada de mal. Primeiro, foi abandonada pelo seu pai e, depois, pela sua mãe... E sinto-me incapaz de enfrentar a ideia de voltar a abandoná-la. Não sou capaz.

– Tu és a única lembrança que tenho, Rose, a única pessoa que esteve constantemente ao meu lado desde que abri os olhos e voltei para o mundo como um homem sem memória. E lamento muito o comportamento imperdoável que tive contigo. Mas, se sentes que vais estar zangada com a Isabella, se achas que podes descarregar o teu ressentimento sobre ela de algum modo... seria melhor procurarmos alguma outra solução.

Leon sentiu-se como se o seu coração se partisse enquanto dizia aquilo, mas a filha sempre teria perguntas sobre o que acontecera com a mãe. E nunca poderia perdoar-se se Isabella crescesse numa casa em que se ressentiam com a sua presença.

Esperou. Esperou para saber se Rose estaria zangada. Tinha todo o direito do mundo de estar, de o castigar. De se ir embora. Mas ele tinha de proteger Isabella.

– Queres dizer que não devia envolver-me com ela se não for capaz de cuidar dela como sendo a minha própria filha.

Leon abanou a cabeça.

– Não posso pedir-te uma promessa como essa. Mas, se for impossível não te sentires ressentida com ela, se for impossível estar na mesma divisão do que ela... Eu mereço esse tipo de coisas, mas ela não.

– Eu sei. – Rose pestanejou. – Sinto-me como se estivesse a ser repreendida, quando tu és o único que merece uma coisa dessas.

– Não estou a repreender-se, Rose. É só que... começar assim... Se não me esforçar para compensar a Isabella depois de como a sua vida começou, que futuro pode esperá-la? Renunciei aos meus direitos sobre ela e, agora, voltei a recuperá-los, mas só porque a mãe a abandonou. Não quero que sinta que foi um bebé que ninguém quis ter, não quero que tenha de sofrer porque os adultos da sua vida eram demasiado egoístas e estavam demasiado devastados para ver para além de si próprios.

Rose assentiu lentamente.

– Compreendo. É apenas um bebé. E não estou zangada com ela – murmurou, enquanto uma lágrima solitária deslizava pela sua face. – Custou-me olhar para ela e pegar nela ao colo porque desejava com todo o meu coração que fosse minha – acrescentou, ao mesmo tempo que se afastava de Leon para se apoiar contra a parede.

– Não posso mudar o passado – disse ele, impotente. – E não posso garantir o futuro. Só posso tentar emendar o que fiz, o que temos agora. A Isabella pode ser nossa. E não o digo à espera de que te livres de repente de todo o peso que o passado carregou nas tuas costas. Não o digo como se fosse uma espécie de acordo mágico. Mas a Isabella está aqui. E nós também. E eu... Ainda quero fazer com que as coisas funcionem entre nós.

– Às vezes, penso que nunca vais parar de pedir-me coisas impossíveis – murmurou Rose, fracamente.

– Espero que, algum dia, possas pedir-me algo impossível, Rose. – Leon acariciou-lhe a face com delicadeza. – E espero estar à altura.

Rose assentiu.

– Quero tentar. Por nós. Por todos nós. Quero tentar – acrescentou, enquanto se levantava. – Onde está a Isabella?

Capítulo 8

Ao longo das semanas seguintes, tudo pareceu progredir lentamente com Rose e Isabella. Contrataram uma ama, uma mulher madura e experiente, para ajudar a tomar conta da bebê durante o dia. Embora Leon tivesse vontade de assumir mais responsabilidades, não achava que pudesse confiar por completo em si próprio. E se esquecera alguma informação essencial que o resto das pessoas possuía no que dizia respeito aos cuidados de um bebê?

Empregar alguém para dar uma ajuda parecera-lhe a melhor opção. Não podia pedir a Rose para parar a sua vida não só para cuidar dele, mas também da bebê.

Apesar de tudo, Rose também estava a ocupar-se cada vez mais de Isabella. Com frequência, era a primeira a ir ter com ela quando a pequena precisava de ajuda.

Vê-las juntas fazia Leon sentir que o seu peito se partia em dois. Às vezes, ao ver Isabella ao colo de Rose, era fácil de acreditar que aquela era uma imagem real da mulher e da filha e que, entre os três, só havia isso, em vez da massa de mentiras escura e confusa que, na verdade, se enroscava em torno deles como uma trepadeira carregada de espinhos.

Leon passou uma mão pelo rosto e observou o bar que havia num extremo da divisão. Estava cheio de garrafas, uma prova do homem que fora. Um homem que procurara o esquecimento com tenacidade.

Riu-se com amargura ao pensar que conseguira. Já tinha o seu esquecimento, ainda que não tivesse encontrado paz com ele.

Embora a relação de Rose com Isabella estivesse a melhorar, não podia dizer o mesmo da sua com Rose. Não lhe tocava e mal lhe falava. Imaginara que, depois a ter tido entre os seus braços no quarto enquanto chorava e desabafava, Rose teria continuado a procurar uma relação íntima com ele. Mas não fora assim. Já não olhava para ele como costumava fazer. Os seus olhos azuis, a única lembrança que conservara depois do seu acidente, tinham mudado. Tinha-se tornado gélidos. Zangados. Ou, nos piores momentos, completamente

inexpressivos. Aquela mulher amara-o apaixonadamente. E ele destruía aquele amor.

Não podia enganar-se com a possibilidade de um novo começo para a sua relação. Ele não era um homem novo, renascido depois do seu acidente. Era o mesmo que traíra a sua esposa, que não amava ninguém senão ele próprio, que abandonara a filha.

Não havia absolvição para ele. Devia encontrar uma forma de seguir em frente sem aquela absolvição, carregando aquele peso sobre os seus ombros, de continuar a lutar pelas novas coisas que desejava alcançar. Desejava de todo o coração continuar a cuidar de Rose, continuar a amá-la como começara a fazê-lo, e que ela voltasse a amá-lo.

Mas sabia que recuperar o seu carinho não seria fácil. E isso se ainda fosse possível obtê-lo.

Com um suspiro profundo, entrou no quarto e encaminhou-se para a sua cama vazia. O facto de Rose não estar lá causava-lhe um sentimento profundo de desolação e perda e não por causa da falta de satisfação sexual que isso implicava, mas por todos os motivos por que não estava lá.

Apesar da angústia com que se deitou, não demorou muito a adormecer.

Acordou com um sobressalto. O monitor da bebé que tinha na parede junto da mesinha de cabeceira quase estava a vibrar por causa dos gritos de Isabella. Estava a chorar a meio da noite, algo que não fizera até então. Alguma coisa estava mal. Tanto Rose como ele tinham um monitor no seu quarto, algo que tinham decidido, dado o tamanho da casa. Contudo, aparentemente, teria de ser ele a levantar-se. Não podia esperar que Rose se levantasse àquelas horas para tomar conta de um bebé que não queria.

Levantou-se da cama e saiu para o corredor, mas os seus passos começaram a tornar-se mais pesados à medida que ia avançando. Uma sensação estranha e aterradora apoderou-se do seu peito, gelando o seu coração e os seus pulmões. Não sabia o que estava a acontecer. Sentia o rosto intumescido. Os dedos frios.

Isabella já não estava a chorar. Não conseguia ouvi-la. Só conseguia ouvir os batimentos enlouquecidos do seu coração.

De repente, sentiu-se como se estivesse a andar por dois corredores diferentes. Um deles pertencia a uma casa mais pequena. A um apartamento. O outro era onde estava. Era uma sensação muito estranha. A sensação de existir ao mesmo tempo em dois lugares diferentes, em dois momentos diferentes no tempo.

E, de repente, compreendeu que se tratava de uma lembrança. Uma lembrança que não conseguia agarrar, que rondava pelo fundo da sua mente sem se deixar

ver.

Tentou acalmar a sua respiração, continuar a avançar. Custou-lhe um esforço enorme. Talvez fosse aquilo que acontecia com um amnésico quando começava a recuperar a memória. Se era assim, o processo de recuperação da sua memória ia ser um verdadeiro suplício.

A imagem do passado voltou a sobrepor-se à do presente quando entrou no quarto. Ao ver o berço de Isabella, também viu outro berço. Mais pequeno, mais simples.

De repente, sentiu-se como se se estivesse a sufocar. Mal conseguia respirar e sentia o peito rígido como um bloco de gelo. Um suor frio emanou da sua testa e começou a tremer.

E foi assim que Rose o encontrou, de pé à frente do berço de Isabella, rígido como uma estátua, incapaz de se mexer. Aterrorizado com a ideia de olhar para a sua filha.

Não queria vê-la deitada no berço. Não sabia porquê. Só sabia que não se sentia capaz de olhar.

– Leon? – chamou-o Rose, com suavidade, atrás dele. – Está tudo bem com a Isabella?

Leon sentiu que os seus lábios se tornavam de pedra enquanto se esforçava para responder.

– Não está a chorar.

Quando Rose passou junto dele, segurou-a com força pelo braço e puxou-a para trás.

– Não! – exclamou, com verdadeiro pânico. – Não... Não deves ir para o seu lado.

Rose olhou para ele com estranheza.

– O que aconteceu?

– Estou a ter uma lembrança. Dói e... mal consigo mexer-me.

Rose observou-o na penumbra por um instante.

– Mas eu consigo – declarou e livrou-se da mão de Leon para se aproximar do berço e pegar em Isabella ao colo.

O terror percorreu Leon como uma grande onda negra e parou de respirar. Voltou a fazê-lo quando Isabella se mexeu nos braços de Rose.

Deu um passo em frente e observou o interior do berço. Logicamente, estava vazio, mas, mais uma vez, experimentou a sensação de estar em dois lugares diferentes, de estar a olhar para outro berço.

Fechou os olhos e a sua mente encheu-se de imagens ao mesmo tempo que

uma dor escura e aguda invadia o seu coração.

E, de repente, começou a recordar.

Michael não acordara para pedir a comida como costumava fazer. Fora o silêncio que acordara Leon. Amanda continuava a dormir, mas não se importara de se levantar para ir ter com o filho.

Avançou rapidamente pelo corredor para o quarto do menino. A partir daí, a lembrança parecia estar em câmara lenta. Leon recordou com clareza ter experimentado um receio inexplicável assim que vira o seu filho no berço. Quando estendera uma mão para a apoiar no seu peito, percebera que estava completamente imóvel.

A lembrança estava carregada de dor, de pânico e de desespero. Tentou impedir que chegasse à sua conclusão, mas foi inútil. Nada mudaria o resultado.

E nada poderia preencher o poço profundo de dor terrível que ficara na sua alma. Já não tinha apenas vazio no seu interior. Adquirira substância. Uma substância aterradora de dor, de perda. De morte.

De repente, sentiu que as suas pernas eram incapazes de o segurar e teve de se sentar no chão.

– Leon?

Preocupada ao vê-lo naquele estado, Rose voltou a deixar Isabella no berço e baixou-se junto dele.

– Leon! – repetiu, ao ver que não reagia. Apoiou uma mão na sua face.

Tinha o rosto frio e respirava com esforço.

– Michael... – Foi tudo o que disse.

– O quê?

– Tive um filho. Chamava-se Michael.

Dizer aquilo fez com que outra avalanche de lembranças invadissem a sua mente. Amanda. Descobrir que estava grávida. O medo. A alegria. Eram jovens, mas havia amor suficiente entre eles para enfrentar a situação.

Até aquela luz se extinguir.

– O quê? – repetiu Rose.

– Acabei de recordar. Entrei aqui e lembrei-me de tudo sobre ele.

– O que se passou?

– Morreu – respondeu Leon e aquela palavra foi como ácido na sua língua.

Rose olhou para o marido, emocionada, incapaz de processar as suas palavras.

– Não podes ter tido outro filho. Isso é impossível.

– Não sabes nada sobre ele?

– Como poderia saber?

– Não sei nada sobre a minha vida, Rose. Não sei o que sabes sobre mim. Não sei... Não faço ideia de quem sou realmente.

Rose engoliu em seco.

– Não sabia nada disto – redarguiu, fazendo um esforço para manter a calma.

Estava zangada com Leon. Estivera zangada desde que Isabella aparecera. Não sabia o que aquilo ia significar para eles, para a sua relação, para o seu futuro. Mas não podia negar-lhe o seu consolo naquele momento.

– Posso contar-te? – perguntou Leon, quase com desespero. – Posso contar-te antes de me esquecer?

– Não o esquecerás.

Leon estendeu uma mão para segurar Rose pelo braço.

– Mais alguém tem de saber. Perdi isto. Perdi a lembrança do meu filho. Quem mais sabe alguma coisa sobre ele? Se não te contar, quem mais saberá?

Rose assentiu lentamente.

– Fala-me dele.

– A Amanda e eu tínhamos dezasseis anos quando nos conhecemos. Éramos demasiado jovens para ter um filho, para saber o que estávamos a fazer. E, porém, fizemo-lo. Eu tinha vindo para os Estados Unidos há um ano, sozinho. Consegui alguma ajuda e consegui começar a estudar. Foi assim que conheci a Amanda. Os pais dela não gostaram que a filha comesse uma relação com um rapaz grego sem dinheiro que mal falava inglês e vivia sozinho num apartamento.

– Imagino – murmurou Rose.

– E tinham motivos para estar preocupados. A Amanda ficou grávida. Mas éramos jovens e estávamos apaixonados e pensámos que conseguiríamos superar todos os desafios que tivéssemos de enfrentar. Tivemos o nosso filho, a quem chamámos Michael, porque queria que tivesse um nome norte-americano, que encontrasse o seu lugar neste país. – Leon deixou escapar um suspiro profundo e apoiou as costas contra a parede. – É incrível estar a recordar isto agora. Parece tão simples... Mas há outras coisas que...

– Ainda não te lembras de tudo.

Leon abanou a cabeça.

– Não.

– Conta-me o resto do que recordas – pediu Rose, cada vez mais consciente de que sabia muito pouco sobre Leon.

O homem que achava amar era apenas uma elaboração da sua imaginação. Quando experimentara os seus primeiros sentimentos por ele, ainda era muito jovem, quase uma criança. Na sua mente, Leon praticamente brotara da terra, já crescido, bonito e atraente, perfeito, amável e delicado. Um homem criado para apagar as lágrimas que derramara quando a tinham deixado plantada no baile de finalistas, desenhado para esperar por ela ao fundo do corredor da igreja, perfeito, elegante, capaz de pronunciar uns votos maravilhosos que ela embalara como um tesouro no seu coração.

Contudo, naquele momento, estava a ver a verdade. Leon era um homem composto de luta, de dor, um homem que conhecera a felicidade e também a desolação profunda da perda antes de ela o conhecer.

Fora muito infantil e tola.

– A família dela não quis voltar a saber dela ou do bebé – continuou Leon. – Disse-lhe que eu tomaria conta dela, que tinha vindo para aqui para fazer com que os meus sonhos se tornassem realidade e que faria com que os dela também se tornassem reais. A Amanda continuou a estudar depois do nascimento do Michael e eu comecei a trabalhar na secção de correios da Tanner Investments. Examinei atentamente como tudo funcionava e comecei a fazer sugestões que os meus chefes acharam interessantes. O teu pai ouviu falar de mim e permitiu-me colaborar com alguns dos seus melhores empregados enquanto continuava no meu lugar na secção de correios. Pensei que aquela seria a chave para mudar as nossas vidas, para poder oferecer à Amanda tudo o que lhe tinha prometido.

– Duvido que haja muita gente no mundo capaz de conseguir o que tu conseguiste – observou Rose, num tom ligeiramente rouco.

– Mas os meus sucessos no terreno profissional não são a questão. – Leon deixou escapar um suspiro profundo. – O Michael morreu da misteriosa síndrome da morte súbita em janeiro. Tinha apenas três meses. Eu tinha saído da Grécia convencido de que conseguiria abrir caminho aqui. Também estava convencido de que conseguiria cuidar da Amanda. E do meu filho. Sentia-me invencível, totalmente seguro de mim próprio. Mas, naquele dia, entrei no seu quarto e encontrei-o morto. Já era demasiado tarde. Não havia negociação possível. Nunca me tinha sentido tão impotente. Era tão jovem que, até então, tinha achado que as regras que regem a vida de todos os outros não eram para mim. Mas não era suficientemente especial, forte e inteligente para vencer a morte. – Ficou em silêncio por um momento, enquanto os seus ombros se afundavam. – Senti-me tão perdido que não fui capaz de oferecer à Amanda o apoio e o consolo de que precisava. Queria desaparecer com cada nova

oportunidade de trabalho que se apresentava, para, pelo menos, ter a sensação de controlar alguma coisa. Um dia, regressei a casa e a Amanda já se tinha ido embora. Nunca a procurei. Já não queria ter uma companheira. Não queria que alguém se preocupasse comigo. Não queria preocupar-me com ninguém. – Fechou os olhos e uma lágrima solitária deslizou pela sua face. – Que tipo de pai é incapaz de proteger o seu filho? O que importa se triunfei no mundo dos negócios e se ganhei enormes quantias de dinheiro, se não fui capaz de impedir que o meu menino morresse?

– Leon... Tu não o deixaste morrer. Foi uma tragédia. – Rose teve de fazer verdadeiros esforços para controlar as emoções que estava a experimentar. – Não terias conseguido salvá-lo.

Leon passou uma mão pelo rosto.

– Suponho que isso devesse servir de consolo. Mas não serve. Não sinto nenhum consolo. A única coisa que me faz sentir é a inutilidade de estar à mercê do destino.

– Não sei se se trata do destino. A vida consiste numa série de acontecimentos imprevisíveis. Pode ser maravilhosa. E terrível. Alguns desses acontecimentos são consequências dos nossos atos e outros não têm sentido. O que importa é o que fazemos com eles. Isso é a única coisa que podemos controlar.

– E o que controlaste na tua vida, Rose? – O tom de Leon foi duro, cínico. Era um Leon mais parecido com o de antes do acidente.

– Nada. – Rose pestanejou para afastar as lágrimas de frustração e dor que ameaçavam derramar-se dos seus olhos. – Sempre fiz tudo o que o meu pai queria porque pensava que, assim, conseguiria fazer com que fosse feliz. Sacrifiquei-me por ele. Foi assim que escolhi enfrentar a perda da minha mãe. E pensei que tu serias a minha recompensa. Mas já compreendi que a recompensa de alguém não pode ser outra pessoa, porque não podemos controlar as pessoas. – Riu-se sem nenhum humor. – Uma pessoa não é um bolo. Ninguém existe apenas para ser a compensação de outro. Demorei demasiado tempo a compreender que não ias transformar-te por artes mágicas na recompensa que sentia que merecia. Envergonha-me reconhecer que sei muito pouco sobre ti, Leon. Esperava que existisses para mim, só para mim. Nunca pensei na possibilidade de teres a tua própria dor e de te ter impulsionado a ser como eras. Não era capaz de ver para além da minha própria dor.

Rose sabia que aquela confissão não podia emendar o passado e também não ia servir para se sentir capaz de confiar mais em Leon. Nem sequer ia servir para o perdoar. Mas descobrir que sofrera uma perda tão devastadora na sua vida

ajudava-a a ver o marido de outra perspectiva. Aquilo explicava o seu comportamento. A sua afeição pela bebida, a sua libertinagem. Mas a compreensão não bastava para eliminar a ferida profunda que havia no seu coração, para reavivar a terra erma que os rodeava.

– Quando me encaminhava pelo corredor para aqui, receei que... que a Isabella... – murmurou Leon, sem mencionar nada em relação ao que Rose dissera.

– A menina está bem – disse ela, consciente do motivo que impulsionara Leon a renunciar à filha. – Foi por isso que não quiseste responsabilizar-te por ela.

– Se, depois do acidente, me tivesses perguntado o que era o amor, teria dito que não sabia. Mas se me perguntares agora... O amor é dor, Rose. É uma esperança que floresce sem nenhuma consciência do que pode esperar-nos ao virar da esquina. Ninguém se preocupa com o que poderia correr mal. E isso faz com que seja ainda mais doloroso quando nos arrancam tudo. Não queria voltar a passar pelo mesmo.

– Mas, agora, a Isabella está aqui – replicou Rose, que, apesar de lhe custar aceitar a menina, também não era capaz de se imaginar a livrar-se dela. Não podia voltar atrás naquilo. Sabia que não havia um laço maternal mágico entre Isabella e ela, mas havia alguma coisa a florescer no seu peito.

Estava a começar a amar a filha de Leon e há dias que sentia um afã protetor claro por ela. Queria evitar que se sentisse não desejada, tanto por Leon, como por ela própria.

– Sim – murmurou Leon. – Está aqui.

– E não podes voltar a livrar-te dela.

– Não disse que tencionava fazê-lo.

– Desculpa se não me sinto totalmente certa disso – disse Rose. – As coisas estão a mudar. Tu estás a mudar. Quantos mais lembranças recuperares, mais voltarás a ser o homem que eras. E se achas que as coisas podem voltar a ser como antes...

Leon levantou-se quase com brusquidão.

– Não acredito.

– E se te enganares? – perguntou Rose, desafiante. – Garanto-te que, desta vez, lutarei contra ti sem te dar tréguas. Acabaram-se os segredos, as mentiras. Não podemos permitir-nos tê-los. Esta é a nossa vida. – Rose tinha consciência de que estava a adotar uma posição que queria adotar. Um compromisso. – Quero que sejamos uma família.

– Não sei se posso prometer isso.

– Vais fazê-lo. Vais fazê-lo ou terei de lutar contra ti. Por esta casa. Pela Isabella.

– Não conseguirias ganhar se me enfrentasses. Como já me explicaste, se não continuasses casada comigo durante mais três anos, perderias a casa. E quanto à Isabella, biologicamente, é minha. Não tens direitos sobre ela.

Rose não esquecera como Leon podia ser arrogante e impossível. Fora fácil esquecê-lo durante aquelas semanas, mas, aparentemente, voltava a ser o mesmo de sempre. Forte. Impulsivo. Ocasionalmente desumano. Aparentemente, já estava a lutar contra a vulnerabilidade que estivera a mostrar.

– Então, o que queres que façamos com as nossas vidas?

– Vais continuar a ser a minha mulher.

– E tencionas continuar a viver como vivias? Devias ter em conta que, desta vez, eu não seria a única abandonada. Também deixarias a Isabella – indicou Rose, enquanto avançava com passo firme para Leon. – Mas isso estaria em concordância com o teu comportamento habitual, claro. Afastar as mulheres que podem causar-te dor, que podem interpor-se na tua diversão.

– Não é tão simples quanto isso e sabes. Sobretudo, agora, que ouviste falar do Michael.

– O amor assusta-te. O grande Leon Carides sente-se aterrorizado com o amor e foge dele.

– Até eu sei reear algo tão mau quanto isso.

Rose sabia que estava a pressioná-lo em excesso, mas não conseguia evitá-lo.

– Sei que sofreste uma perda terrível, mas isso não te dá o direito de fazer as outras pessoas passar por um inferno enquanto te proteges.

– E isso dito por ti, que passaste a vida a esconder-te nesta mansão, a ocultar-te por trás das mentiras infantis que contavas a ti própria, por trás dos teus livros? Achas que conheces a dor porque perdeste os teus pais. Mas eu enterrei o meu filho. Não me dês sermões sobre a dor do conforto do teu ninho. Não sabes nada. Absolutamente nada.

Assim que disse aquilo, Leon virou-se e saiu a passos largos do quarto, deixando Rose a sós com Isabella.

Por alguns segundos, Rose pensou em segui-lo, mas, finalmente, decidiu aproximar-se do berço. Inclinou-se para Isabella e acariciou a pele delicada e rosada da sua face com os nós dos dedos.

Sabia mais sobre Leon do que soubera antes de entrar no quarto, do que alguma vez soubera. Tinha uma explicação para a sua maneira de ser. Porém, não se sentia mais próxima dele do que antes, mas antes pelo contrário.

Começava a achar que nunca conseguiriam atravessar a ponte que os separava. Quanto mais se impunha a realidade do passado, mais crescia a distância entre eles.

Baixou o olhar para Isabella. Evidentemente, não havia recompensas. Apenas havia a vida e o que alguém decidia fazer com ela.

– Não acho que o meu pai soubesse realmente o que fazer comigo – murmurou, no silêncio do quarto –, mas amei-o de qualquer forma. E ele amava-me. Não sabia como demonstrar, mas sei que me amava. Aconteceu o mesmo que aconteceu ao teu pai, perdeu alguém que amava com todo o seu coração. Deve ser difícil mostrar amor depois de experimentar uma coisa dessas.

Rose sentia consciência de que Isabella não conseguia entender nada do que estava a dizer, embora fosse tudo verdade. Depois da morte da esposa, o pai sentira-se mais confortável a perder-se no trabalho, a ajudar Leon a triunfar, porque aquilo era mais fácil do que amar.

– Eu amei o teu pai – continuou, com lágrimas nos olhos –, mas ele nunca me amou. Isso dói. Faz com que queira esconder-me, aninhar-me num canto e não voltar a amar ninguém. Mas acho que vais precisar que alguém te ame. E eu vou fazê-lo. Vou amar-te como se nunca ninguém me tivesse magoado. Nenhuma de nós escolheu isto e mereces alguém melhor do que eu, mas chegou o momento de começar a tomar as minhas próprias decisões. Chegou a hora de parar de esperar. E escolho-te, Izzy. Não sei o que o teu pai fará. Não posso transformá-lo no homem que gostaria que fosse. Só posso tentar ser a mãe que mereces. Não sei como ser mãe. Mal me lembro da minha, mas sei como senti a falta de a ter ao meu lado. O Leon tem razão ao dizer que passei a vida a esconder-me, mas isso já acabou. Acabou para sempre.

Capítulo 9

As lembranças sobre o seu filho tinham começado a fundir-se com o passado, transformando-se de uma ferida aberta repentinamente numa cicatriz recente. Michael morrera há dezasseis anos, não há alguns dias.

Leon precisara de alguns dias para parar de reviver aquele momento terrível e também compreendera porque se portara daquela forma no passado, porque tentara evitar a todo o custo a realidade de Isabella. Embora aquela compreensão não o fizesse sentir-se precisamente orgulhoso do seu comportamento inaceitável.

Entrou no escritório onde Rose passava a maior parte do tempo, a catalogar os livros da biblioteca do pai e outros objetos da sua coleção. Surpreendeu-o verificar que tinha Isabella junto dela, num berço cor-de-rosa, e que o embalava distraidamente enquanto cantarolava e revia um livro. Aquela imagem causou-lhe uma emoção que não soube interpretar.

– Devo-te um pedido de desculpas – disse e surpreendeu-se com as suas próprias palavras.

Rose olhou para ele com desconfiança.

– Espero que não tenhas mais «surpresas» para me dar.

– Não. – Leon ocupou uma cadeira que havia do outro lado do berço. – Lembras-te do que te disse sobre como devias tratar a Isabella?

– Como podia esquecer? – perguntou Rose, com ironia. – Estava nua e no meio de uma tempestade de emoções. Esse tipo de momentos costuma ficar gravado na memória.

– Foi fácil dizer que, se não te sentias capaz de tratar a Isabella como sendo a tua própria filha, terias de te afastar da situação. Mas não tinha o direito de te dizer isso. Não entendia o fardo emocional pesado que queria pôr nos teus ombros, Rose. Mas, agora, sei como é difícil superar as coisas e não sei se fui capaz de superar alguma coisa realmente importante na minha vida.

– Superaste as complicações do sistema de imigração, a pobreza e a carência

de uma educação.

– Isso é verdade, mas referia-me ao terreno emocional. Não estava em posição de te repreender.

– Estás a pedir-me desculpa? – perguntou Rose, com os seus olhos azuis e grandes esbugalhados.

– Sim.

– Creio que também me deves uma pelo outro dia.

– Não te sintas demasiado esperançada.

Isabella começou a mexer-se naquele momento e Rose pousou rapidamente o livro para pegar nela ao colo.

– Creio que a Isabella tem a esperança de que lhe dê alguma coisa de comer em breve – comentou.

– Chamo a ama?

– Não. A Elizabetta está de folga. Estás a agir como se a Isabella não tivesse estado aqui nas últimas semanas. Mas tu foste o único que mudou. Antes de te lembrares do passado, costumavas dar-lhe de comer de vez em quando.

– Recordar foi o que me impulsionou a vir desculpar-me. É fácil falar das coisas quando não experimentámos nada.

– Tenho uma nova informação para ti, Leon. A Isabella não se preocupa com a tua dor. É um bebé. Só se preocupa com ela própria, com ser pegada ao colo e alimentada. Não se importa com o que acontece. – Rose não tentou mexer-se. – O biberão dela está naquela mesa, no aquecedor. Traz-mo.

Aquela era uma Rose diferente da que Leon conhecera até então. Comportava-se de um modo mais imperioso. Não parecia preocupada com ele nem andava em bicos de pés em torno do seu estado mental. E, curiosamente, gostou disso.

Discutir com Rose fora doloroso, mas também despertara uma espécie de fogo no seu interior que não existia antes. Ela própria dissera que, antes do acidente, nunca discutiam, algo que não era de estranhar, pois mal falavam. Mas sentia-se mais vivo quando a enfrentava. Talvez aquilo o fizesse recordar a forma como costumava ser no seu trabalho.

– Quanto mais tempo ficares aí quieto, mais gritará – avisou Rose.

Leon reagiu ao ouvi-la e foi rapidamente buscar o biberão. Quando lho entregou, teve cuidado para manter a distância de Isabella.

Rose levou a tetina do biberão à boca da bebé, que fez uns barulhos de agradecimento enquanto bebia. Então, Rose levantou-se.

– Creio que devias pegar nela ao colo.

Leon recuou, tenso.

– Acho que não.

– Podes manter-me à distância, se quiseres, Leon, mas não podes fazer o mesmo com a tua filha. Não tenciono permiti-lo.

Leon ficou quieto onde estava, a observá-la.

– É um bebé, não uma bomba – insistiu Rose, ao mesmo tempo que lhe oferecia a menina.

– É tão... delicada – balbuciou Leon. – Tão vulnerável... sinto-me aterrorizado. Oxalá me lembrasse de mais coisas. A única coisa que recuperei foi a sensação terrível causada pela perda do meu filho.

– Sei que deve ser difícil para ti, Leon. Não posso dizer que entendo o sentimento, porque não o experimentei, mas o que sei é que a Isabella está aqui e precisa de ti. Falhar-lhe seria uma decisão tua.

Leon sentiu um sabor metálico estranho na boca, parecido com o de há dois dias no quarto da filha.

– A Isabella está aqui – insistiu Rose. – Está aqui e tu sofreste esse acidente recentemente que podia ter-te custado a vida e que também está a dar-te a oportunidade de mudar. Que sentido teria tudo se não aproveitasses essa oportunidade?

Leon estendeu os braços para a filha e Rose entregou-lha.

– Tens razão – murmurou, sem desviar o olhar de Isabella enquanto a aproximava do seu peito. Conseguia ver-se na sua carinha, no seu cabelo escuro, na sua boca. Era um milagre ver-se num bebé. Um milagre que não esperara voltar a experimentar. – Renunciei a ela. Estava disposto a renunciar a ela.

– Estavas assustado – concluiu Rose, com simplicidade.

– Não mereço que me defendas. Segui o caminho mais fácil. E tenho a certeza de que também o fiz porque não queria alterar o nosso casamento. E não por causa dos teus sentimentos, mas porque não queria arriscar-me a perder a empresa.

Rose desviou o olhar.

– Tens a certeza disso?

– Lamentavelmente, sim.

– Então, muda-o.

– Seria muito mais fácil poder começar do zero, como se nada tivesse acontecido, mas não é isso que temos, pois não, Rose?

– Não, mas temos uma segunda oportunidade. Tu tens uma nova oportunidade de viver, outra oportunidade com a Isabella.

Enquanto Rose dizia aquilo, Leon compreendeu que o desejava, que desejava

aproveitar aquela oportunidade. E também queria uma segunda oportunidade com Rose, embora não soubesse se tinha o direito de lha pedir. E ela também não a mencionara.

Contudo, estava decidido a ser o pai de que Isabella precisava. E também a ser um marido fiel para Rose. Aqueles grandes olhos azuis que, noutra época, o tinham observado com tanto afeto, estavam escurecidos, cautelosos. Mas não tencionava descansar até fazer com que voltassem a olhar para ele como antes.

E ele não era um homem habituado a fracassar no que decidia.

Dois dias depois, ao não encontrar Rose em casa e enquanto se interrogava onde poderia estar, Leon teve outra lembrança repentina. Felizmente, aquela chegou sem sobressaltos.

Havia um jardim de rosas no meio dos jardins a que costumava ir. Era o jardim que a mãe de Rose plantara quando ela era pequena. Era para lá que costumava ir.

Muito animado depois de ter deduzido aquilo sozinho, encaminhou-se rapidamente para o jardim.

Ao vê-lo chegar, Rose observou-o com uma expressão surpreendida.

– Estava à tua procura e pensei que te encontraria aqui.

Rose ficou boquiaberta.

– A sério?

– Sim. Estava a pensar em ti, em onde poderias estar, e recordei este jardim. A tua mãe plantou-o para ti depois do teu nascimento. As rosas eram as suas flores favoritas e foi por isso que te chamou Rose.

– Não sabia... Não sabia que sabias isso sobre mim.

Leon aproximou-se do banco que Rose ocupava e baixou-se à frente dela. Aquela situação fez com que algo familiar ecoasse na sua mente.

Recordou ter estado ali mesmo a olhar para os olhos de Rose, tristes e cheios de lágrimas.

Levantou uma mão e apoiou-a na sua face, tal como fizera então.

– É para aqui que costumavas vir quando estás triste – murmurou.

As faces de Rose coraram ligeiramente.

– Como sabes?

– O baile de finalistas. – Leon pronunciou aquelas palavras ao mesmo tempo que a lembrança regressava à sua mente.

– O quê?

- O teu baile de finalistas.
- Não sabia que te lembravas disso... Nem sequer antes de teres perdido a memória.
- Lembro-me. O rapaz com quem ias deixou-te plantada.
- O convite foi uma brincadeira desde o começo. Ninguém queria ir ao baile comigo. Era demasiado estranha. Gostava demasiado de livros... E tinha medo de tudo.
- Já não me pareces tão assustada.
- Mas estive. Até da minha própria sombra. Tinhas razão quando disseste que vivi a esconder-me.
- Estava zangado quando o disse.
- Eu sei. Mas isso não significa que não tivesses razão.
- Todos nos escondemos de uma forma ou de outra. Eu sei por experiência.
- De que mais te lembras? – perguntou Rose, esperançada.
- Que dançámos.

Aquelas duas palavras bastaram para abrir uma corrente de emoções no coração de Rose. Foi como se um céu carregado de nuvens escuras e ameaçadoras se limpasse de repente, deixando à vista um manto azulado e cheio de estrelas. E Leon pôde vê-lo com total clareza.

Mais ainda, pôde senti-lo.

Quando fora àquele mesmo jardim naquele dia do seu passado, sabia que Rose estaria lá. Sabia que o jovem que a convidara para o baile não aparecera. E encontrara-a ali sentada, cabisbaixa, a soluçar como se lhe tivessem partido o coração.

Sempre vira Rose como uma menina doce e amável. Mas, quando a fizera levantar o rosto e vira as lágrimas nas suas faces, a tristeza profunda que a sua expressão refletia, também vira algo mais.

E, quando a fizera levantar-se para a abraçar e começar a dançar com ela, sentira algo que o aterrorizara. Rose era uma mulher. Já não era uma criança. E já não poderia anular nem esquecer a ligação que acabara de sentir com ela.

Depois, vivera para que aqueles incríveis olhos azuis brilhassem. Porém, a única coisa que conseguira fora fazê-la chorar mais do que qualquer outra pessoa no mundo.

– Lembro-me de ter vindo aqui e de te ter dado a mão para te apertar entre os meus braços. E pareceste-me tão linda... eras demasiado jovem para mim, mas isso não impediu que te desejasse.

Rose deixou escapar um gemido abafado ao mesmo tempo que se afastava de

Leon.

– Acabei de estragar as tuas lembranças? – perguntou ele, arrasado. – Aparentemente, tenho uma capacidade especial para estragar as coisas.

– Não estragaste nada – disse Rose, em voz baixa. – Eu também te desejei.

– Ainda bem que não me apercebi. Caso contrário, é provável que me tivesse aproveitado disso. Não sou uma boa pessoa, Rose.

– És. És um bom homem... O que se passa é que sofreste muito...

– Como podes defender-me depois de tudo o que aconteceu? Se alguém tem a prova de que não há nada de bom em mim, és tu. Fui um marido infiel. Nem sequer fui um marido. Só me portei bem contigo aquele dia, neste jardim de rosas.

Rose abanou a cabeça.

– O que queres que diga, Leon? Que és horrível? Que me magoaste tanto que não sei se alguma vez recuperarei? Que não poderei voltar a confiar em ti?

– Sim. Porque é o que mereço.

– Não sei se isso é verdade. E nunca saberei a menos que tentemos. Não saberei até passar o tempo.

– O tempo – disse Leon, com desprezo. – O maldito tempo. Não sinto nenhum carinho por ele. Tirou-me muito mais do que me deu. A maioria das pessoas melhora com o tempo, mas, segundo sei, eu não parei de piorar.

– Isso não é verdade. O que me dizes da lembrança que acabaste de recuperar? É uma das minhas favoritas e aquela noite começou como uma das piores da minha vida. Foste capaz de transformar um momento horroroso em algo maravilhoso. Alguém que faz isso não pode ser assim tão mau.

– Enquanto tu choravas entre os meus braços, estava a imaginar-me a levantar-te a saia e a tirar-te as cuecas para te penetrar aqui mesmo, entre as rosas. E sabia que eras virgem.

– E achas que a minha imaginação era completamente pura? – perguntou Rose, com uma sobrancelha levantada. – Não fazes ideia de como desejava beijar-te.

– Eu queria fazer muito mais do que beijar-te.

– E eu não teria dito que não.

– Depois, ter-me-ias odiado por isso durante toda a vida – murmurou Leon, roucamente.

O pai de Rose ajudara-o a superar um dos momentos mais difíceis da sua vida. Outra peça encaixou no seu lugar ao recordar aquilo. Conhecera Rose quando ainda era uma criança e adorara-a. Aperceber-se de que já se tornara uma mulher

fora um problema. Naquela mesma noite, libertara a sua frustração sexual com outra mulher. Procurara aventuras constantes de uma noite para se manter afastado da filha inocente do seu mentor.

Porque a verdade era que não tinha nada para oferecer a Rose. Ela precisava de ser amada. De um marido que cuidasse dela como merecia. Queria filhos. Mas ele não queria nada daquilo. Já tivera uma família e a sua perda fora demasiado dolorosa para querer voltar a tentar.

Mas um dia, o pai de Rose, o seu mentor, chamara-o ao seu escritório e revelara-lhe que estava doente. Que estava a morrer e que não havia nada que pudesse fazer. Também lhe confessara que sentia que falhara a Rose como pai, que fora incapaz de lhe dar apoio emocional suficiente quando mais precisara dele. Expressara aquilo com uma dor e um arrependimento dilacerantes. E, depois, rogara a Leon que se casasse com a filha, que a protegesse.

Leon fechou os olhos por um momento e uma nova lembrança surgiu na sua mente, imparável.

Era o dia do seu casamento.

Rose avançava para ele pelo corredor da igreja, vestida de branco, como um anjo.

Quando lhe dera a mão, sentira a garganta seca e o coração quase a rebentar no seu peito. Passara muito tempo a negar a atração proibida que sentia por Rose, a fingir que não a sentia. Mas, de repente, ia transformar-se na sua esposa. Finalmente, poderia fazer o que desejava com ela. Finalmente, poderia realizar as suas fantasias.

Quando Rose levantara o seu véu e chegara o momento de a beijar, Leon não previra a reação que tivera. Assim que os seus lábios tinham entrado em contacto, sentira que o seu corpo ardia. Apesar de ter estado com mais mulheres do que podia contar, a sua reação fora espantosa. Sentira-se perdido no seu sabor, na delicadeza do contacto dos seus lábios, e algo começara a crescer no seu peito, algo começara a transformar-se no seu interior.

E, quando se afastara dela, compreendera que, depois do casamento, não era mais livre para a possuir do que fora antes. A expressão do seu rosto, a felicidade que irradiava, o desejo, o amor. Nunca poderia corresponder a tudo o que Rose lhe oferecia com aquele olhar azul e incrível.

Depois, quando Rose fora para a suíte que tinham reservado para a sua lua de mel, ele não fora ter com ela.

Embebedara-se a tal ponto que fora incapaz de encontrar o caminho. E, se o tivesse encontrado, o seu estado era tal que também não lhe teria permitido ceder

a um momento de fraqueza.

E Rose nunca fora ter com ele desde aquele dia. Nunca lhe dissera nada. Nunca lhe rogara que fosse para a sua cama.

E ele permitira-se acreditar que aquilo era o melhor, que tomara a decisão correta.

– Porque não me disseste nada? – perguntou, quando, finalmente, a corrente de lembranças que enchera a sua mente cessou.

Rose olhou para ele com uma expressão perturbada.

– A que te referes?

– Desejavas-me. Querias um casamento real. Ao veres que não fui ter contigo na noite do nosso casamento, porque não me disseste nada?

Rose deixou escapar uma gargalhada vazia, carregada de amargura.

– Estás mesmo a perguntar-me isso? Esperei por ti, uma noite atrás da outra, mas não vieste. Preferia morrer a perguntar-te porquê. Um homem devia querer estar com a sua esposa. Ela não devia ter de suplicar

O arrependimento que Leon experimentou fez com que se sentisse esmigalhado por dentro. Compreender como magoara Rose com o seu comportamento fez com que se sentisse completamente enojado consigo próprio.

Não pôde dizer nada. Já se desculpava várias vezes, mas aquelas desculpas eram palavras vazias, não bastavam para aliviar as provas contínuas do seu comportamento miserável.

Incapaz de falar, deslizou uma mão por trás do pescoço de Rose e puxou-a para ele para a beijar. Não tinha palavras para expressar o que sentia, mas podia demonstrar-lhe. Podia fazê-la ver a tempestade de fogo que ardia no seu interior.

E, se aquilo fizesse com que ambos ardessem vivos, não se importaria de ser consumido pelas chamas.

Capítulo 10

Leon lembrara-se.

Aquelas foram as palavras que ecoaram na mente de Rose enquanto se entregava ao seu beijo.

Leon recordava aquela noite. E ele também a desejava. Mas não o suficiente. Desejara-a, mas resistira àquela atração. E satisfizera o seu desejo com outras mulheres.

Experimentou uma pontada de dor no peito ao pensar naquilo, mas, ao mesmo tempo, quis perder-se por completo no beijo que estava a dar-lhe naquele momento. O que importava o que acontecera? O que importava o que podia acontecer no futuro?

Na sua noite de núpcias, não lhe rogara que fosse ter com ela porque tivera medo da possibilidade de ser rejeitada. Não quisera enfrentar a verdade e preferira agarrar-se à esperança, por muito escassa que fosse. Preferira continuar a esconder-se, como fizera sempre.

Mas continuar a esconder-se não lhe servia de nada. Não lhe servia de nada baixar a cabeça, esperar em silêncio até chegar o dia em que Leon considerasse conveniente tomar conta dela.

Porém, porque é que alguém haveria de se preocupar com um crustáceo pequeno e pálido, escondido numa concha, com alguém que se comportava como se não quisesse ver a luz do sol?

Contudo, naquele momento, queria ver o sol. Queria sentir o calor dos seus raios na pele. Ali, naquele instante, naquele jardim, queria que o sol acariciasse a sua pele; que Leon acariciasse a sua pele. O que importavam as consequências?

Não tinha nada a perder. Entregara-lhe o seu coração há anos e nunca o recuperara. Leon já a devastara tantas vezes que era um milagre que o vento não tivesse espalhado os seus pedacinhos pelo espaço.

No entanto, não ia permitir que isso voltasse a acontecer. Decidiu-o naquele instante.

Estava decidida a ser mais. A sentir-se cheia. Com os seus próprios desejos. Com Leon. Não ia voltar a ser suficientemente insubstancial para que o vento conseguisse levá-la ou alguém conseguisse ignorá-la.

Retribuiu o beijo a Leon apaixonadamente. Foi um beijo que soube a anos de desejo, de oportunidades perdidas, de tristeza e dor. Mas também houve esperança naquele beijo. Uma esperança por tudo, pois a alternativa era continuar a existir em silêncio.

Desabotoou-lhe a camisa e afastou-lha dos ombros para deixar o seu peito cinzelado exposto. Apoiou a mão no centro do seu peito e mexeu-a na sua pele quente. Depois, inclinou a cabeça e voltou a procurar os seus lábios quase com ferocidade, enquanto sentia a necessidade e o desejo a percorrer as suas veias. Levantou as mãos e segurou no rosto de Leon para saciar a sede que só ele conseguia satisfazer.

Contudo, quando deslizou as mãos para o cinto que rodeava as suas calças, Leon ficou com o controlo da situação. Com um gemido rouco, segurou a saia do seu vestido e puxou-a para cima para lho tirar por cima da cabeça.

Rose ficou exposta à luz do dia, com apenas um sutiã de renda e umas cuecas. Nunca teria imaginado que seria capaz de fazer algo parecido. Jamais.

Mas Leon enlouquecia-a. E não se importava.

Estava possuída pelos sentimentos que lhe inspirava, pela necessidade e pelo desejo que despertava nela. Estava desesperada por sentir a libertação entre os seus braços.

– Não quero magoar-te mais. Não quero voltar a partir-te o coração – murmurou Leon, repentinamente tenso.

– Creio que ambos estamos um pouco partidos. – Rose rodeou-o com os braços pelo pescoço e puxou-o para ela. – Talvez seja por isso que encaixamos tão bem.

Leon acariciou-lhe a face com delicadeza.

– Mas fui eu que te parti.

Rose teve de lutar contra as lágrimas que afloraram aos seus olhos. Teria sido fácil negar aquilo. Teria sido fácil absolvê-lo. Queria fazê-lo. Pelo menos, para tranquilizar a sua consciência. Mas era verdade que a partira. Ou, pelo menos, partira o seu coração. Mais vezes do que conseguia contar.

– Creio que precisava que me partissem – disse, finalmente. – Para renascer e começar a lutar finalmente por mim própria, pela minha vida.

Então, mordiscou o lábio inferior de Leon como fizera da última vez que tinham estado juntos, quando tinham discutido, tinham feito amor e ela chorara.

Naquele dia, sentira-se completamente partida no seu quarto, devastada com a perseverança da enésima traição do marido.

No entanto, naquele momento, sentia que as coisas podiam ser diferentes, não porque o passado desaparecera, nem porque estavam a começar de novo, mas porque sentia que estavam a avançar.

Porque os segredos tinham sido descobertos e, embora alguns deles se tivessem revelado como verdadeiros monstros, pelo menos, conseguia vê-los e aprender a lutar contra eles. Sobretudo, agora, que se sentia totalmente decidida a lutar.

Olhou para Leon e sorriu. Sentia-se poderosa, mais poderosa do que alguma vez se sentira. Sentiu que os músculos de Leon ficavam tensos por baixo das suas mãos e deslizou as unhas pelos seus abdominais, arranhando-lhe ligeiramente a pele. A sua expressão parecia a de um homem lavrado em pedra, tenso por baixo das suas carícias. De repente, Rose sentiu-se possuída pelo desejo de o saborear. Inclinou-se e deslizou a língua pelo centro da sua barriga. Estava faminta dele e pensava que nunca conseguiria saciar-se.

Tinham feito amor quando ele não recordava quem ela era. Tinham-no feito também enquanto ela estava zangada. Mas aquilo era diferente. Era diferente em todos os sentidos.

Daquela vez, Leon não se afastou quando começou a tirar-lhe o cinto. Daquela vez, permitiu que lho soltasse, que lhe abrisse a braguilha, que admirasse o seu membro poderoso, ereto e palpitante quando surgiu das suas cuecas.

Rose sentiu que o ar dos seus pulmões era substituído por puro desejo.

Inclinou-se e deslizou a língua por ele. Leon ficou tenso, segurou-a pelo cabelo e puxou a sua cabeça para trás.

– Não.

– Porquê?

– Não o mereço.

– A vida não se trata apenas do que merecemos. Às vezes, só se trata do que as pessoas querem dar. Ou não. Tu nunca foste a minha recompensa, Leon, nem eu, a tua. Isto não é uma recompensa. Mas é o que quero, o que desejo. Quero saborear-te. Quero sentir-me cheia de ti. Deixa-me fazê-lo.

Depois, pô-lo profundamente na sua boca e o gemido de prazer de Leon quando deslizou a língua por baixo do seu membro percorreu-a como uma onda.

Leon deixou uma mão apoiada atrás da sua cabeça enquanto lhe dava prazer, enquanto sentia prazer por o fazer tremer de desejo, porque a desejava, porque houvera uma época em que conseguira resistir a ela, mas não naquele momento.

Saboreou-o e lambeu-o até começarem a tremer-lhe as coxas, até todo o seu corpo tremer de prazer. E, então, mesmo quando estava prestes a perder o controlo por completo, Leon fê-la afastar a cabeça, arrancou-lhe as cuecas e deitou-a na erva.

Beijou-a profundamente, quase com dureza, e voltou a beijá-la enquanto unia o seu corpo ao dela, penetrando-a. Rose sentiu que havia uma pedrinha por baixo da sua omoplata e soube que ia deixar uma marca. Porém, em certo sentido, era perfeito. Porque aquilo não era algo delicado. Não era algo limpo. Deixaria uma marca profunda na sua alma e sentia que, na sua pele, também devia ficar alguma prova.

Rodeou-o com as pernas pelas ancas, fazendo-o penetrá-la mais profundamente, mais rapidamente, com mais dureza. Cada um dos movimentos de Leon gerou uma onda atrás de outra de prazer no seu corpo e recusou-se a permanecer em silêncio, a não o manifestar. Incentivou-o a continuar, disse-lhe como o desejava, como gostava do que estava a fazer-lhe.

Gemeu roucamente quando alcançou o clímax e todo o seu corpo tremeu enquanto o prazer a consumia.

Depois, deitada com Leon por cima dela, nua, sem sentir nenhuma vergonha, exposta à luz do sol, soube que as coisas já nunca poderiam voltar a ser como antes. Soube que nunca voltaria a ser invisível.

Ali, no lugar em que o seu amor por ele florescera pela primeira vez, encontrara algo novo. O amor por si própria, a necessidade de ter mais do que uma vida afastada do mundo, dos confrontos que a vida real trazia.

Leon deitou-se ao seu lado e apoiou a cabeça sobre um cotovelo para olhar para ela.

– Está na hora de almoçar – declarou, enquanto lhe acariciava a face. – De facto, foi por isso que vim procurar-te.

– Suponho que tenhamos comido a sobremesa primeiro.

Leon riu-se abertamente, com total sinceridade, e o som da sua gargalhada foi um bálsamo para Rose.

– Suponho que sim – concedeu, ao mesmo tempo que deslizava uma mão possessiva pelas curvas do seu corpo. – Suponho que devêssemos ir para casa.

– Não quero – declarou Rose. – Quero fugir para as montanhas. Assim, não teremos de fazer nada. Não me importo com o que recordas ou com o que a imprensa diz. Podes deixar crescer a barba e cortar árvores.

– Gostarias que deixasse crescer a barba e me tornasse lenhador? Podia fazê-lo, mas acho que não devíamos ir para as montanhas.

– Porquê?

– Porque a nossa casa é aqui. A nossa família está aqui.

Rose suspirou, ao mesmo tempo que um desejo intenso se expandia pelo seu peito.

– Tens razão. É aqui.

– Deduzo que queiras... tentar?

Rose soube a que Leon se referia. Ao seu casamento. À possibilidade de serem uma família real.

– Sim – respondeu, com decisão. – Quero, sim, Leon.

Quando regressaram a casa, foi a primeira vez que Rose sentiu que era realmente o seu lar. Foi a primeira vez que sentiu que era a esposa de Leon.

A memória de Leon continuou a melhorar ao longo das semanas, algo que foi muito conveniente, entre outras coisas, porque já era hora de voltar a tomar conta do seu trabalho. Não podia deixar o seu negócio abandonado e esperar que melhorasse, de maneira que começou a trabalhar a pouco e pouco em casa.

De entre as suas lembranças, aquelas com que mais lhe custava a reconciliar-se, eram as que diziam respeito a como tratara Rose durante aqueles anos. A sua mulher era tão linda, tão frágil e tão fácil de magoar como a flor cujo nome usava e não queria saber nada sobre voltar a ferir os seus sentimentos.

Já sabia o suficiente sobre si próprio para funcionar como Leon Carides. O suficiente para começar a ocupar-se do seu trabalho. O suficiente para ser pai. E para ser um marido. Não precisava de mais nada.

Rose entrou no escritório que cada vez partilhavam com mais frequência. Leon segurava Isabella ao colo enquanto lia um relatório no seu computador. Perdera tantas coisas da sua filha que tentava compensá-lo estando com ela sempre que podia.

– Supus que vos encontraria aqui.

– Nunca costumo estar muito longe.

Rose sorriu com uma ligeira tristeza.

– Receio que isso não vá demorar a mudar. Em breve, terás de ir para o trabalho e terás de começar a viajar outra vez.

Leon franziu o sobrolho.

– Sim. Estive a pensar nisso e não vejo nenhum motivo para que a Isabella e tu não viajem comigo. Sei que estiveste ocupada a catalogar a biblioteca e os objetos do teu pai, mas suponho que já estarás bastante avançada.

– Sim. Talvez seja boa ideia se te acompanhássemos nas tuas viagens.

A oferta de Leon fez com que o rosto de Rose resplandecesse e ele sentiu que o seu coração se enchia ao comprová-lo.

– Nesse caso, já está combinado. Também estive a pensar que nunca celebrámos uma festa na casa. Sei que ainda não estamos no Natal, mas, já que vou ter de voltar a dar a cara para me ocupar novamente do meu trabalho, talvez seja bom dar uma boa imagem. Vou ter de me esforçar para recuperar o meu prestígio como investidor. Além disso, há o assunto de apresentar a Isabella como parte da família.

A expressão de dor do rosto de Rose anulou o carinho que, há um momento, enchera o peito de Leon.

– Claro. Tens razão – respondeu, num tom prático.

– É uma necessidade. Mas o mundo não acreditará que deste à luz secretamente. Vou ter de confessar as minhas indiscrições.

Rose assentiu lentamente.

– E suponho que tenha de permanecer atrás de ti como uma esposa devota enquanto fazes a tua declaração.

– Não tens de ficar atrás de mim. Podes misturar-te com os outros e atirar-me tomates, se quiseres.

Rose abanou a cabeça.

– Não tenciono fazer nada que possa prejudicar a nossa família. Não podemos esconder a verdade. A Isabella não é minha filha. Se tentássemos fingir que é, a verdade acabaria por nos apanhar mais cedo ou mais tarde. Nada impediria a April de voltar se visse uma oportunidade de conseguir mais dinheiro. Não parecia uma má pessoa, mas uma mulher que pode encontrar-se ocasionalmente em situações difíceis. E não queremos deixar uma porta aberta para essa possibilidade. Dizer a verdade é a única forma de continuar a avançar.

– Estou de acordo. Faremos uma declaração depois da festa.

– Queres mesmo organizar uma festa?

– Sim. Com a minha linda esposa ao meu lado. Contarei a todos como cuidaste de mim depois do acidente. Dir-lhes-ei que ter estado tão perto da morte me fez repensar as coisas. Que mudei. E tudo será verdade.

– Mas suponho que não lhes contarás a parte da amnésia.

– Creio que não. Além disso, o mais provável é que ninguém acreditasse.

Rose foi sentar-se no sofá junto de Leon e beijou-o na face.

– Suponho que estejamos bastante ocupados a organizar a festa.

– Os empregados vão tomar conta de tudo. Eu prefiro estar ocupado contigo.

Rose sorriu.

– Creio que isso pode resolver-se.

Capítulo 11

Rose observou o seu reflexo depois de vestir o vestido vermelho que escolhera para a festa. Apesar de não poder dizer que lhe ficava mal e de estar muito bem maquilhada, continuou a ver, no reflexo, a insignificante de sempre, a Rose que vivia isolada entre os seus livros.

Apesar de tudo, ia ter de descer para estar com Leon, um homem que nunca seria qualificado como «insignificante».

Respirou fundo para acalmar os seus nervos e pensou que tudo correria bem.

Aquela era a sua primeira festa como casal. Era o símbolo do compromisso de Leon para seguir em frente com ela, de um novo começo.

Olhou para Isabella, que dormia tranquilamente no seu berço. Elizabetta ia tomar conta dela enquanto se celebrava a festa.

Naquele momento, abriu-se a porta e Leon entrou no quarto. Tinha um aspeto magnífico com fato e gravata e não parecia o homem vulnerável e confuso que fora durante aquelas passadas semanas.

O seu olhar toldou-se enquanto observava Rose.

– Estás... Não tenho palavras para te descrever. Nenhuma delas te faria justiça.

Rose sentiu que as suas faces se acaloravam.

– Obrigada.

– Descemos? – perguntou Leon, com um sorriso, enquanto lhe oferecia o seu braço.

A sala já estava cheia de convidados, de homens elegantes vestidos de *smoking* e mulheres resplandecentes. Rose voltou a experimentar uma pontada de insegurança. Leon dissera que não tinha palavras para descrever como estava bonita, mas sabia que, naquele momento, havia ali mulheres que possuíam uma beleza muito mais intensa e exótica do que a dela.

O tipo de mulheres que Leon costumava preferir.

Afastou aqueles pensamentos da sua mente, dizendo-se que, em algum

momento, ia ter de confiar plenamente nele. Os dois meses que tinham acabado de passar juntos tinham sido como um sonho. Leon oferecera-lhe o seu compromisso. Prometera-lho várias vezes. Mas nunca lhe oferecera sentimentos. Nunca lhe oferecera amor. E aquilo preocupava-a.

A atração que havia entre eles tornara-se evidente muitas vezes na cama, e noutros lugares, mas o que aconteceria quando isso mudasse? O que aconteceria se ficasse grávida e o seu corpo se transformasse? O que aconteceria quando envelhecesse?

Contudo, não podia continuar a alimentar aqueles pensamentos, pensou, com firmeza. Não devia concentrar-se naquilo. Não ia continuar a duvidar de Leon.

Um homem alto e moreno aproximou-se deles com uma linda mulher agarrada ao seu braço. A mulher estava visivelmente grávida e o seu aspeto era sereno e elegante. Notava-se que estava muito apaixonada pelo seu acompanhante.

– Carides. Alegra-me ver que recuperaste.

Pela expressão de Leon, Rose soube que não sabia exatamente com quem estava a falar.

– Não nos conhecemos – declarou, imediatamente para lhe dar alguns segundos. – Sou a Rose Tanner. A esposa de Leon.

A mulher pestanejou.

– É um prazer conhecer-te. Eu sou a Charity Amari. Este é o meu marido, Rocco.

– É um prazer – afirmou Rose, aceitando a sua mão.

– A última vez que te vi foi antes do acidente – disse Leon e Rose percebeu que a sua expressão mudara.

– Sim – afirmou Rocco. – Alegra-me que tenhas sobrevivido ao acidente. Embora a verdade seja que, naquele dia, me irritou bastante que tentasses seduzir a minha noiva, que já é a minha esposa.

Rose olhou para Charity e baixou imediatamente o olhar para a sua barriga. Charity riu-se.

– Não te preocupes. Isto foi coisa do meu marido, não do teu. A verdade é que não estava tão subjugada pelo teu como o Rocco achava. Mas, naquele dia, estava zangada com ele, portanto, tinha motivos para se preocupar.

– Felizmente, já está tudo resolvido – declarou Rocco, com um sorriso. – E parece que o mesmo aconteceu com vocês.

– Claro – disse Leon, ao mesmo tempo que rodeava a cintura de Rose com um braço. – Algo que aprendi depois do acidente foi que estava a presumir que teria

sempre a minha esposa, coisa que não voltarei a fazer.

– Porque não voltarás a fazê-lo? – perguntou Rose, sem conseguir conter-se. Sabia o que queria ouvir, mas não sabia porque lho perguntara naquele momento. Embora já fosse demasiado tarde para voltar atrás.

– Porque és muito importante para mim, *agape*.

– Porquê? – insistiu Rose.

– Oh, oh... – murmurou Charity, com um sorriso. – Acho que estás metido num pequeno problema, Leon.

– Isso não é nada novo – respondeu Leon, com tranquilidade.

– Sugiro que o resolves o quanto antes – declarou Rocco. – Alegro-me muito por o ter feito a tempo – acrescentou e, depois, afastou-se de braço dado com a esposa.

Os ciúmes arderam no peito de Rose como o fôlego de um dragão.

– Podes explicar-me exatamente como a conhecestes?

– Estás ciumenta? Sabes muito bem que fui um mulherengo terrível antes do acidente. Mas se vais pensar que cada mulher que cumprimentamos foi...

– Tenho todo o direito de suspeitar. Nestes últimos meses, estivemos a viver num mundo de sonho, Leon. Foi tudo fácil porque estivemos sozinhos.

– Não estivemos sozinhos. Recordo-te a visita de uma das minhas ex-amantes. E não foi fácil.

– Não me esqueci.

– Confias assim tão pouco em mim que te preocupas com o mero facto de haver outras mulheres por perto?

– Quando ganhaste mais do que a minha desconfiança? – quis saber Rose, odiando a parte pequena e malvada de si própria que estava a controlá-la naquele momento. Era apenas insegurança a agitar-se no seu interior como um animal.

– Sei que não a ganhei, mas alguma vez terás de começar a dar-me o benefício da dúvida.

– Responde à minha pergunta.

– Conheci a Charity na noite do meu acidente. Notava-se que estava apaixonada pelo Rocco, o homem com quem está casada agora.

– E, apesar de tudo, tentaste seduzi-la.

– Foi para aborrecer o Rocco. Acho-o insuportável.

Rose baixou o olhar e permaneceu em silêncio. Havia mulheres ali que, sem dúvida, recordariam o que fora estar com Leon, que o recordariam nu, a fazer amor com elas. E ele também o recordaria. Ter de suportar o mero facto de olharem para ele estava a ser muito mais difícil do que antecipara.

– E lembras-te de alguma outra? – perguntou, tensa.
– Queres saber se há ex-amantes minhas aqui? – perguntou Leon, com uma sobrancelha levantada.
– Sim – sussurrou Rose.
– Não há dúvida de que mudaste, Rose. Costumavas ser muito mais dócil.
– Pelos vistos, estás a recuperar muitas lembranças, não é?
– Sim.
– Quem teria podido imaginar que esta festa ia estar tão cheia de tesouros escondidos.

Leon segurou Rose pelo braço para impedir que se afastasse dele. Depois, segurou-a pelo queixo.

– O que tivemos nestas últimas semanas foi bom. Não o estragues, por favor.
– Como podes acusar-me de o estragar? Não fui eu que tive uma réstia de amantes durante o nosso casamento!
– Eu sei que fui eu. E nem sequer o escondi. Estou envergonhado disso. Mas não posso mudar o passado, Rose. Se queres continuar casada comigo, terás de permitir que me afaste dos erros que cometi. Se vais continuar a ver-me sempre como o que fui, nunca conseguirei superá-lo.

– Então, depende de mim, não é? – perguntou Rose, num tom gélido.
– Sim, se quiseres continuar comigo. Se, para ti, vou continuar a ser apenas o homem que te traiu, não acho que tenha sentido seguir em frente.

Aquelas palavras atingiram totalmente o coração de Rose.

– Lamento – murmurou.

Sentira-se nervosa durante todo o dia devido à perspetiva da festa. Não estava a ser ela própria. E aquilo não era justo para Leon.

– Podes dizer-me o que te aconteceu? – perguntou ele, com ternura.
– Não temos de ter esta discussão agora.
– Receio que tenhamos. Sobretudo, porque pareces muito incomodada comigo.

– Não estou incomodada contigo. Mas... Não consigo esquecer que, durante os dois passados anos, adoraste ir para a cama com todas as mulheres que há nesta sala, exceto comigo. E, sim, isso causa-me uma grande insegurança. E é mais fácil zangar-me contigo do que sentir essa insegurança.

– Estás a exagerar. Não fui para a cama com cada mulher que há nesta sala.

– A sério?

– Com um terço delas, talvez. E estou a ser generoso.

Rose riu-se.

– Está bem. Talvez esteja a ser um pouco melodramática. Mas... custa-me a acreditar que isto é real. Tudo mudou tanto... Tu mudaste tanto... Suponho que tivesse medo da perspetiva de acordar um dia e descobrir que tudo voltava a ser como antes.

Leon inclinou a cabeça e olhou para ela com os olhos brilhantes.

– Eu não estou a dormir, Rose. Não vou acordar de nenhum sonho.

– Está bem. Acho que entendo. Mas receio que não haja nenhum protocolo estabelecido para enfrentar coisas como esta.

– Receio que não. – Leon assentiu. – E, agora, o que achas se dançarmos?

Deu a mão a Rose e conduziu-a para o centro da pista de dança. Ela permitiu que a rodeasse com os seus braços e começou a mexer-se ao som da música como se estivesse inundada num sonho, num sonho da sua infância. Estava nos braços do seu marido atraente, a dançar, e pôde ver-se no topo da escada, quando era criança e costumava ver os seus pais a fazer o mesmo.

Finalmente, fazia parte da vida com que sonhara durante tanto tempo. Mas faltava uma coisa para o seu mundo ser perfeito. Isso era o que a inquietava.

– Amor – declarou, com suavidade. – É a falta de amor que me preocupa. Amo-te, Leon. Amo-te com todo o meu coração e preciso que tu também me ames. Isso é o que preciso para me sentir segura. Isso é o que preciso para confiar. Amor.

Leon ficou quieto e rígido e o olhar dos seus olhos escuros tornou-se vazio.

O mundo pareceu desmoronar-se em torno de Rose, as estrelas extinguíram-se. E ela caiu por terra.

Capítulo 12

Leon estava perdido numa lembrança que se esforçara para afastar. Fora a sinceridade do olhar de Rose que a despertara.

Estava a recordar a sua discussão com April há um ano. Imaginara a expressão de Rose quando lhe dissesse que deixara a amante grávida. Porque tivera a brilhante ideia de manter o bebé. Afinal de contas, ele nunca estava em casa e não tinha relações sexuais com ela. Mas de certeza que queria um bebé.

Contudo, aquilo também não podia ser, porque, se o bebé estivesse em casa, ele não poderia evitar acabar por sentir algum apego por ele. E sabia por experiência que um bebé se entranhava por baixo da pele e que o devastaria quando morresse.

Não podia arriscar-se a ter outro bebé e não tivera a mínima intenção de voltar a ficar naquela situação. Odiara-se por ter sido tão irresponsável. Mas tinha dinheiro e podia pagar para resolver a situação. Podia fingir que aquilo nunca acontecera.

De forma que chegara a um acordo com April.

Depois, procurara outra mulher. Uma mulher cujo rosto nem sequer conseguia recordar. Uma mulher que não era nada especial. Porque ele não merecia algo especial.

Voltou de repente para o presente e viu que Rose continuava a olhar para ele com uma expressão preocupada. Com dor.

– O que disseste? – perguntou, atordado.

– Que te amo. E que quero que me correspondas.

Leon viu a sinceridade que havia no seu olhar, a profundidade e pureza dos seus sentimentos refletidas no seu azul limpo. Ela sempre fora assim, pura e verdadeira. Enquanto ele era apenas uma mentira. Não havia sinceridade no seu corpo. Mentia a todos. À sua esposa, às amantes, a si próprio...

Não era nada.

A sua mente voltara a encher-se de lembranças, mas as suas mãos estavam

vazias, e Rose queria que lhe oferecesse algo que não teria podido oferecer-lhe, mesmo que quisesse.

Soltou-a e deu uns passos atrás. Depois, virou-se, saiu da sala para o hall, encaminhou-se para a porta e saiu da casa. Lá fora, começara uma tempestade de verão. Olhou ao seu redor, desesperado para fugir, desesperado para conseguir um adiantamento.

– Leon!

Ao virar-se, viu Rose na soleira da porta, com a sua pequena silhueta iluminada à contraluz do interior da casa. Soube que ela era tudo o que sempre desejara. Era calor, luz, lar... Mas ele não podia aceitar nada daquilo.

– Não – disse, num tom rouco.

– Não vás, Leon.

– Não podemos fazer isto.

– Claro que podemos. – Rose segurou a saia do vestido numa mão e desceu a escada sem se preocupar com a chuva torrencial.

– Não posso – declarou Leon. – Recuperarei outra lembrança. Não posso amar-te. Foi por isso que nunca te toquei. É por isso que não devia fazê-lo. Foi por isso que preferi passar esses dois anos a aquecer a cama de outras mulheres a tocar em ti. Porque não queria magoar-te.

– Mas magoaste. Magoaste-me quando aceitaste casar-te comigo para depois não me tocares. Agora, é tarde para fingir que casar-te comigo foi uma espécie de autossacrifício. Talvez te sentisses culpado, mas sabias que ias magoar-me.

– Pensei... Que talvez pudesse ter-te. Que poderia mandar a minha consciência para o diabo e ter o que queria. Desejava-te, mas, teria sido apenas uma questão de atração, ter-te-ia possuído naquele dia no jardim de rosas. Mas era mais do que isso. O teu pai confiava em mim, mas eu sabia que nunca poderia dar-te o que precisavas.

– E achavas que sabias o que precisava?

– Sim. Queres amor. Queres coisas que nunca poderei dar-te.

– Mas as coisas mudaram, Leon. Agora, tens a Isabella... tens-me a mim...

– Enquanto dançávamos, recordei. Recordei o dia em que a April veio dizer-me que estava grávida. Não pude suportar a ideia de ter de me responsabilizar por uma coisa dessas. A minha vida era perfeita. Apesar de estar casado, vivia como um solteiro e fazia o que queria. Tu eras uma esposa que não tinha de ver, com quem não tinha de falar. Já que não ia deixar-te grávida, pensei em entregar-te o bebé, embora depois tenha pensado que não aceitarias a proposta com agrado.

– Leon...

– Tudo começou com a dor, com a perda, mas acabei por me transformar num homem frio e egoísta e, quando rejeitei a filha da April, isso era a única coisa que me guiava na vida. Tinha perdido a capacidade de amar. Não senti nenhuma tristeza quando renunciei aos meus direitos. Amor? Não amo nada nem ninguém. Nunca serei capaz de te amar.

– Mas sei que me amas, Leon.

– Não. Não te amo.

– Mas estes meses...

– Começámos a ter relações quando eu ainda não tinha recuperado a memória. Não sabia quem eras nem quem eu era. Mas, agora, sei. Sou um homem demasiado devastado para poder voltar a amar alguém. Posso prometer-te fidelidade, mas não posso oferecer-te amor.

– Uma promessa não significa nada sem amor.

– Nesse caso, a decisão é tua, Rose. Não posso fazer-te mudar de opinião.

– Estás a dizer-me que devo limitar-me a acreditar em ti? Sem nada senão a tua palavra?

Leon viu, naquele instante, a oportunidade de fazer o correto pela primeira vez em demasiados anos. Observou o lindo rosto de Rose e memorizou-o. Memorizou cada curva, cada detalhe. Memorizou a cor exata dos seus olhos, a profundidade com que o observavam. Com esperança. Com amor.

– Tens razão em não confiar em mim. Poucas coisas me importam menos do que a verdade. Sei quem sou. Sou o Leon Carides. Nasci na Grécia, odiei a vida de pobreza que me calhou e entrei aqui clandestinamente. Seduzi uma rapariga de uma boa família, prometi que cuidaria dela e, em vez disso, devastei a sua vida. Casei-me com a filha do meu mentor sem ter intenção de cumprir os meus votos. Tive uma filha com uma amante que mal conhecia e acumulei engano atrás de engano sem me incomodar em escondê-los ao mundo, à minha esposa. Nem sequer sei qual é a verdade. E muito menos o amor.

– Eu quero ensinar-te o que é – murmurou Rose, ainda esperançada.

– Mas não serei capaz de aprender.

– Uma vez, disse-te que estavas a pedir o impossível de mim. E tu disseste que, algum dia, e poderia pedir-te para fazeres o mesmo por mim. E que tentarias. Porque não tentas?

Algo se partiu dentro de Leon. Ou talvez já estivesse partido.

– Porque não quero fazê-lo.

Rose permaneceu por um instante onde estava, quieta. Depois, virou-se e

afastou-se de Leon, deixando-o sozinho à chuva.

Deixou-o com todas as suas lembranças, com toda a sua dor.

Ele, simplesmente, continuou onde estava, desejando aquele momento em que a única coisa que tivera na cabeça tinham sido os olhos de Rose. Então, só tinham estado os dois e amá-la fora simples e instantâneo.

E lamentou não poder voltar a ser aquele homem devastado na cama de um hospital, com a única lembrança dos olhos azuis da sua mulher na memória.

Rose afastou-se a correr à chuva. Não se sentia capaz de regressar à festa, de maneira que continuou a correr até chegar ao jardim de rosas. Uma vez lá, ajoelhou-se à frente do banco de pedra, sem se preocupar com o vestido.

Sentia um vazio terrível no seu interior, uma desesperança sombria. Sentia-se totalmente sozinha.

Tremeu por causa do frio e do pânico.

Aquilo era o que mais receava. Estar sozinha. Exigir tanto de outra pessoa que acabasse por decidir que ela não valia o esforço. Fora por isso que nunca exigira ao pai que lhe prestasse atenção. Fora por isso que se limitara sempre a representar o papel de filha submissa e solícita. Fora por isso que não exigira a Leon que a tratasse como uma verdadeira esposa.

Sempre sentira que lhe faltava alguma coisa que todos os outros pareciam possuir. Uma faísca que era incapaz de acender dentro de si própria.

E, quando finalmente tentara, quando finalmente pedira o impossível, Leon não fora capaz de lho dar.

Sentiu que alguma coisa se expandia no seu peito, a raiva, o desespero, que algo estava a mudar no seu interior, talvez porque estava ali sozinha, sem ter de se moldar à presença de ninguém.

Nunca se comportara como se se considerasse uma pessoa que valia a pena. Escondera-se, ficara calada e pálida. Fora fácil imaginar que conseguia superar aquilo quando Leon a beijara e fizera amor com ela naquele mesmo jardim, observando-a com verdadeira paixão. Mas era muito mais difícil fazê-lo à frente do olhar frio e desapaixonado que lhe lançara há alguns segundos.

Contudo, embora Leon pensasse que ela não valia a pena, embora o seu pai nunca o tivesse pensado... Ela pensava que valia a pena.

Naquele momento, compreendeu com absoluta certeza que era assim. Se queria ser uma boa mãe para Isabella não podia ensinar-lhe que uma mulher devia retorcer-se e adaptar-se constantemente para se acomodar às outras pessoas

na sua vida. Não queria que a sua menina baixasse a cabeça na vida e ela não seria capaz de lhe ensinar aquilo se não fosse capaz de viver a sua própria vida daquela maneira.

Levantou-se do chão, abriu os braços e levantou o rosto para o céu. O seu vestido estava devastado e o seu casamento também. Mas a sua vida não.

A sua vida seria o que fizesse dela. Queria amor. Merecia amor. E Leon não tinha de definir esse amor. Sabia que, provavelmente, possuiria sempre o seu coração e duvidava que aquilo pudesse mudar. Mas tinha de mudar a sua forma de enfrentar aquela realidade.

O que verdadeiramente a preocupava era como aquilo afetaria a sua relação com Isabella. Começara a amar a filha de Leon como se fosse dela. E Leon também a amava e queria que tivesse uma mãe. Tinha a certeza de que podiam chegar a um acordo.

Sabia que teria de deixar a sua casa para trás, mas fá-lo-ia. Chegara o momento de amadurecer, de parar de viver no passado, de parar de esperar que as suas fantasias se tornassem realidade.

Era hora de avançar, sabendo que o merecia.

Mesmo que Leon não acreditasse, ela acreditava e isso era a única coisa que importava.

Capítulo 13

Leon estava sozinho no seu quarto, sentado na beira da cama, desolado.

Nem a sua suposta valentia, nem a sua força, nem todo o seu dinheiro tinham bastado para comprar uma alma real, para afastar o medo intenso que dominara a sua vida.

Tivera tanto medo que até negara a existência da sua própria filha.

Levantou-se de repente e saiu para o corredor. Enquanto avançava por ele para o quarto de Isabella, sentiu que o terror, o seu velho amigo, o embargava.

Entrou no quarto e, com uma mistura enlouquecedora de amor intenso e pavor, apoiou a mão nas costas minúsculas da sua filha. Um suspiro profundo escapou da sua garganta ao sentir o seu calor, ao sentir que estava a respirar.

Podia ter chorado de puro alívio.

Pegou na pequena ao colo e apertou-a contra o seu peito. Isabella fez uns barulhos deliciosos enquanto se aninhava contra ele para continuar a dormir. Leon inalou com fruição o cheiro que só podia emanar de um bebé e olhou para ela, encantado. Chegara a pensar que nunca voltaria a sentir aquilo. Não quisera voltar a senti-lo. O preço podia ser terrível.

Contudo, naquele momento, pensou que talvez pudesse valer a pena correr o risco. Não podia ter-se algo tão maravilhoso sem correr nenhum risco.

Sentou-se na cadeira de baloiço que havia num canto do quarto, algo que nunca fizera com Isabella. Fizera-o com o seu filho, há anos. Embalara-o numa cadeira de baloiço parecida e cantara-lhe canções muito provavelmente inapropriadas para um bebé, pois não conhecia nenhuma canção de embalar. Porque fora pai aos dezassete anos.

O seu filho, o seu lindo filho. Nunca se permitira voltar a pensar nele. Enterrara-o num poço profundo no seu interior, o seu amor por ele, a sua dor profunda e terrível.

Mas tinha a certeza de que, se nunca permitisse que aqueles sentimentos aparecessem, nunca voltaria a experimentar algo verdadeiro. Os passados

dezasseis anos da sua vida eram prova disso.

Tinha de superar todas as suas mentiras para poder voltar a viver algo real, tangível.

Dissera a Rose que estava vazio por dentro. Dissera-o a si próprio. Que não podia amar, que não podia sentir mais senão o seu coração tumefacto.

Porém, o problema era que sabia o que era o amor. E também conhecia o seu preço.

E fora por isso que perdera Rose. Fora por isso que a magoara tanto. Não importava que tivesse tentado evitar sentir alguma coisa por ela. Era demasiado tarde. Sentira alguma coisa por ela assim que a abraçara pela primeira vez na noite do seu baile de finalistas.

E esse era o motivo por que, quando fugira dela, o fizera com tal intensidade.

E ainda continuava a fugir. Todos aqueles anos depois.

– Creio que chegou o momento de parar – murmurou, roucamente, no meio do silêncio do quarto.

Tinham combinado um encontro para falar sobre a custódia de Isabella. Rose não vi Leon há uma semana. Também não vira Isabella e sentia-se muito entristecida por isso. A sua aposta na independência, em recuperar a sua autoestima, estava a ter um preço alto. E ainda não sabia se valeria a pena.

Experimentou uma onda de tristeza ao entrar na sua antiga casa. Sabia que podia recuperar a sua vida se estivesse disposta a vivê-la sem amor, mas tinha consciência de que, se aceitasse aquela situação, nunca voltaria a levantar a cabeça.

Pestanejou enquanto subia as escadas, a caminho do escritório de Leon. Estar a fazer aquilo era como submeter-se voluntariamente à tortura. Mas valia a pena fazê-lo por Isabella.

Quando entrou, encontrou Leon sentado atrás da sua secretária. O impacto de voltar a vê-lo foi tal que teve de se obrigar a desviar o olhar.

– Espero que possamos lidar com este assunto de forma civilizada – disse.

– Tens medo de que possa reagir de forma pouco civilizada?

– Talvez esteja mais preocupada com a minha reação.

– Sempre foste uma pessoa civilizada.

– Sim. – Rose voltou a olhar para Leon. – E já estou farta de o ser. Estou farta de me fundir com o mobiliário, de me adaptar a ti, de me limitar a esperar que as coisas aconteçam, de ser tão calada, tão boa...

– Não és assim tão calada nem tão boa. Se fosses, continuarias aqui comigo.

– Sim, claro. A aquecer a tua cama e a afastar-me do meio quando decidisses aquecer a de alguma outra – acusou-o Rose.

– Nunca disse que não seria fiel. – Leon pigarreou antes de continuar. – Mas não nos encontrámos para discutir isso.

– Encontrámo-nos para falar da custódia da Isabella.

– Não. Menti-te. Pedi-te para vires porque queria dar-te uma coisa.

Rose pestanejou rapidamente.

– O quê?

– Tudo. – Leon empurrou uns papéis para ela por cima da secretária. – A casa. A empresa. Sem condições. Amas esta casa e a empresa sempre devia ter sido tua.

– Mas não podes... fui eu que te deixei, o que significa...

– O teu pai pediu-me para cuidar de ti e falhei estrepitosamente. Disse-me que, se me mantivesse afastado, estava a proteger-te, quando, na verdade, estava a proteger-me. Este é o teu lar. Já te roubei demasiadas coisas. Mas juro que te serei fiel se voltares a aceitar-me.

Rose recuou ao ouvir aquilo.

– Não... Não seria capaz de voltar a passar pelo mesmo.

– Estou a dar-te tudo e também a minha palavra. Porque não queres acreditar?

– Não se trata de acreditar em ti, mas em mim própria. O que dirias se a Isabella quisesse casar-se com um homem que não a amasse?

Leon ficou momentaneamente perplexo.

– Diria que se mantivesse afastada de qualquer homem que não a apreciasse como o tesouro que é.

– E achas que deveria ter-me conformado com menos?

– Sou um covarde, Rose. Queria ter-te, mas não às custas de voltar a abrir o meu coração para o amor, para a dor. Mas não consegues imaginar como desejava ser capaz de aceitar o amor que via nos teus olhos cada vez que olhavas para mim.

Leon ainda não se mexera de trás da secretária e Rose ficou onde estava, incapaz de se mexer, pois receava a rejeição. Passara a vida a fugir da rejeição dos outros, de algo que nem sequer tinha de ser mau. Mas o que Leon receava não era a rejeição, era a perda. Passara a vida a fugir de voltar a sentir a dor que a perda trazia.

– Tive de me ver reduzido a nada para compreender com exatidão do que estava a fugir – continuou Leon. – Quando tudo desapareceu, não ficou nada

senão a verdade. Não havia nada, exceto tu. E, então, pude amar-te facilmente. Não tendo passado, era fácil amar-te.

Rose sentiu que o coração se apertava ao ouvir aquilo.

– Não, por favor. Não me atormentes a dizer-me que me amavas enquanto não te lembravas de quem eras.

– Não tento atormentar-te. Quero que saibas a verdade. Todos estes anos... Todo este tempo... foram as coisas partidas em mim que me mantiveram afastado de ti. Foi o destroço que havia na minha alma. Mas havia uma parte de mim que te reconheceu desde o primeiro instante, que reconheceu que eras a minha verdade. Que eras a minha vida. Mas fugi disso. Porque me aterrorizou o que pudesse acontecer se voltasse a amar, a ter esperanças. E quando acordei na cama desse hospital em Itália, já não tinha medo. Tinha-te a ti. E era livre para te ter.

– Mas, agora, voltaste a recordar, portanto, já não serve de nada.

– Claro que serve – disse Leon, enfaticamente. – Serve para tudo. Porque antes me tinha mantido protegido. Não quis tocar em ti devido ao instinto enlouquecido de preservação que me dominava. Apesar de ter a fantasia do que poderia ser ter-te, não tinha o conhecimento, a experiência. Mas, agora, tenho. Quando todo o medo desapareceu, fiquei contigo. Isso é um facto. Na verdade, esqueci-me de mim próprio há dezasseis anos, não há dois meses. Perdi-me na minha dor. E não quero voltar a esquecer, Rose. Não quero que a minha destruição seja o único legado de um filho que tanto amei. Não quero que o meu legado para ti e para a minha filha seja o homem que fui.

Rose teve de se esforçar para respirar, para não ceder à esperança que embargava o seu coração.

– Não tem de ser assim se não quiseses.

– Sempre terei medo. Sempre terei medo de te perder. E, no que diz respeito à Isabella, sempre terei medo dos perigos que espreitam em cada esquina da vida. Porque é disso que trata o amor em grande medida e eu tinha esquecido como pode ser verdadeiramente bonito. Nunca me permiti voltar a recordar o Michael com a mínima sensação de alegria. É difícil. É difícil recordar algo que perdemos. Mas era um bebé maravilhoso e é assim que devia recordá-lo. Devia recordar a época que passei com ele assim.

– Não há uma forma adequada de enfrentar uma coisa dessas, Leon.

– Mas há formas erradas de o fazer. Casar-me com uma mulher, desejar tê-la sem realmente me preocupar com ela, trai-la em todos os sentidos... fui um covarde terrível – repetiu Leon. – E tu... Tu foste valente. Esforçaste-te e lutaste

por nós. Exigiste que reagisse e eu não quis fazê-lo. Na verdade, não te pedi para vires aqui para falar da custódia, nem para te entregar a casa e a empresa.

– O que queres dizer? – perguntou Rose, com suavidade.

– Marquei este encontro porque precisava de te pedir o impossível mais uma vez.

A esperança, a dor e a alegria apoderaram-se de Rose em igual medida ao ouvir aquilo.

– Pedir não custa – murmurou.

– Sou um homem sem nada. Estar comigo não te dará nada. Os papéis estão assinados. A casa e a empresa são tuas. Não tenho nada para te oferecer, exceto eu próprio, e sei que é uma oferta lamentável. Mas preciso de te pedir isto: Perdoa-me, por favor. Dá-me uma segunda oportunidade.

Rose teve de se esforçar para não se precipitar por cima da secretária e acabar entre os braços de Leon.

– Porquê? Porque haveria de te dar uma segunda oportunidade? – perguntou, trémula. – A casa e a empresa não significam nada para mim. Estava disposta a deixar tudo para trás. Não o quero. A única coisa que importa é o teu coração. Estás disposto a retribuir o impossível?

Leon deu a volta à secretária para parar à frente dela e dar-lhe a mão.

– Não – negou, olhando para ela com intensidade. – Não estou disposto.

– Oh – foi tudo o que Rose pôde dizer, perplexa ao ouvir aquilo.

– Porque amar-te nunca foi impossível. E nunca devia ter permitido que sentisses uma coisa dessas.

– Desculpa, mas acho que vais ter de ser um pouco mais explícito.

– Amo-te, Rose. Quando o meu interior era apenas uma mentira, tu eras a única verdade. Quando não conhecia nada, conhecia-te. Quando perdi o contacto com o homem que era, o homem que te amava, ajudaste-me a regressar a casa. Amava-te, mas tinha medo de o fazer. Mas, agora, amo-te sem medo, sem reservas. Preciso de te amar como preciso de respirar e preciso que tu me correspondas.

Uma lágrima deslizou pela face de Rose enquanto sentia que as nuvens escuras que atormentavam a sua alma davam lugar a um céu azul, cristalino e carregado de esperança. Uma esperança mais poderosa do que o receio, do que a raiva, do que a dor. Aquele era o momento de decidir se queria permanecer a salvo, mas ferida, escondendo-se na escuridão, ou se queria sair para a luz e abraçar o perdão, a redenção e o amor.

Mas não havia dúvida possível. Porque tudo o que sempre desejara estava ali,

à frente dela, e só tinha de estender a mão para o aceitar.

– Oh, Leon, eu também te amo. – Rodeou-o com os braços pelo pescoço e beijou-o na face, no queixo e na comissura dos lábios. – Amo-te com todo o meu coração.

– E achas que poderás confiar em mim? Porque não tens motivos para o fazer.

– Isso não é verdade. Apesar de todos os teus pecados, nunca me mentiste.

– Exceto quando fiz os meus votos quando nos casámos.

– Sim, isso foi mau. Mas, dadas as circunstâncias, não tiveste outra opção senão casar-te comigo devido à lealdade que sentias pelo meu pai. – Rose pigarreou antes de continuar: – Eu nunca fui pedir-te o que queria. E nunca te confessei que, antes do acidente, ia pedir-te o divórcio.

Leon recuou ao ouvir aquilo.

– A sério?

– Sim. Achei que estava a ser valente e que, se me afastasse de ti, demonstraria que queria seguir em frente com a minha vida. Mas, na verdade, estava a fugir. Ou fugia ou escondia-me. Mas nunca fui capaz de te expressar o que realmente sentia, o que queria.

– Pede-mo agora – pediu Leon, enquanto a abraçava. – Pede-mo agora.

– Sê o meu marido. Em todo o sentido da palavra. Ama-me. Ama os nossos filhos e incluo a Isabella entre eles. Sê fiel.

– Juro – respondeu Leon. – Serei o teu marido, ser-te-ei fiel e será com prazer. Escolherei diariamente o amor acima do medo e, se alguns dias me custar mais do que outros, irei ter contigo para me ajudares.

– E eu irei ter contigo. Não tenciono permanecer em silêncio quando quiser alguma coisa tua.

– Muito bem.

– Talvez transforme a tua vida num inferno – disse Rose, com um sorriso.

Leon segurou-a pelo queixo e deslizou o polegar pela sua face com delicadeza.

– O único inferno que consigo imaginar é uma vida sem ti.

Epílogo

Leon voltou a casar-se com Rose no ano seguinte. O casamento foi totalmente diferente do que acontecera há três anos, quando uma jovem pálida e insegura de si própria avançara para ele pelo corredor da igreja, consciente de que estava a entregar-se a um homem que não a amava.

As coisas tinham mudado. Ele mudara.

Daquela vez, Rose não tinha o rosto coberto por um véu pesado. Tinha o cabelo solto, com uma coroa de flores cor-de-rosa que acrescentavam um brilho delicado à sua beleza loira e pálida.

Usava um vestido simples, comprido e flutuante em torno dos seus pés. Estava radiante. E, se alguém tivesse perguntado, Leon teria dito sem o mínimo vislumbre de dúvida que Rose Tanner era um anjo. O seu anjo.

Rose salvara-o. Da sua dor, da tristeza profunda e enraizada. Da solidão. E, sobretudo, dele próprio.

Daquela vez, os votos que fez tinham sido escritos por ele próprio. Eram uns votos que não procediam da tradição, mas do seu coração.

– Já te fiz promessas noutra ocasião, Rose, mas eram promessas vazias. E não as cumpri. Pronunciei as palavras, mas mais nada. Mas, agora, quero pronunciá-la e honrá-las. Tu és o motivo por que o meu coração continua a bater. Tu és a razão da minha existência, do meu amor. Prometo-te a minha vida, o meu amor e a minha fidelidade. Sei que nunca haverá felicidade para mim fora disto, longe de nós. Passei anos a desperdiçar o que poderíamos ter tido. Recebi um presente maravilhoso do destino, mas estava demasiado perdido para o apreciar. Mas, agora, sei. Vi a morte de perto, Rose. Vivi-a. E, depois, tive uma vida que só consistia em respirar, mais nada. Contudo, agora, és a vida para mim. A minha vida. O meu fôlego. A minha verdade.

Quando acabaram de pronunciar os seus votos, Rose virou-se, pegou em Isabella ao colo, tirando-a à dama de honor, e apertou-a entre os seus braços, olhando para ela com infinita ternura.

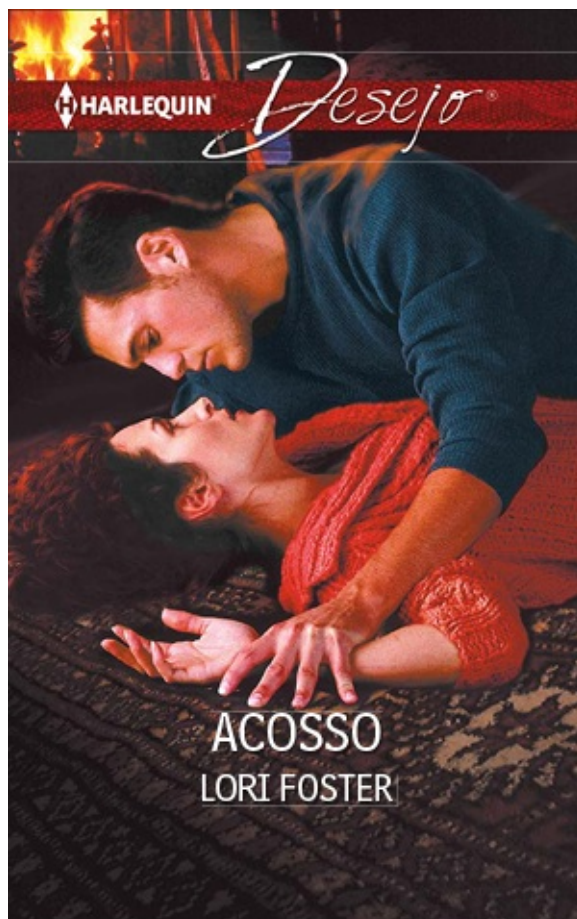
– E também prometo amar-te, pequena – murmurou, emocionada. – Somos uma família.

Depois houve festa, bolo e dança. E a ama teve de levar uma Isabella mal-humorada para o seu quarto.

Mas Leon e Rose continuaram a dançar até à última canção, abraçados, enquanto a música os envolvia e o mundo, as pessoas que os rodeavam e o passado desapareciam ao seu redor.

E a única coisa que Leon pôde ver naquele momento foi os olhos azuis maravilhosos de Rose, cheios de amor e de esperança.

Se gostou deste livro, também gostará desta apaixonante história que cativa desde a primeira até à última página.



www.harpercollinsiberica.com